Histórias do Roseiral



Histórias do Roseiral

Serviços Noturnos de Noverosa

C-D

Copyright © 1996 Rozekruis Pers,
Haarlem, Holanda
Título original:
VERHALEN UIT DE ROZENTUIN
Avondsluittingen op Noverosa
Traduzido da edição alemã
2003
IMPRESSO NO BRASIL

Lectorium Rosicrucianum
Escola Internacional da Rosacruz Áurea

Sede Internacional
Bakenessergracht 11-15, Haarlem, Holanda
www.rozenkruis.nl
info@rozenkruis.nl
No Brasil
www.lectoriumrosicrucianum.org.br
info@lectoriumrosicrucianum.org.br

H673

Histórias do Roseiral:
serviços noturnos de Noverosa C-D
Ilustrações K. Smits – Jarinu, SP: Rosacruz, 2003.
232p.; 21 cm

ISBN 85-88950-05-7

1.Rosacruzes. I.Smits, K.

CCD 135.4

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA ROSACRUZ
Caixa Postal 39 – 13.240 000 – Jarinu – SP – Brasil
Tel (11) 4016.4234; fax 4016.3405
www.editorarosacruz.com.br
info@editorarosacruz.com.br

Índice

Prefácio	*7*
A história	*9*
O homem que tinha um santômetro	*11*
Tomada nove	*15*
A mosca	*21*
João intranqüilo	*29*
O solarium	*37*
Os habitantes de Fio	*51*
A águia	*57*
Em busca do ouro	*63*
Thompkins	*73*
Janos e o outro	*83*
Procurar um culpado	*89*
Uma cotação na bolsa	*95*

O buraco na sombra *105*

Cairo – Gisé *115*

Al nova *125*

A rota da antiga caravana *141*

O cometa das coisas novas *149*

Quem vende a própria risada? *157*

Musée de l´homme – Paris *165*

A palavra *171*

O morto e eu *179*

Aprisionado por trás de portas abertas *187*

Plano de resgate para um povoado do deserto *197*

O caminho para Noverosa *207*

Naud *215*

Relatos de viagem *225*

Prefácio

As histórias compiladas neste livro foram contadas durante as conferências da Escola Internacional da Rosacruz Áurea, para os jovens de 12 a 17 anos, no seu Centro de Conferências Noverosa, na Holanda. Essas histórias são baseadas na literatura e por vezes, em idéias tiradas de revistas e jornais. Todas elas foram escritas com base no ensinamento universal. Elas buscam despertar no jovem leitor algo além do mundano, algo do amor divino perdido com o passar das eras, e que dormita no mais profundo de seu coração.

O rico conteúdo das magníficas histórias possibilita momentos de aquietamento de nossos ânimos tão conturbados pela vida cotidiana e permite uma reflexão sobre aspectos de nossa própria existência, sobre o que fazemos dela e qual o sentido que a ela atribuímos.

Consideramos esta obra uma oportunidade muito especial para apresentar um dos aspectos do trabalho desenvolvido para os jovens que crescem na comunidade da Rosacruz Áurea. Esperamos que muitos corações sejam tocados por ele.



A História

Eu contava a história que é tão antiga quanto o mundo.

Contava-a com fervor.

Foi compreendida?

Contava a respeito do perigo.

Alguém entendeu?

Contava sobre a nova vida, tão terna e, para mim, tão preciosa.

Eu contava essa história para as pessoas que acreditava serem próximas a mim e que me compreenderiam.

Mas elas perguntavam: "Do que você está falando?

O que você quer dizer?

Eu não o entendo!"

E se afastavam. E eu ficava sozinho enquanto contava a história.

Compreendi que eu falava uma língua diferente da língua delas.

Eu as segui, tentei ensinar-lhes a minha linguagem.

Primeiro tentei com paciência.

Depois tentei com emoção.

O resultado foi... nada, absolutamente nada.

E agora?

Eu não tento mais, mas ainda conto a história.

Ainda conto sobre o perigo,

sobre a nova vida, tão terna, tão forte e, para mim, tão preciosa.

Existe alguém, enfim, que saiba ouvir?



O Homem que Tinha um Santômetro

Era uma vez um homem que era diferente dos outros por causa de um santômetro. Poderia ter sido seu vizinho, quem sabe até seja! Talvez seja você mesmo.

Tudo começou mais ou menos dez anos atrás, numa noite de Ano Novo, quando as pessoas formulam suas boas intenções. Sozinho em seu quarto, o homem estava ocupado em elaborar um minucioso plano para tornar-se santo. Era esse o seu grande ideal.

Antes, suas leituras favoritas já eram histórias de santos. Elas falavam sobre os prodígios que eles praticavam e sobre como, por fim, deixavam a vida, o que sempre acontecia de maneira especial.

Logo no início dessa memorável noite de Ano Novo, o homem se questionou se por acaso ele já não seria um santo. Pegou duas fatias de pão de centeio, colocou-as num prato e postou-se diante dele, com os olhos fechados e as mãos juntas sobre a cabeça – assim havia visto num quadro. Então, clamou tão alto quanto podia: "Queijo, queijo, queijo!" Os vizinhos ouviram, e o gato, assustado, enfiou-se debaixo da mesa.

Mas quando o homem abriu os olhos, não havia queijo algum sobre o seu pão de centeio, embora tanto o tivesse desejado.

Depois de consolar-se com várias fatias grossas de queijo que apanhou na geladeira, chegou à conclusão de que não era santo. Quanto a isso, tinha razão. Com um suspiro – pois estava um tanto deprimido – sentou-se na grande poltrona, tendo ao lado um bule

de café, uma lata de bolachas e dois grossos dicionários.

Por fim, quando acabou o café e esvaziou a lata de bolachas, o homem já havia elaborado uma lista composta de três partes.

Acima da primeira parte estava escrito: "O que um santo faz"; acima da segunda: "O que um santo não faz"; e acima da terceira: "Pequenas coisas para todo dia".

Começando a primeira lista constava: "Um santo está sempre feliz". Depois: "Um santo tudo pode". E, em terceiro lugar: "Todos amam santos e um santo ama todos".

As palavras "Todos amam santos" estavam duplamente grifadas. Essa primeira lista não era tão longa. Ele contou apenas 48 itens.

A segunda lista começava assim: "Um santo nunca tem dores". Isso continuava até o item 136 que dizia: "Um santo não põe o dedo no nariz".

A terceira lista era a mais longa. Causaria vertigens contar tudo o que lá estava escrito. Mas o homem propôs-se firmemente a revê-la toda noite, examinar alterações e assinalar o que transcorrera bem.

Seu santômetro estava pronto. O plano foi feito. As três partes juntas compunham uma lista de um metro de comprimento.

Com um bocejo e uma touca de dormir na cabeça, o homem foi para a cama, depois de ter dado ao gato toda a carne que se encontrava na casa e de ter despejado sua aguardente na pia. Guardou o seu cachimbo na última gaveta da escrivaninha, para o caso de o plano fracassar.

Passaram-se anos. O homem travou uma luta até que o papel das paredes amarelou. Toda noite ele revia a terceira lista. Toda manhã, lia as listas número 1 e número 2.

Às vezes, andava pela redondeza zangado consigo mesmo ou pondo um sorriso nos lábios. O sorriso não era autêntico, pois desaparecia assim que ele abria a boca, e apenas sons estranhos saíam de sua garganta. As pessoas ficaram com certo medo dele. Também foi ficando cada vez mais magro e suas olheiras tornaram-se tão profundas que ele levou um susto ao se olhar no espelho.

Uma noite – era a 3.650ª após aquela noite memorável – o homem teve um sonho estranho, porém alegre e inesquecível. Ele via a si mesmo correndo sobre uma enorme superfície plana, amarela, com grandes buracos redondos. No fundo dos buracos havia uma graxa amarela clara.

Depois de correr por algum tempo, ele percebeu que andava sobre um gigantesco pão com queijo e manteiga. O queijo estava liso e, de repente, ele caiu num dos buracos e ficou com manteiga até os joelhos. Ele precisou da ajuda de um canivete para abrir caminho e sair dali. Então, avistou ao longe um grande círculo revestido com papel manuscrito. Ao aproximar-se, viu, admirado, que o círculo estava revestido com suas próprias listas! Sentiu manifestar-se uma alegria em seu interior: sua cabeça vibrava. Com um grito de esperança, saiu correndo e deu um perfeito salto de cabeça, mergulhando através daquele círculo. De repente, tudo ficou diferente, e justamente quando pensou que estava saltando num caos de luz, percebeu que, na verdade, estava sentado na sua cama, todo rígido, piscando com o sol batendo em seu rosto.

Quieto, deixou-se cair sobre os travesseiros para refletir sobre o sonho. Este devia ser o resultado de um reconhecimento que já vinha amadurecendo dentro dele há muito tempo: o de que o caminho que percorrera não conduzia a lugar algum; de que, na verdade, só se

ocupava consigo mesmo; de que não queria aceitar o sofrimento; de que desejava ser admirado e aplaudido... de que desejava ser livre.

Por fim, levantou-se da cama e rasgou as listas em pedaços: Fora com esse santômetro! Fora com isso!

Um pedaço de papel caiu no chão. Nele estava escrito: "...ama todos".

Seria um sinal, como o sonho?

Refletiu longamente a esse respeito. E, na manhã do dia de Ano Novo, ele foi uma das poucas pessoas que não formulou uma única boa intenção.

Tomada Nove



– Silêncio, por favor! Câmera!

– Rodando!

– Som!

– Tomada um e... ação!

– Mas, querido, eu pensei que você me amasse... Por que você está fazendo isso comigo?

– Corta! Ótimo, fantástico, Anniek! Eu só quero ainda que você dê mais entonação ao ME. Então: "Eu pensei que você ME amasse!" Assim fica logo evidente que existe uma outra na jogada, certo? Só mais uma vez. Silêncio, por favor! Câmera! Som! Tomada dois e... ação!

– Mas, querido, eu pensei que você ME amasse. Por que você está fazendo isso comigo?

– Maravilhoso! Assim você está magnífica! Mas, apesar disso, eu gostaria que você fosse um pouco mais dramática. Assim: "Por QUE você está fazendo isso comigo?" Certo? Silêncio! Câmera! Som! Tomada três e... ação!

– Mas, querido, eu pensei que você ME amasse. Por QUE você está fazendo isso comigo? (soluços)

– Ééé!!! É isso mesmo! Excelente, de verdade! Agora eu só quero ainda que...

"Então por que, em nome dos céus, mais uma vez ainda? Se o Rick sempre diz que o meu trabalho está fantástico!? A essa altura já estamos na tomada oito!

Ora, o câmera está dormindo de novo! Com certeza não está focalizando bem o suficiente outra vez! Não. É claro que o problema não é comigo! Olha só o iluminador: ele nem sabe que filtro colocar na frente da lâmpada!

Se pelo menos eles levassem o trabalho deles tão a sério quanto eu levo o meu, seríamos uma equipe de primeira. Da próxima vez, vou insistir em trabalhar só com os melhores profissionais. Aliás, até lá o meu agente já terá conseguido um novo papel para mim e, então, não vou ter de trabalhar mais com esses novatos! Talvez eu precise providenciar roupas bonitas para Hollywood ou Beverly Hills. Até já estou vendo! Meu nome em grandes letras no Teatro Chinês: ANNIEK VAN DER PEN..."

– Querida, você está pronta? Vamos agora para a tomada nove. Você está sendo muito exagerada. Calma, por favor!

– Mas, querido, eu pensei que você ME amasse. Por QUE você está fazendo isso comigo?

– E corta! Lindo, muito bonito! Excelente! Podemos ir almoçar! Espero vocês de volta em meia hora!

"Ah, não!... Que catástrofe, essa mulher! "Por QUE você está fazendo isso comigo?!" Alguém pode imaginar coisa pior? Meu próximo filme, com certeza não rodo com ela! Prefiro convidar Renée Sotenberg. Talvez ela saiba o que faz, afinal, uma atriz!"

À noite, um jornalista chega ao estúdio para uma rápida entrevista com o diretor de cinema Rick Vaas. Naturalmente, pergunta sobre seu trabalho com Anniek van der Pen.

– Ah, sim. Essa mulher é incrível! Ela encaixa direitinho no papel. É bem adequado para ela. Ela é ótima!

Ele só tem de elogiar o seu filme: afinal, precisa garantir o retorno dos milhões investidos. Ele nunca diria o que realmente pensa. E, assim, tudo continua na mesma, dia após dia. Pela manhã, eles chegam ao estúdio e trocam beijinhos, sendo que, na verdade, nem se suportam!

As atrizes gostam de pensar que são especiais e que têm uma aparência maravilhosa. Enquanto isso, o iluminador constata que, quando as luzes se apagam, não sobra nada do brilho das estrelas e que, na verdade, elas têm o mesmo perfil de suas vizinhas.

Mas todos participam desse jogo. Tudo isso não passa de uma grande bolha de brilho e glamour. Afinal, se cada um deles não ajudasse a manter as aparências, tudo desabaria como um pudim. E o que isso custaria para eles? A perda do emprego! Não. Deixemos que eles acreditem nesses sorrisos e reverências!

– Mas, querido, eu pensei que você ME amasse. Por QUE você está fazendo isso comigo?

Com a respiração suspensa Susanne assiste ao filme. Por sorte ainda conseguiu ingresso, pois a sala está lotada até o último lugar. E ela está toda entusiasmada com Anniek van der Pen.

"Olha só que olhos! Eu também preciso experimentar esse delineador", pensa ela. "Quem sabe assim fico mais interessante. Talvez também devesse freqüentar um curso de teatro. Parece fascinante. Eu seria tão famosa quanto Anniek.

Ah, aquelas bobagens de ontem! Eu pensei de verdade que o Arnold se referisse a mim, quando disse aquilo! Mas, é claro que ele estava falando da Laura! Ela é mais bonita do que eu. É... mas, se um dia eu brilhar na tela e todos olharem para mim, ele ainda vai lamentar muito."

Isso também lembra alguma coisa para você? Quantas vezes você está fazendo o mesmo, acalentando planos, pensando em tudo o que já fez no passado e achando que no futuro vai fazer tudo bem diferente? Acontece exatamente o mesmo com as pessoas mais velhas, quando falam nos "velhos e bons tempos", mas nunca falam do agora. Você também: está sempre ocupado com outros tempos – nunca com o agora! Entretanto, nem percebe o que acontece à sua volta, pois só se esforça para ir atrás desta ou daquela imagem ideal.

Quem não gostaria de ser alguém como Anniek em nossa história, ou de ter o que ela tem? Ela, que já se imagina em Hollywood, enquanto seu diretor de cinema não lhe quer dar um novo papel nem mesmo mais uma vez? Ou quem não gostaria, como Susanne, de ficar famosa e fazer todos os planos possíveis para conseguir chegar lá?

Pois é. Precisamos observar que sempre temos uma imagem ideal. Mas, se analisarmos bem, essa imagem

não passa de uma ilusão, de um faz de conta. Vivemos num mundo imaginário que nós mesmos construímos. Vamos acabar com esse filme e com essa tela que nos cerca como uma parede redonda! Só assim nossos olhos poderão ver de modo totalmente novo e descobrir a verdade.

Venha! Levante! Vamos embora daqui! Vamos ao encontro da luz do novo dia!

A Mosca

Vocês podem encontrá-la em toda parte. Até aqui em Noverosa. Ela é um ser que tem uma vida plena de satisfação. Ela presencia muita coisa no mundo, vai a muitos lugares diferentes e é testemunha de eventos bonitos e estranhos, e também de acontecimentos chocantes. Afinal, de quem estamos falando? Nesta noite, queremos apresentar a vocês uma convidada especial: a mosca. Talvez até possamos chamá-la, nesta noite, de nossa mosca doméstica. Com seus olhos de uma perspicácia indescritível, ela observa a vida dos homens. É que, graças à sua tolice, o homem é um rico objeto de estudo que, para ela, nunca se esgota.

Insolente e com uma capacidade de reação muito boa para enfrentar mosquiteiros e outros perigos, nossa mosca doméstica observa todas as atividades desse curioso habitante da terra. Gostaríamos de contar que há uma atividade humana à qual a mosca dedica a maior atenção: o desejo que o homem tem de se locomover do mesmo modo que ela. Com uma espécie de asa artificial, o homem pretende conquistar a possibilidade de decolar da terra.

Principalmente nos últimos anos, as atividades humanas de pairar e voar se desenvolveram muito. Nos anais das moscas é relatado um experimento discutível e ridículo de um homem do tempo antigo. Equipado com galhos, pedaços de tecido e cordas que esvoaçavam intensamente a seu redor, esse infeliz atirou-se



de um alto penhasco e submergiu até os ombros num grande monte de feno que, felizmente, lá estava preparado para amortecer sua queda.

Mais trágico foi o destino de Ícaro, uma figura da mitologia grega. A História das moscas também fala a respeito dele. Dédalo, pai de Ícaro, foi o construtor do mundialmente famoso labirinto de Creta. Lá, junto com o filho, ele foi prisioneiro do rei Minos. Com o auxílio de asas que eles próprios confeccionaram, os dois conseguiram escapar do labirinto e voar sobre o mar. Voando, no seu entusiasmo juvenil, e contrariando as advertências de seu cuidadoso pai, Ícaro aproximou-se demais dos quentes raios do Sol. Suas asas que, em grande parte, eram feitas de cera de abelha, derreteram-se. Diante dos olhos de seu pai, o pobre Ícaro precipitou-se no mar.

Mais uma história das moscas: no início deste século, o Conde Ferdinand von Zeppelin mandou construir enormes aeronaves que, como ele, se chamavam Zeppelin. Os ricos deste mundo cercavam-se de todo o conforto possível nas viagens nessas aeronaves: havia cintilantes taças de champanhe, um escritório, uma biblioteca, até mesmo um salão de dança que era decorado com um piano especialmente leve. Dessa maneira confortável, voava-se através do espaço para o Novo Mundo, como era chamada a

América naquele tempo. O único perigo que deveria ser levado a sério era o gás de hidrogênio, extremamente combustível, com o qual a aeronave era abastecida. Bastaria uma faísca e o veículo seria totalmente incendiado.

Também é possível voar com balões. Um balonista de nossa época descreveu assim suas experiências:

"O ar quente é minha vida. Quando decolo no meu balão, encontro-me numa tranqüilidade que vem de Deus. Tenho a sensação de estar livre da terra. Abaixo de mim vejo as pessoas ocupadas com as pequenas tarefas de seu cotidiano."

A arte de voar já interessava o homem há muito tempo. Para aprender essa arte, ele recolhia sugestões do reino animal: dos insetos, dos pássaros e de alguns mamíferos voadores. Em nossos dias, voar tornou-se possível para muitos. O homem tenta superar a força da gravidade e sondar a possibilidade de sair da conhecida atmosfera terrestre. Neste caso, com cápsulas espaciais e gastando muitos milhões. Com isso, deixa atrás de si toneladas de lixo no espaço sideral, como está acostumado a fazer na terra.

Nossa mosca também sabe contar como se pode fazer experiências de vôos universais, mas, através de métodos menos espetaculares para os olhos. Também aqui podemos confiar na interminável curiosidade da mosca. Ela já foi, por muitas vezes, expectadora de exercícios estranhos, como recentemente em uma espécie de ginásio onde havia pessoas praticando hip-hop. Isso provocou uma fadiga terrível na musculatura que controla o riso da mosca. Também em vários outros lugares ela observou que alguns grupos de pessoas tentavam alcançar esferas superiores através de meditação, danças, inalação de incenso, jejuns ou da

emissão continuada de diversos sons. E uma vez, nossa mosca até tentou acompanhar um alpinista em sua escalada. Também ele busca o superior e luta com a montanha nessa camada alta e refinada da atmosfera.

Há coisas que têm muito valor para o homem, como dinheiro, tempo, energia, e às vezes, a própria saúde e a vida. Assim, ele procura romper limites, descobrir novos mundos, adiar a morte e superar o medo que sente dela.

Certa vez, um homem se apresentou em um festival, na Holanda, com uma estranha e perigosa máquina de fogo. Untando-se com uma pasta não comburente, ele estava em condições de entrar completamente nu nas chamas de sua "máquina mortífera", como ele mesmo a chamou. Quem quisesse, também poderia viver a experiência de passar por uma prova de fogo. Realmente, esta é uma espécie de caricatura da endura, a entrega de nossa personalidade para nosso ser divino latente no coração, a verdadeira tarefa do eu, no sentido gnóstico da palavra. Será isto apenas uma curiosidade, um desejo de sensacionalismo, de romper barreiras? Ou talvez ainda existam outros motivos? Você pode eventualmente examinar isso em você mesmo. Para onde a sua atenção está voltada? Com o que você se preocupa? Você está satisfeito com seu círculo de amigos – de vez em quando uma festinha, um filme interessante, uma bela viagem? Depois disso tudo, você ainda continua a ter consciência de que deve haver algo mais, de que o objetivo de nossa vida vai mais longe?

Muitas pessoas vivem como as moscas, vêem com os olhos das moscas. Elas se encontram, se observam e julgam umas às outras. As conversas incluem lazer ou

aborrecimento e, com isso, todos sentem uma razoável satisfação. Assim, de vez em quando, em meio às evidências, num instante de inoportuno silêncio, pode ocorrer um momento de grande comoção na nossa situação pessoal ou em todo um grupo de pessoas. Às vezes, surge um repentino desejo de mudar tudo, um anseio por alguma coisa nova, uma vontade de ficar livre de todas as coisas que o fazem ficar inseguro, de todas as coisas que ainda devem ser feitas.

Você está nas dunas e vê um falcão voando. Então pensa: "Ele sim, é livre de verdade. Eu também gostaria de ser como ele". Em determinados momentos, quando você é arrancado de sua rota habitual, pode haver uma abertura para algo completamente diferente, uma possibilidade de ser tocado por uma força renovadora que tudo rompe. Em tais momentos você pode se sentir literalmente "tocado pela luz". Você é tirado do seu conformismo, sai do prumo.

A luz procura continuamente uma oportunidade de penetrar o coração e iluminá-lo. O momento em que estamos desligados de nossos hábitos pode significar uma grande mudança. É nesse momento que nosso centro de gravidade pode mudar. O movimento torna-se possível. Então, aquilo que na história da terra é chamado de mudança de pólo pode acontecer dentro de você mesmo. Existe, assim, um momento de ausência de gravidade no qual a sua vida pode tomar um rumo completamente novo. Para conseguir uma mudança como essa, de 180 graus, ter um mínimo de autoconhecimento é uma premissa importante. Lao Tse dá uma descrição do homem que se torna consciente da situação de aprisionamento de sua alma. Ele diz que:

Todos os homens estão serenos e alegres. Todos os homens têm em abundância. Os homens comuns são iluminados pela inteligência. Eles têm uma razão para

tudo, valorizaram e desenvolveram seus argumentos através de estudos muito intelectualizados. Só eu sou tolo. Só eu sou triste. Só eu estou em trevas. Eu sou um caos de enganos, como alguém que tudo perdeu. Lamentavelmente, o mundo tornou-se um deserto e ainda não se vê o fim.

O conhecimento dos homens descritos acima não é sabedoria. Com esse conhecimento que não é sabedoria o mundo torna-se louco.

Quem compreende isso e, com o mais profundo anseio de seu coração, pede pela renovação, pela libertação da força de gravidade desta natureza, este sim, pode ser tocado pela luz. Seu eu não permanecerá por mais tempo no ponto central, mas sim sua Rosa interior, o verdadeiro e eterno centro de seu microcosmo, a flor maravilhosa. Essa flor pode tornar-se nossa grande fortuna, se estivermos preparados para direcionar toda a nossa atenção para ela, para dar a nossa vida por ela. Sua força atômica vai nos conceder asas luminosas como as do lendário pássaro de fogo, sem que a isso esteja ligado qualquer vestígio de prazeres de experimentação.

Para o homem-eu, tal poder é inimaginável, pois ele sempre forma para si mesmo uma imagem a respeito de tudo, imaginando algo como um "objeto voador não identificado", sobre o qual faz as mais primárias especulações. Ele considera como algo perigoso quem tem uma fortuna dessas – a liberação da força da rosa interior – como algo que põe em risco a ordem estabelecida, algo que deve ser eliminado. No passado também foi assim. Fazia-se oposição aos que eram realmente grandes, os que dispunham desse "destino alado". Suas palavras foram e são distorcidas.

Uma caricatura deles pode ser vista nos quadrinhos cômicos de Asterix, o pequeno, astuto, rápido e divertido herói. Nele, encontramos o poderoso símbolo de Hermes, o Três Vezes Grande, numa pobre ilustração de um elmo com pequenas asas. Graças à poção mágica que ele toma sistematicamente, seu modo de pensar avoado não o leva mais longe do que pregar peças astutas nos romanos, as quais, na maioria das vezes, terminam em pancadaria.

As asas nada representam. E a poção mágica é meramente um estimulante de curta duração. O desenhista tem o cuidado de jamais finalizar essa história. Ela sempre recomeça! O mesmo acontece com a nossa personalidade que, por vezes incontáveis, deixou escapar as chances que nos foram oferecidas.

Quem quiser se elevar com asas feitas por si mesmo, vai descobrir, mais cedo ou mais tarde, que, na verdade, não se desprendeu do chão. Tais asas foram produzidas de modo forçado. Reconhecemos isto pela sujeira que elas produzem, pela direção rígida na qual voam e pelas curvas e circunvoluções impossíveis com as quais chegam a seus lugares de destino.

E nossa mosca, o que é feito dela?

Abrimos a janela e lhe devolvemos sua liberdade. Será que um dia também abriremos a janela de nossa alma? No Templo da Renovação, o Templo de Renova, vemos as asas do novo homem, o homem-alma-espírito, representadas no símbolo de Hermes: o bastão alado com a serpente. O novo homem ergue-se como uma libélula, com leveza e movimento transparentes. Este novo homem se elevará nos luminosos raios do sol divino. E, em seu vôo, poderá levar muitos com ele.

Vezes incontáveis deixamos que a luz passasse por nós. O anseio é tratado como uma carta importante que

se destaca entre velhos jornais, com notícias de hoje, ontem e antes de ontem. Em Noverosa, você está entre amigos. Aqui você não precisa lustrar o ego de asas artificiais para poder ser aceito pelos outros. Aqui, o que importa é que possamos ser aceitos pela Luz por meio do caminho do não-eu.

A maravilhosa viagem para o reino da alma começa dentro de seu próprio coração.

João Intranqüilo

Lá atrás, no pomar, a esfera do sol, de um vermelho acobreado, afunda-se na ramagem das árvores frutíferas. O frescor que sucede ao calor do dia, o sol crepuscular, a eminente tranqüilidade absoluta, o aroma de café fresco, tudo isso faz parte desse momento agradável.

À minha esquerda está sentado van Lanswegen. À direita, Ina, sua esposa. Sobre a mesa está um jogo de cartas. É a nossa costumeira tarde de bridge.

Então, o portão se abre e Beekman entra. Depois de nos cumprimentar com seu jeito simpático e barulhento, ele se senta à minha frente. Van Lanswegen pega o baralho e começa a embaralhar. Mas, em seguida, Beekman tira repentinamente um envelope do bolso de seu casaco.

– Ontem à noite recebi esta carta do Intranqüilo, do João Intranqüilo, um velho amigo meu. Vocês o conhecem, não?

Van Lanswegen concorda. Porém, para mim, ele é desconhecido.

– Já faz tempo que ele não mora mais aqui, continua Beekman, mas, de vez em quando nos correspondemos. Na verdade, esta carta foi algo que aconteceu de maneira bastante singular para mim. Por isso eu gostaria de lê-la para vocês.

Ele nos observa com um olhar perscrutador. Ninguém faz objeção e van Lanswegen põe o baralho de volta sobre a mesa. Beekman desdobra a carta e começa a ler.

"Talvez você considere o que aqui escrevo como uma questão sem importância, algo que ocorre a alguém que está cansado. Por longo tempo, eu mesmo pensei assim sobre isso. Mas, depois, passei a ver o assunto de modo diferente e, desde então, aprendi bastante com ele. Analise você mesmo o que tenho a lhe contar.

À tarde, eu sempre volto para casa passeando através do parque da cidade. Depois de um dia de trabalho, é maravilhoso caminhar entre as velhas árvores e o lago cercado de verde. Geralmente eu fico por lá um pouco mais, sentado num dos muitos bancos. Mas, dessa vez, eu estava com pressa, andando rápido, quando, de repente, vi uma tenda bastante grande, armada na parte mais recuada e mais tranqüila do parque que faz divisa com o bairro onde moro. Como fiquei curioso, caminhei até lá e vi a placa acima da entrada.

Teatro de Marionetes

Era o que estava escrito ali, com grandes letras amarelas. Isso me despertou a atenção de tal modo que, apesar da minha pressa, decidi olhar mais cuidadosamente.

Puxei a lona um pouco para o lado e olhei para dentro. No fundo da tenda estava um homem já um tanto idoso, curvado sobre uma caixa. No canto, em diagonal, havia um palco para marionetes. Aqui e ali, pendiam lâmpadas de querosene das varas do teto, e algumas fileiras de bancos estavam arrumadas. Não havia mais ninguém ali, além do homem que identifiquei como sendo o dono do teatro. Quando me dirigi a ele, pôs-se de pé e apresentou-se.

Apesar de já ter pensado suficientemente a respeito, não consigo descrevê-lo melhor. Esse homem

deve ter sido mesmo muito discreto. Nem sei dizer de que cores eram as suas roupas. Apenas seus olhos – estes são a única coisa de que me lembro – seus olhos eram extraordinariamente claros. Eles me deram a impressão de que poderiam enxergar através de tudo.

Perguntei a ele quando seria o espetáculo.

"Diariamente", foi a resposta.

O homem tirou um bloquinho de ingressos de seu bolso e destacou um para mim.

Apontei os bancos vazios.

"O senhor apresenta espetáculos para uma pessoa apenas? Sem dúvida está na parte mais tranqüila do parque. Por que não se instalou em algum outro lugar que tenha mais movimento?"

"Ora", foi a resposta, "onde estou, só vêm mesmo até mim as pessoas que não têm mais tranqüilidade."

Eu sorri e entrei. Quando se é chamado Intranqüilo, é preciso deixar de lado algumas gozações sobre o seu nome.

"Mas o homem nem sabe o meu nome!" me ocorreu de repente. Mas, ao virar-me para perguntar o que ele queria dizer com seu comentário, ele já estava detrás do palco dos bonecos. Inclinou algumas lâmpadas de querosene e mexeu um instante por detrás do palco. Justo quando eu já começava a ficar impaciente, a cortina se abriu. O espetáculo começou.

Um lado do palco era branco, estava completamente vazio e bem iluminado; a outra metade, ao contrário, era escura, totalmente separada da primeira. Aquilo parecia ser uma casa: eu reconheci pelo menos alguns andares. Então, vieram os bonecos. Vestiam roupas de um colorido berrante, apesar de, no escuro, isso quase não fazer efeito. A peça era sem palavras e, realmente, ridícula. Eles davam as mais malucas cambalhotas! No escuro, batiam a cabeça,

implicavam uns com os outros e, então, começavam a brigar, deixavam coisas cair e depois procuravam por elas da maneira mais desvairada. Eles andavam sem rumo pela casa e se perdiam. Era uma excelente encenação.

Mas... estavam errando e se perdendo cada vez mais?

Depois de algum tempo, percebi que nenhum dos bonecos tinha estado ainda no andar mais alto, o sótão, se bem que, algumas vezes, tivessem chegado perto.

Lá embaixo estava um deles, novamente na escada. Ele tocou no degrau e... voltou para trás! Mas de um jeito tão estranho! Era como se ele não tivesse voltado espontaneamente, mas tivesse sido empurrado para trás, puxado de volta! O homem representava com extrema habilidade; sabia sugerir isso com pequenos movimentos. Apesar de eu já não rir tanto, estava cativado.

Novamente, lá embaixo, um boneco chegou até a escada. Ele tentava subir. Eu via, eu quase sentia, como ele era puxado. Sacudia a cabeça, recusava-se a voltar, não desistia! Seus olhos tentavam vencer a escuridão. Então chegou ao sótão. Esquadrinhou todos os cantos e, depois, arrastou-se ao longo da parede até onde entrava um fraco raio de luz através de uma fresta. Suas mãos apalpavam tudo. Ele se apoiou com toda força contra a parede. Vi quanto esforço isso lhe custava. Finalmente, uma fenda se abriu e a luz irradiou para dentro, sobre o seu rosto.

Oh, não...! Ele tinha o meu rosto! O boneco tinha o meu rosto!

Com a respiração presa, levantei-me num pulo. A luz havia desaparecido de novo. A cortina se fechou. Fiquei ali parado, indeciso, depois me dirigi a passos largos para o palco.

O homem estava ocupado em guardar seus bonecos numa grande caixa. Todas as cabeças eram esculpidas de modo indiferenciado, informe, livre. Nenhuma tinha um perfil que realmente pudesse ser reconhecido. Quando dirigi a palavra ao artista, a minha própria voz soou estranha aos meus ouvidos. Por que eu estava tão alterado?

"O senhor representou bem. Mas, na verdade, essa sua peça não tem começo nem fim", comecei a falar.

Ele levantou os olhos.

"Um fim, cada um deve procurar por si mesmo", respondeu ele. "E quem encontra o bom fim, também fica conhecendo o começo."

Esse artista só sabia falar por enigmas?

Claro que ele estava dando a nossa conversa por terminada. Arrumou a caixa com os bonecos e a guardou. Eu encolhi os ombros e saí."

Beekman parou de ler por um momento para tomar um gole de café que, a esta altura, já estava frio. Ninguém dizia coisa alguma. Pouco a pouco, escurecia.

"No dia seguinte, essa experiência não me saía da cabeça. Custou-me o maior esforço concentrar meus pensamentos em minhas obrigações. Decidi ir de novo ao teatro logo depois do trabalho. Talvez possa parecer uma infantilidade o fato de eu me sentir tão tocado por essa vivência mas posso assegurar que, pelo contrário, tudo isso criou uma atmosfera que eu não conhecia, da qual irradiava algo que me atraía como se fosse magnético.

Mal posso descrever minha perplexidade quando cheguei ao parque e não encontrei mais a tenda! O lugar onde ela estava armada no dia anterior estava vazio. Ali só havia um trecho de relva cortada.

Nada indicava que alguma tenda realmente tivesse sido instalada ali, antes. Procurei mais algumas vezes, mas nada encontrei. Então, será que eu tinha apenas sonhado tudo isso? Na verdade, eu costumava sentar em um banco por ali; mas, teria eu deixado minhas fantasias viajarem de modo tão descontrolado?

"O bilhete!" Lembrei, de repente. "Ele deu um ingresso na entrada." Rapidamente, procurei em meus bolsos. Nenhum sinal de ingresso.

Bem, de vez em quando, eu esvazio mesmo os meus bolsos e jogo fora uns trecos. Teria jogado o bilhete com eles? Dominado por sérias dúvidas, cheguei em casa. Será que eu já não podia confiar na minha capacidade mental? O que continuei fazendo naquela noite, eu não sei mais. Só sei que, depois de ter, inutilmente, tentado dormir, dei-me conta de que estava sentado no chão diante do cesto de papéis, à procura do ingresso. Isso foi um indício de que eu conseguia raciocinar bem, afinal.

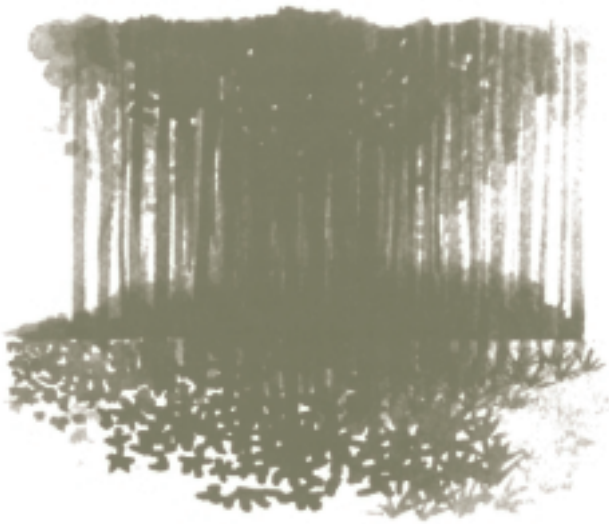
Obriguei-me a ordenar os fatos de acordo com as regras da lógica. Havia duas hipóteses: ou tudo tinha realmente acontecido – e disso, estranhamente, faltava-me, então, qualquer prova, ou tudo aconteceu apenas na minha fantasia.

Uma segunda pergunta me ocorreu: é realmente relevante se isso ocorreu apenas em meu pensamento e não na realidade? Afinal, de onde vêm os pensamentos? Os fatos não podem ter, em ambos os casos, a mesma importância?

Cheguei à conclusão de que este último era o caso. Desse momento em diante, deixou de ser tão importante para mim a pergunta: Será que isso realmente aconteceu? Refleti sobre o significado desses acontecimentos. Procuro sempre por ele. Isso não me dá mais descanso. Entendo agora o que é ser alguém Intranqüilo.

Devagar, comecei a comparar o mundo a essa peça das marionetes e isso é penoso. O que pesa não é ver os outros como bonecos com todas as suas tolices, mas ver você mesmo cometendo os mesmos absurdos.

Também entendi que preciso alargar a fenda, derrubar a parede. Preciso abrir o caminho para a Luz. Só então serei João, João Intranqüilo."



Lentamente, Beekman dobra a carta de novo. Já está bastante escuro. Ninguém quer ser o primeiro a dizer alguma coisa. Até que van Lanswegen se levanta e pede-nos que entremos. Na claridade da lâmpada quebrou-se o estranho silêncio que veio depois da leitura.

– Realmente, uma carta especial, diz van Lanswegen, ou no mínimo, a carta de um homem original.

Beekman e van Lanswegen falam sobre a fantasia humana. Lembram nomes de psicólogos conhecidos,

falam sobre as ilusões, alucinações e manias de perseguição.

"Por que eles só conversam sobre fantasia e realidade? Por que falam sem parar sobre a questão que Intranqüilo achou tão sem importância?" Pensei: "Amanhã vou pedir ao Beekman o endereço de seu amigo."

Van Lanswegen toca-me no ombro.

– E então, por que estava tão silencioso esta noite?

Dou um sorriso e murmuro uma coisa qualquer. Em seguida, nos despedimos.

Percebo, de repente, que não estou voltando pelo caminho habitual. Eu tomei o caminho através do parque.

O Solarium



Esta história é baseada numa idéia do escritor Gustav Meyrink, encontrada em suas notas póstumas. Meyrink faleceu há mais de setenta anos, em 1932. Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri, grãos mestres da Escola Internacional da Rosacruz Áurea, sempre viam em Meyrink um espírito que tinha afinidade com a Gnosis. Já antes da Segunda Guerra Mundial, um de seus livros foi publicado como folhetim na revista da Escola e, ainda hoje, vários títulos estão disponíveis na Editora Rosacruz, a Rozekruis Pers, na Holanda.

Meyrink escreve abordando de forma muito precisa o poder e o conhecimento, as influências invisíveis tanto do mal como do bem deste mundo. Em quase todos os contos, o personagem principal se liberta de ambas as ilusões. Com freqüência isso acontece de forma tão chocante que, por pouco, eles não perdem a vida nessa luta.

Os elementos desta história também poderiam ser típicos de Meyrink: um sentido angustiante da realidade e a grande tensão que se forma.

Apesar da história ocorrer em nossos tempos, é impressionante o caráter visionário de Meyrink. Escolhemos essa idéia porque ela permite reconhecer bem o alcance da influência daquele que se consagra ao tão misterioso átomo centelha do espírito, latente no coração, não apenas para si mesmo, mas também para o seu próximo.

– Palavras, palavras, palavras.

Em seu espaçoso apartamento em Manhattan, vemos o produtor de cinema Leone Mascini, que agora está irritado. A vítima é o seu assistente de direção.

– Falar, as pessoas falam: horas a fio! Mas não fazem nada, porque isso elas não conseguem. Elas deviam saber que palavras são portadoras de nuvens de energia, de força pura, quando se sabe como utilizá-las. Mas isso elas não sabem. Lançam críticas e, assim, esbanjam quantidades inacreditáveis de energia. Desperdício, pecado, desperdício...

Em seguida, ele desata em uma louca gargalhada.

– Ah, mas isso tem de mudar. Todos os que assistirem meu novo filme não poderão deixar de dizer: Deus não existe e, por isso, o bem é desnecessário. Ainda estou completamente arrebatado por esse argumento superoriginal e não tive de pagar um centavo por ele. Aquele foi um negócio muito bom, Giuseppe. Todo mundo vai me agradecer por isso. Depois desse filme, eles não precisarão mais de sentimentos de culpa quando tiverem satisfação com alguma coisa. Vou eliminar suas dúvidas. Eu faço com que possam gozar a vida de novo, sem sentimentos de culpa, sem questões de consciência – e não vai custar

quase nada para eles. Só o dinheiro do ingresso e a sua consciência. Mas, o que significa consciência? Para esses carneirinhos ela já não representa mais nada.

Essa cena extravagante não é nova para Giuseppe Anteluzzi. Nos últimos anos, ou melhor, desde que Don Leone começou o que ele chama de obra da sua vida, situações como esta se repetem de tempos em tempos. Pode-se considerá-las como momentos de pausa na maratona do programa que tem de ser executado diariamente num ritmo frenético. A indústria do cinema, por definição, significa: correr, voar, pedir e seguir instruções, usar fone de ouvido, telefone celular, comer, montar as cenas e, ao mesmo tempo, dirigir. Duas, três horas de sono e continuar. Quem não consegue suportar, não participa dessa disputa asfixiante por muito tempo. Nesse meio, todos estão acostumados a isso.

Mas trabalhar com Mascini é diferente. Ele próprio parece que não dorme. Nas poucas horas de descanso, ele fica sentado, bem ereto, em silêncio total, como que esperando por alguma coisa. Como diretor de cinema, ele está absolutamente na vanguarda. Não há nenhuma decisão sua que, logo de princípio, não tivesse sido genial. Os atores o reverenciam. Muitos acham que ele é louco. Não é só o seu ritmo, mas, também, o que ele diz – ou o que às vezes grita. Mal se consegue acompanhar suas idéias. O pessoal da imprensa, que está acostumado a muita coisa, foge dele por causa de seu sarcasmo. Os fotógrafos são obrigados a entregar-lhe os cartuchos de filmes.

E agora é a mesma coisa. Mas não estão ocupados com uma produção comum. Há mais coisas por trás dela. Para Mascini, não basta apenas o filme. Na estréia, ele deve estar em todas as telas, via satélite. Giuseppe acha completamente absurdo, se encarado objetivamente,

porque ninguém iria ao cinema só por causa disso. Parece que, desta vez, a coisa não é por dinheiro. Mascini determinou que sua empresa comprasse todos os direitos de exibição dos outros distribuidores. Por um momento não deve haver outra coisa para se assistir em todo o mundo. Todo dia há alguma instrução a dar a respeito dessa exigência. Tudo é controlado, até os detalhes, por Don Leone, como ele é chamado. Em todas as lojas de CDs deve haver um display completo com a trilha sonora. Todas as estações de rádio deverão dar atenção ao momento da apresentação do filme. A campanha envolverá muita informação e propaganda. Nesse momento, o mundo não deverá ser informado de outra coisa, senão da nova produção de Mascini. "Diabolicamente esperto, genial. Mas, na prática... as perspectivas são de que vai terminar numa catástrofe", pensa Giuseppe.

Don Leone fechou-se no silêncio. Seus olhos escuros voltam-se para dentro. Seus pensamentos vagueiam pelo passado: sua carreira meteórica nessa atividade iniciada há pouco tempo, o argumento para esse filme sensacional, os longos anos de preparação antes de arriscar um passo na indústria do cinema.

De repente, tudo parece estar interligado. Em suas lembranças, ele vê uma cena do passado. Um bosque de oliveiras, em algum lugar do norte da Itália, seu pai, seu irmão gêmeo, Mário! O tempo está bonito e ameno. Seu pai, já idoso, dá-lhe a bússola e ele se sente orgulhoso com isso.

Quantas vezes ele e seu irmão já conversaram a respeito do estranho objeto do qual seu pai cuida como se fosse um tesouro, tão pequenino, discreto, não maior do que um relógio feminino!

Noite após noite seu pai está ocupado com ela: parece que está ajustando, polindo até brilhar. Ele a guarda com o máximo cuidado em uma caixinha metálica especial. Nela não há uma rosa dos ventos; apenas uma agulha extremamente delgada, feita de finíssima folha de ouro. Embaixo, há uma chapa móvel de madrepérola sobre a qual brilha um minúsculo diamante que aponta para o norte. Pelo menos era isso o que eles pensavam.

"Leone", diz seu pai, "você está com vinte e um anos, de agora em diante é um homem, e por alguns minutos é mais velho do que seu irmão. Dou-lhe este pequeno instrumento porque sinto que esta pobre terra não pode detê-lo em nossa aldeia e que você escolherá o caminho que o levará para longe de nós. Por isso, seu irmão ficará com o terreno. Para você, dou esta jóia centenária. Não é uma bússola, como talvez vocês pensem. Na época em que este instrumento foi feito, ainda não existiam coisas como uma bússola.

Isso é um solarium: ele segue sempre a trajetória do sol. Você vê que a agulha está sempre alinhada com o diamante e aponta para o sol. Não é um instrumento sem importância e, como ele funciona... você mesmo deve descobrir. Mantenha-o bem aquecido e sempre perto de si."

– Que sentimentalismo absurdo, murmura Mascini para si mesmo. Esqueça esse episódio de sua vida.

Agora ele vê em sua memória cenas de sua viagem para o Oriente. Lembra-se um pouco de sua estadia de vários anos na Ásia Central onde, sob a direção de alguns monges, aprendeu a desvendar e analisar o enigma e a estrutura do espírito humano. A Ordem despertou a sua ambição e explicaram-lhe seus textos mais antigos e mais secretos.

A razão que o fez voltar ao Ocidente foi a tolice do homem ocidental, que só sabe brincar, que reclama se tocamos em seus brinquedos, que, com a consciência calada, deixa o resto do mundo padecer de fome ou matar-se uns aos outros.

Por isso, ele está fazendo esse filme. Se o seu projeto der certo, ninguém mais terá necessidade de ir à guerra e derramar sangue. Afinal, grandes guerras existem para endireitar as coisas, assim ele aprendeu. Elas existem para descarregar a enorme tensão na metade invisível do mundo e assegurar o equilíbrio da humanidade através do ódio, para que o poder dos invisíveis possa mantê-la sob controle.

Pois o ódio volta-se contra o conhecimento e o mundo invisível ganha quando as pessoas passam sua vida adormecidas, procuram ser boas por hábito, rezam de vez em quando, acreditam na pátria ou no além. Assim, podem se tornar felizes. É o que ele vai mostrar em seu filme.

Então, ele se lembra de uma noite, há um ano e meio, quando já havia terminado sua meditação noturna. No vestíbulo de seu apartamento estava um homem de traços asiáticos que deu a orientação secreta da Ordem.

– Cumprimentos do supremo e venerável João, Don Leone, disse ele em voz baixa. Não nos esquecemos do senhor, como vê. Aqui está o plano que elaboramos como argumento adequado ao seu âmbito de influência no momento, na sua atividade atual. Não se preocupe com o dinheiro. O senhor pode nos dar algo de pessoal para que possamos nos manter em contato contínuo. Assim, o senhor estará garantindo muito dinheiro e uma torrente de idéias.

Ele deu-lhe o solarium. Trazia-o consigo ao longo de todos esses anos, apesar de não se ocupar mais com

ele há muito tempo. Quando foi mesmo? Durante uma inundação no sul da Índia, ah... não! Naquele tempo ele estava filmando em Bangladesh: agora já se lembrava de novo. Aquilo não tinha mais valor algum para ele, mas, uma criança, chorando, recolheu-o da água lamacenta e o devolveu.

Um sorriso falso insinuou-se no semblante estóico do asiático.

– Isso é muito bom, Don Leone. O senhor vai ver que não haverá nenhum obstáculo no caminho.

O homem havia dito a verdade. Ninguém deixava de seguir à risca suas instruções. Todos sentiam que ele trabalhava em algo muito original. De repente, seus filmes anteriores rendiam ainda mais, o dinheiro afluía. O quadro para a nova produção ficava cada vez mais claro. Cerca de setenta por cento do plano estava realizado, pensou ele. Mas sentia que aquilo consumia suas forças. Reconhecia também que não era eterno: ainda não. Sorriu, um tanto amargamente.

Da Itália, chega-lhe a notícia de que seu pai havia morrido em idade avançada. Agora, seu irmão é o proprietário da chácara que lhe fora destinada e que ele mesmo administrava.

Entretanto, nem sempre se tem tudo na mão. Um plano só tem a força do seu ponto mais fraco. Às vezes, uma criança ingênua se sente satisfeita em influenciar o andamento das coisas.

O misterioso asiático retornou a seu país. Para passar desapercebido, ele viajou com um grupo de turistas. Seu encargo foi realizado muito bem e o resultado estava se mostrando melhor do que a Ordem esperava antes de enviá-lo. Isso era certeza.

"Um pouco de descanso não faria mal", pensa ele. E sorri com certo desdém ao ver como os turistas fotografam tudo. Toda a Europa em duas semanas: um filme para cada país. Catorze rolos de filme para um continente. Isso para passar o tempo. Olha para o seu roteiro. Itália. Aqui deve ser a Itália. Faz calor em Pisa, na catedral e na torre inclinada. Pequenos pedintes italianos rodeiam-no, agarram-no. Quando lhes deu algumas liras, eles vieram com maior insistência, como moscas no mel. "Fora daqui", gesticula.

Foi só no avião de volta para Bangkok que o asiático percebeu que seus bolsos foram vasculhados. Foi-se a sua carteira. A jóia de Don Leone também foi roubada. Fica assustado, mas logo se recompõe.

"O espírito comanda o corpo" é a regra mais importante de sua Ordem. "Um episódio relativamente sem importância nessa história toda", diz o asiático para si mesmo. "No fim, isso certamente não fará diferença. A ligação com Don Leone foi estabelecida, então, as idéias e energias da Ordem fluirão", argumenta ele.

Mário Mascini nunca deixou a aldeia paterna. Agora está sentado debaixo de uma oliveira e toma o seu chá super gelado da garrafa térmica. O garotinho que está com ele é o filho de seu amigo que lhe dá uma ajuda vez ou outra, quando é preciso fazer a colheita.

– Quer tomar alguma coisa, Aldo?

– Quero.

– O que você tem aí?

– Meu tesouro, tio Mário.

Mário tem de conter o riso, mas logo fica sério. Pega um bocado de seu pão.

– Você tem um tesouro de verdade? Como foi que o conseguiu?

– Troquei-o com o Luigi da padaria. Tive que dar todo o meu pacote de bolinhas de gude em troca. É muito misterioso o meu tesouro. Luigi esteve em Pisa sozinho. Eu ainda não, sou muito pequeno. Ah! Não sou pequeno, nada!

– Não. Você não é. Quando a colheita terminar, vou levá-lo. A torre é torta assim... Mário imita com seus braços a posição torta da torre e, ao mesmo tempo, faz uma careta tão esquisita que o menino cai na gargalhada.

– Aldo!

– Hm?

– Posso dar uma olhada no seu tesouro?

– Sim, você sim, tio Mário, diz o menino com muita satisfação. Mas não conte ao Luigi, pois ninguém deve ficar sabendo o que isso tem a ver com ele.

Ao segurar aquela coisinha em sua mão, o coração de Mário bate mais forte. O susto é muito grande. Ele respira com dificuldade e fica pálido.

Ao raspar a sujeira da placa de vidro, mal reconhece alguma coisa através das lágrimas de seus olhos. Então, ele vê que a folha de madrepérola tornou-se fosca e a agulha ficou cinzenta como chumbo. Sente um nó na garganta. A idéia de ter consigo, aqui e agora, neste exato momento, esse minúsculo instrumento que pertence a seu irmão, deixa-o aturdido. E ele pressente, ao mesmo tempo, que as coisas não vão bem para seu irmão.

De casa, ele tenta ligar para Nova York. Ninguém atende. Melhor dizendo: a ligação não se completa! Don Leone não tem tempo. A estréia se aproxima; ele pede para não ser interrompido por telefonemas.

Mário reflete. Como seu pai, ele lustra o objeto. Analisa-o, estuda-o. Ao examiná-lo melhor, percebe

que não consegue abri-lo. O que pode ter acontecido com ele? Com certeza está emperrado pela ferrugem.

Nos estúdios Mascini, Don Leone está sozinho na sala de montagem, ao lado dos monitores de vídeo. Durante a montagem, ele não quer saber de ninguém à sua volta. É um trabalho importante demais. O filme está quase pronto. As cenas estão soberbas, o texto está perfeito, sempre com a maior emoção, o maior ardor, a trilha sonora está magistral. Ele deveria estar contente, orgulhoso. No entanto, não se sente muito bem ultimamente. Sem dar muita importância, ele afasta esses pensamentos.

"Bobagem", pensa ele, "preciso me concentrar. O espírito acima do corpo, não o contrário, ensina a Ordem".

Mas, quando vê o seu próprio reflexo nas telas da sala de projeção, ele se assusta. Faces encovadas, olheiras. Parece mais magro; há uma névoa esverdeada em torno dele. Apetite, também não tem muito.

Quase não sai detrás da mesa de corte, passa horas sentado diante dos monitores resmungando, reclamando.

Do povoado ao norte da Itália, Mário envia uma carta por Fedex para seu irmão.

"Leon, telefone para mim. Encontrei o solarium que você recebeu de papai. Ele está emperrado, sabia? Você não o quer de volta? Se for o caso, eu o levo para você."

Mas nenhuma carta chega até ele. Nos últimos dias antes da estréia não se abre mais a correspondência. Todos estão a postos para, a uma ordem do mestre, começar a distribuição. Alguns dias mais...

Mário sente a tensão crescer. Alguma coisa terrível está na iminência de acontecer, algo indescritivelmente ameaçador. Ele ainda não tinha idéia do que poderia ser.

Já havia lido uma especulação atrás da outra sobre o novo projeto de "nosso conterrâneo Don Leone" como dizia o Corriere della Sera. Presume-se que a mais recente produção dos Estúdios Mascini vai abalar os fundamentos do mundo.

Mário pondera febrilmente a respeito. Agora sabe o que tem a fazer. É ele quem deverá fazer com que o instrumento volte a funcionar, que possa reagir novamente. É a única possibilidade, e é urgente.

Tornar a agulha móvel novamente. Mas como? Um grande pânico quer se apoderar dele. O que seu pai faria? Em sua cabeça, vem um pensamento, com todas as letras:

"Mantenha-o bem aquecido e perto de si".

Ele pensa bem. A caixinha de metal onde seu pai sempre o guardava...

Se ele, quem sabe...

Sim, deve ser isso...

Ele leva a noite toda para executar seu plano. Primeiro, cuida da caixinha. Tira o pó e lixa a ferrugem do lado externo. Precisa dar conta da primeira fase até o nascer do sol. Abre a caixa. Agora vê que existe uma espécie de pequeno fogareiro, mas, que não acende. Ao esfregar o pó que ali havia aderido ele vê que o lado interno brilha como um espelho.

Cinco horas... parece que vai clarear o dia. É hora de ir para o sótão.

Cuidadosamente ele empurra a mesa diante da janela aberta. Ajeita a caixinha e coloca o solarium dentro dela. Depois pega uma potente lupa e segura-a de tal modo que o seu foco incide exatamente sobre o pequeno instrumento. A superfície espelhada do lado interno intensifica o calor em todo o decaedro. Apesar de estar impaciente, Mário sorri.

"Exatamente como se fazia antes, para tentar pôr fogo nos rastilhos", pensa ele.

Passam-se horas. Parece nada acontecer. São mais de onze horas. Sente cãibras no antebraço. Porém, Mário está tranqüilo. Sabe muito bem que essa é a única coisa que ainda pode fazer por seu irmão.

Em Nova York são sete horas mais cedo. Don Leone olha acima dos monitores. "Mais uma hora", pensa. Ele treme, está completamente tonto. Sente a garganta queimar. Gotas de suor brotam na sua fronte. "Vê se não fica doente agora, quando tudo já está quase pronto!", pensa.

São quase doze horas no norte da Itália. O sol está a pino. Mário olha ansioso para o finíssimo mostrador. Tem certeza de que ele não está mais tão fosco assim. Gotas de suor brotam-lhe na fronte. Parece mesmo que ali dentro ocorreu um movimento e, em seguida, um "ping!" quase impossível de se ouvir. Não é o mostrador que se solta, mas a plaquinha giratória. Ela descreve um ligeiro círculo no instrumento. Sobre a madrepérola há uma gota que se vaporiza rapidamente agora. "Lembra uma lágrima de criança", pensa Mário. Ele fica contente porque o pequeno diamante começa a se movimentar na direção da agulha. Mas se paralisa mais ou menos dez graus adiante. Pelo menos não está mais emperrado.

Em Nova York, Giuseppe Anteluzzi abre a porta da sala de montagem. Um espetáculo desvairado apresenta-se diante dele. Centenas de metros de filme rolaram da bobina para o chão. Como um ninho de cobras, eles ondulam acionados e fustigados pela bobina ainda em movimento. Atônito com o susto, ele tenta dar o alarme.

– Onde está Don Leone?

Então ele percebe um vulto no chão, em meio aos alarmantes quilômetros de filme em movimento. Entra em pânico.

"Que o céu me proteja!", pensa. "Don Leone não estará morto? Em cima da hora da estréia..."

Terrivelmente amedrontado, ele vai afastando o filme de um negro esverdeado para longe do corpo de seu patrão e ouve o seu batimento cardíaco. Embora extremamente fraco, o coração ainda está batendo.

– Depressa, depressa, um médico! Chamem a ambulância!

Em Milão, no aeroporto, Mário espera pelo avião. Seu irmão está no hospital, mas soube que ele já está melhor. A seu lado está Aldo, que veio com ele como recompensa pela devolução desinteressada do solarium. Don Leone vai ficar tão contente ao reaver este pequeno instrumento tão sensível totalmente recuperado!

Os Habitantes de Fio

Nossa história transcorre a uma distância inimaginável da terra.

O leitor sabe, com certeza, que o universo tem a forma de uma grande esfera. O planeta a que se refere nossa história, quando é visto a partir da terra, fica a uma boa distância em direção ao outro lado dessa grande esfera. A luz desse planeta demora 1266 anos e 8 meses para atingir o nosso próprio planeta. Parece ser muito longe, mas, no decorrer da história, vocês verão que não é tão longe assim.

O nome do planeta em questão é Fio e ele é o oitavo de um sistema solar que tem um total de treze planetas. A vida em Fio tem uma grande semelhança com a nossa vida aqui. Lá existem árvores, pássaros, coelhos, existe chuva e sol. O que lá não se encontra é gente como você e eu. Os habitantes de Fio são um povo de fiozinhos: a população de todo o planeta é formada só de fiozinhos. Eles são assim chamados porque são mesmo fiozinhos, como o último pedacinho de um novelo de lã, de um rolo de barbante ou coisa assim.

Para que todos possam entender bem, é preciso primeiro fazer uma descrição pormenorizada da vida nesse planeta.

No dia em que um bebê fiozinho nasce de um pai e de uma mãe fiozinhos, ele já é, desde o começo, um ser muito singular. Nenhuma criança é igual a outra. Isso porque ela tem no seu pequeno corpo alguns

minúsculos nozinhos. A família inteira inclina-se sobre o berço dizendo:

– Veja só como os seus cabelos parecem com os do seu irmão!

– São exatamente os nós que sua mãe tinha quando era criança!

– E veja que bonito nó ele tem ali!

– Sim, é hereditário, isso eu bem sei. Meu avô também tinha esse nó.

E assim por diante.

Mais tarde, quando nosso fiozinho cresce e se torna um jovem e lindo fiozinho, os nós que já trazia ao nascer tornam-se também maiores e mais característicos, e aparecem novos nós igualmente bonitos e expressivos.

E vocês perguntarão: "Como um fiozinho do planeta Fio consegue esses nós no seu corpo?"

Isso é muito simples. Quando um fiozinho faz alguma coisa boa, pratica uma boa ação, por exemplo, passa nos exames, põe a mesa por três dias seguidos, ajuda na escola ou se torna presidente, forma-se um nó em seu corpo que é amarrado da esquerda para a direita. Através de uma ação má, por exemplo, quando um fiozinho mente, rouba doces na confeitaria ou não conclui alguma coisa que começou, forma-se um nó da direita para a esquerda.

Em Fio, todos têm alguns de cada tipo, e não existe ninguém que não os tenha.

Até aqui é fácil entender. E a vida seria muito simples se não houvesse fenômenos derivados disso. Porém, eles existem, e muitos! Pois é assim: quando um fiozinho não simpatiza com outro, por exemplo, irrita-se com "aquele imbecil" ou com seu "comportamento insuportável", forma-se um laço entre os dois fiozinhos em questão. O mesmo acontece quando milhares e

milhares de habitantes de Fio entram em guerra com seus semelhantes de outros países. Então, aparecem muitos milhares de nós e os fiozinhos tornam-se um novelo totalmente embaraçado.

Por isso a vida em Fio é bastante amarrada, dizem os seus habitantes.

Emaranhada diríamos, pois em meio a todos esses nós, não há mais ninguém que faça o que realmente quer. Quando um quer jogar frisbee, o outro quer jogar justamente tênis, mas os dois não conseguem livrar-se um do outro porque um nó os prende um ao outro e isso acaba em uma ou outra desavença.

Emaranhada é, na verdade, um termo muito generoso: a vida em Fio é impossível. Fio é realmente um planeta impossível! Mesmo assim a vida cotidiana continua.

Como? Bem, podemos distinguir três grupos de fiozinhos, a partir de três diferentes tipos de reação. Os fiozinhos do primeiro grupo são os mais numerosos. O que têm em comum é agir como se tudo estivesse em ordem. Sua reação sempre é mais ou menos a mesma, logo que se vejam enredados num nó impraticável.

– Ora... A vida em Fio é assim mesmo, dizem.

Quando milhares de fiozinhos se tocam num ponto vulnerável e se aproximam pelas circunstâncias de suas vidas, só sabem expressar sua simpatia através de um único pensamento:

– Ah... a vida é assim.

E quando se prendem num laço:

– Ora... esse é o jogo da vida.

Os componentes do segundo grupo são menos numerosos. Eles têm um modo de vida especial porque conhecem a arte do nó. Sabem que podem causar grande impressão sobre os outros através de determinados nós

que são bem atados da esquerda para a direita. Ou seja: com nós que são conseqüência de boas ações. Inquestionavelmente, esse grupo de fiozinhos é formado de artistas. Eles sabem dar nós artísticos onde ainda não existem. Constituem um grupo de habitantes de Fio que ambiciona alcançar o mestrado na arte do aperfeiçoamento dos nós. Eles dão demonstrações de seus nós com plena consciência dos efeitos que conseguem através deles. Além disso, são mestres em dissimular os outros nós. Ou seja: os nós que são amarrados da direita para a esquerda, que são um pouco menos numerosos. Eles os escondem, por exemplo, debaixo de um terno sob medida ou de um arranjo de flores. Atualmente, também broches de todas as cores são esconderijos muito modernos.

O terceiro grupo é, de longe, o menor. É formado pelos fiozinhos insatisfeitos. Eles perguntam:

– Por que temos de sofrer continuamente com esses penosos e horríveis nós? Eles nos atrapalham em tudo o que fazemos, não podemos correr, nem pular, nem mesmo viajar dignamente. Que inferno!

Eles são realmente ativos, empreendedores. Alguns acompanham suas palavras com ações e dão início a uma pesquisa. Recomendam publicações como "A arte de desatar nós" ou "Tratado sobre a dissolução de nós".

Outros se submetem a tratamento com profissionais desatadores de nós que são médicos especialistas e estudam os signos do céu e das estrelas. Resultados espetaculares também foram registrados com o emprego de métodos revolucionários.

Por exemplo: "Como você pode desatar seus nós através de um salto no nada? Amarre seu fio no galho mais alto de uma árvore e salte no nada. O resultado será determinado pela força de seu salto."

Na realidade, isso causa efeito. Em conseqüência da queda, os nós ficam tão apertados que quase não se consegue mais vê-los. Com isso, os broches e arranjos tornam-se supérfluos. O fiozinho mostra quem é! Porém, os nós não desaparecem, não são realmente desfeitos. Ficam duros e cristalizados e doem mais do que antes.

A tudo isso se acrescenta ainda um agravante inevitável nesse planeta. É o sol. Geralmente, os habitantes de Fio sofrem muitos danos por causa do sol. Os adultos preferem esquivar-se dos seus raios porque eles põem seus nós mais em evidência. Mesmo o menor dos nozinhos impõe-se fortemente através da sombra que projeta. É feio de se ver.

– Oh, não, hoje não vou sair. Não estou disposto a tomar sol!

– Pense no seu perfil, gritam as mães às suas filhas quando estas vão à praia.

Nas drogarias, e também através de receitas, pode-se obter creme protetor de perfil.

Crianças geralmente suportam bem o sol. Para elas não importa muito se as sombras são maiores ou menores.

Daí a razão porque em Fio as casas só têm poucas e pequenas janelas e porque os habitantes de Fio quase nunca saem de casa sem uma proteção sobre a cabeça.

Além disso, os raios solares têm a característica de serem absolutamente retos. Em comparação, os habitantes de Fio contrastam muito, pois eles próprios são completamente retorcidos, embaraçados e esgarçados. Em geral, acham desagradável que isso fique evidente.

Um quarto grupo vem se formando nos últimos tempos, grupo esse que é mais inseguro do que rebelde quanto aos efeitos que realmente podem ser

atribuídos ao sol. Seus representantes animam-se a questionar:

– Será que não existe, apesar de tudo, alguma coisa que seja inteiramente reta, completamente isenta de nós?

Deve ser a imagem dos raios solares retos e dourados que lhes traz essa idéia. Em conseqüência disso, eles têm uma sensação de urgência, um pressentimento de que já não podem mais vacilar.

E agora, inesperadamente, esses dourados raios solares despertam neles lembranças de um fio de ouro que, no seu interior, passa por todos os laços sem formar um único nó: um fio perfeitamente reto!

Imaginem o espanto desses habitantes de Fio que sempre se consideraram como fazendo parte de fibras de linho entrelaçadas, ligadas e amarradas. Parece que já confirmaram que no seu íntimo existe um fio áureo, reto e sem nós. Que descoberta!

Esse quarto grupo se torna cada vez mais ativo. Com a ajuda de todas as luzes desembaraçadas de seu sol, os fios começaram a trançar uma corda. Sim, eles, na verdade, não são mais simples fiozinhos soltos, mas formam um resistente cabo de fios de ouro, e seguem todos na mesma direção. Eles formam uma corda que abrange todo o planeta, que passa por todos os laços e todos os embaraços sem se enredar num único nó. Tão logo um fio se desate de seus próprios nós, ele também poderá ser enlaçado nessa poderosa corda que, enfim, envolve todo o planeta. Eu não sei que resultado isso terá, mas seu alcance parece-me infinito.

A Águia

O vento sopra através da janela do carro e faz bater o quebra-sol fixado no vidro traseiro. O tecido de cor cinza se enche de ar mais uma vez no sentido do interior do carro e, em seguida, é novamente empurrado contra o vidro. Yukio está sentado ali, entediado, e observa o movimento do quebra-sol.

Ele já estava ansioso pelas férias há bastante tempo. As últimas semanas de aula passaram sem muita atenção, sobretudo porque faz muito calor neste verão. Há semanas o sol queima tanto lá do céu que é quase insuportável, mesmo dentro da sala de aula. É verdade que a marquise, na frente da janela, ameniza o efeito dos raios solares, mas não o calor.

Todo dia Yukio voltava a pensar nas férias: não haveria mais exercícios de matemática, nada para decorar, nada de trabalhos escolares.

Não é que ele ache o colégio aborrecido. Geralmente, Yukio gosta de estar lá. É onde ele encontra seus amigos, onde quase todos os professores são simpáticos e, na maior parte das vezes, fazem as aulas ficarem animadas e atraentes.

Apesar disso, férias são uma coisa muito especial! Todo dia podemos ler e fazer coisas interessantes como: nadar, empinar papagaio na praia, construir cabanas na floresta, passear de bicicleta pelos campos, acampar. As únicas obrigações são comer e dormir. O resto, nós mesmos podemos escolher.

Durante as aulas, Yukio pensou muitas vezes nisso: estar de férias significa ser livre e poder fazer o que vem à cabeça.

Mas agora as férias estão aí e ele está sentado no banco de trás do carro, chateado. Sua irmã mais velha está lendo um livro. Yukio já acha que ela está lendo demais. No começo da viagem eles fizeram todos os jogos possíveis. No carro, cantaram alegres canções junto com os pais. E sua irmã apresentava-lhe charadas doidas.

– Yukio, por que os elefantes têm olhos vermelhos?

– Ah, eu não sei, respondeu ele, depois de pensar bastante.

– Muito simples: para ficarem escondidos num pé de cereja.

– Como passar um elefante por baixo de uma porta?

– É só colocá-lo num envelope.

– E como impedir que ele passe por baixo da porta?

– É só dar um nó no rabo dele...

Eles brincaram de decifrar as charadas as mais absurdas durante muito tempo, até que ficaram cansados de tanto rir e também porque seu pai não quis mais participar.

Parecia que muitas horas já haviam passado depois disso. Yukio sente fome e sede. Essa sensação logo passa: afinal, quando fazem uma parada para esticarem as pernas, correm um pouco para lá e para cá e comem seu pão com manteiga. Por isso, ele já não sente fome.

Agora, estar de férias já nem é mais tão interessante. Uma irmã leitora. Mamãe, que está no volante, reage com impaciência se lhe fazem muitas perguntas. O pai agora não quer mais ser importunado, porque assim não consegue prestar atenção e pode errar a saída da auto-estrada. Isso tornaria a viagem de férias ainda mais longa. O banco de trás

está cheio de brinquedos e coisas para as férias – o que não deixa espaço para ele se sentar confortavelmente. Ao seu lado, o quebra-sol bate sem parar.



Com cuidado, Yukio solta os fixadores do quebra-sol e deixa que ele se enrole rapidamente. O sol não o incomoda e, assim, ele pode, pelo menos, olhar para fora.

A paisagem ao longo da estrada é muito bonita. Há muitos bosques e também florestas. Neles vive uma quantidade incrível de animais.

Uma vez, seu avô contou quantos animais diferentes vivem na floresta perto da sua cidade. Naturalmente, havia os famosos coelhos e as lebres, os tímidos esquilinhos, as toupeiras, os ratos d'água, os camundongos do campo, as corças. E, antigamente, também os porcos-espinhos e uma infinidade de insetos e pássaros.

Junto com o avô, ele observava coelhos e pintarroxos. Certa vez, ele ouviu e depois chegou até a ver um pica-pau, aquele passarinho que faz tanto barulho com o bico.

Num de seus passeios noturnos através da floresta, eles descobriram uma coruja. À meia-luz do crepúsculo, com a sua penugem verde acastanhada, ela é quase invisível. A coruja voava bem baixo pelo campo, procurando uma presa. Quando pousou numa estaca próxima, ele pôde ver seus olhos grandes e perspicazes.

Yukio olha através da janela do carro, espreitando a copa das árvores à procura de pássaros. Mas não vê nada de especial, porque o carro está indo depressa demais para que alguém possa reconhecer alguma coisa.

"Talvez esteja quente demais para os pássaros voarem" imagina Yukio. "Na profundeza da mata, onde a luz do sol não chega e é escuro e fresco, os pássaros podem se proteger do calor do meio-dia."

Seus olhos ardem, suas pálpebras ficaram pesadas de tanto olhar na claridade.

Bem alto, acima da mata, Yukio vê um ponto escuro. Com esforço, ele consegue reconhecer um pássaro que voa alto, muito alto. Mas, assim mesmo, consegue distinguir suas grandes asas.

Yukio lembra-se da história da águia, a rainha dos pássaros, que seu avô contou uma vez. Antes, a águia existia na Europa inteira. Agora, apenas esporadicamente se vê esse poderoso pássaro.

As águias são pássaros grandes e fortes que, com seu vigoroso bater de asas, voam pelo ares, alto e rápido como um raio. Com seus olhos agudos, elas espreitam a terra lá embaixo com tanto rigor que não deixam escapar nem os mínimos detalhes.

Yukio pensa demoradamente no pássaro que está lá, planando tão alto.

"Será que é uma águia?" Seu olhar acompanha o vôo circular do pássaro.

"Águias realmente voam muito alto", reflete ele.

De repente, Yukio sente a força da águia dentro dele. Seus braços são poderosas asas. Seus olhos enxergam cem vezes melhor. Sua resistência é inesgotável. Lá embaixo, ele vê estradas e rios que serpenteiam através da paisagem. Ele pode ver aldeias e cidades. Muito, muito longe, ele vê montanhas com picos nevados. E, além delas, as terras que não estão ao alcance das pessoas comuns.

Batendo fortemente as asas, ele sobe ainda mais. Depois as estende amplamente e segue planando. Ele não perde de vista o mundo lá embaixo.

Então, ele vê uma menina vestida de branco que vagueia e procura em vão. Essa menina precisa de sua ajuda.

Ele dispara como uma seta. Em vôo rasante, o mundo abaixo dele vem ao seu encontro. Uma sombra lança-se sobre a menina. Nesse momento, a força da águia derrama-se sobre ela, que estremece. Ao olhar para cima, a menina vê a sombra afastar-se. Admirada, ela olha ao longe e reconhece as montanhas distantes. Repentinamente, sente-se livre e feliz.

Águia Yukio olha mais uma vez para trás, enquanto torna a subir. Com um sorriso, ele percebe longe, lá embaixo, a surpresa e a alegria nos olhos da menina. Através da Águia Yukio ela experimentou um vislumbre do país da liberdade.

O carro breca. Yukio acorda assustado.

Pisca diante da luz ofuscante do sol. Ainda aturdido, lembra-se do sonho que acabou de ter. Ser livre como uma águia. É isso o que ele quer! Acredita que não foi só um sonho. O País da Luz existe! Podemos alcançá-lo se apenas o quisermos absoluta e verdadeiramente.

A tarefa de uma "águia" – isto é, de uma alma liberta – é ajudar todas as pessoas que se decepcionaram com o mundo dialético – o mundo dos opostos – e não vêem mais saída. Filhos do homem que anseiam pela verdadeira liberdade, que procuram a felicidade e aspiram ao bem, a eles a águia traz força e ajuda. Podemos encontrar essas águias no mundo inteiro: seu número é pequeno, porém sua força é extraordinariamente grande. Muitas pessoas anseiam pela liberdade. Mas só quando se voltam para ela é que recebem a força da águia. Então, você mesmo pode se tornar uma águia e voar para o País da Luz, que fica ao longe, por trás das montanhas.

Em Busca do Ouro

Um microcosmo é um mundo perfeito, em pequena escala. Bem no princípio, ele consiste de sete mundos. Em todos esses mundos ele é perfeitamente radiante, claro, transparente, luminoso, ouro límpido, tão puro e ígneo quanto a poderosa energia espiritual do sol que teceu a sua veste.

Mas o microcosmo não cresceu em todos os sete mundos, não: ele ainda está no início de uma evolução especial. Nele estão atuando poderosas energias. No seu núcleo arde um fogo inextinguível que um dia o tornará capaz de coisas grandiosas. Sua consciência está em unidade com o universo divino, uma condição que só podemos imaginar de forma vaga e aproximada. Assim foi o princípio do microcosmo em Deus.

Todavia, um sopro ígneo ainda o atinge. Então você pergunta: "como isso pode acontecer? Como pode uma criatura tão elevada ser assim violada?"

Pode, porque um ser como esse é livre. Porque o sinal que distingue o divino é a liberdade absoluta. O divino é verdadeiramente autônomo, inconcebivelmente sutil e, ainda assim, o microcosmo divino é completamente livre para decidir-se.

E ele decide. Um fogo que se transforma num gélido frio sibila para ele:

"Tome a energia áurea que está em você, o fogo divino... Você não é divino? É tão poderoso..."

Mas por muito tempo ainda o microcosmo não estará em condições de apoderar-se dessa torrente de fogo.

Ele próprio não poderia subsistir diante desse fogo abrasador. A conseqüência seria uma explosão; e as ondas desse choque lançar-se-iam para o interior. No mesmo instante tornar-se-ia impossível, para ele, sobreviver na consciência divina.

Agora, ele precisa de um campo de evolução completamente diferente. E isso exige um longo espaço de tempo. Entretanto, ele não se encontra sozinho nessa longa viagem. No momento da explosão, nesse exato segundo, o essencial do plano de salvação já está pronto e o microcosmo decaído já tem um companheiro a seu lado: aquele que busca o ouro!

Um vento seco e poeirento varre as pradarias, na parte central dos Estados Unidos, quentes como brasa, e torna ainda mais árida a relva amarelada pelo calor. Um sol imperturbável junta-se a tudo que se movimenta – o que não é muito, nesse dia quente de julho de 1887. Até mesmo os gafanhotos permanecem quietos sob esse calor. Saltar não tem realmente sentido, pois qualquer outro trecho é tão árido quanto esse em que eles se encontram.



Então, uma sentinela vê, à distância, uma nuvem de poeira. Um cavaleiro se aproxima. Rapidamente a nuvem aumenta. Deve ser um louco! Nenhuma pessoa ajuizada atreve-se, com esse calor, a sair da região habitada do meio oeste! O estado do cavalo mostra que pode ser outra coisa: traços visíveis de esgotamento. Espuma em flocos brancos em torno de sua boca. De seu pescoço coberto de suor e poeira pende, curvado, o cavaleiro completamente esgotado. Seu nome é Reingolz*. Reingolz? Antigamente se dizia que os nomes têm significado. Hm... Bem, veremos...

Na década de sessenta do século dezenove, muitos imigrantes foram para o Novo Mundo, a América. Reingolz foi um deles, e estava muito esperançoso. Ele foi para ficar apenas por pouco tempo, para ajudar seu irmão. Radiante, acenava para sua mulher e seu filho, que ficaram no porto de Hamburgo: "Até breve!"

Sua esposa não queria deixá-lo ir, mas, enfim, acabou concordando. Ela sabia que não conseguiria retê-lo. Se não lhe desse essa oportunidade, ele não teria mais uma vida feliz.

Lá, na América, algumas pessoas tinham encontrado ouro.

Seu irmão escrevera pedindo-lhe encarecidamente que viesse ajudar a explorar o veio de ouro que havia comprado dos Sioux:

"Não posso confiar em mais ninguém. Você é o único que conheço que não é ganancioso e que não perde o juízo quando vê ouro. Venha e fique por um ano, um ano e pouco. Depois, quando o negócio já estiver

* Do alemão, ouro puro: *Rein* = puro e *gold* = ouro. (N.T.)

andando com suas próprias pernas, você poderá voltar e estará financeiramente bem pelo resto da vida."

Reingolz não podia contrariá-lo. Ele sabia que, para sua esposa, seria difícil compreender isso. Mas, fitou-a e disse:

– O ouro não é tão importante para mim; vocês são toda a minha riqueza. Porém, eu preciso ir, de um jeito ou de outro. Faço isso pelo meu irmão. Não sei qual a razão, mas sinto que devo fazê-lo. Ele merece.

Assim que o navio vindo da Europa atracou em Nova Orleans, Reingolz providenciou as coisas necessárias e viajou para encontrar seu irmão, quinhentas milhas a noroeste.

Nos primeiros tempos eles trabalharam febrilmente para extrair o ouro. Entretanto, desde o início foram ameaçados. Sempre havia dois ou três bandidos no seu encalço, que os impediam de manter seu ouro em segurança.

No princípio, Reingolz escrevia cartas, de vez em quando, para sua esposa e seu filho. Mas seu irmão, Dieter*, deixou claro que aquilo não fazia sentido. Nunca poderiam despachá-las. No entanto, quanto menos escrevia, mais aumentava sua saudade.

Até que, na última luta armada, ele atirou em dois homens. Havia apenas mais um bandido, do qual, com certeza, podiam escapar. Mas também Dieter teve um ferimento a bala que atingiu seus pulmões e, apesar de, no início, não parecer tão grave, levou-o à morte.

E assim Reingolz reiniciou, sozinho, a sua caçada selvagem.

Não que pensasse em todas essas coisas enquanto jazia curvado sobre seu cavalo. Não. Só uma vez ou outra

* Aquele que enriquece. (N.T.)

ele via uma imagem diante de si: o mar onde navegara ou o semblante de sua mulher e de seu filho, tudo confuso. Depois, novamente seu irmão, que lhe disse, enquanto agonizava:

– Monte! Agora isso é com você. Eu sei que você consegue cavalgar no deserto. Você sabe como precisa cavalgar...

Sim, Reingolz escapou de seu perseguidor. Mas, se vai escapar da chama que arde dentro dele, isso ainda é uma boa pergunta...

Nós, que agora o vemos cavalgando assim, não acreditamos que tenha grande chance. Ele tem à sua frente, na sela do cavalo, duas bolsas cheias de ouro de alto quilate. Poderíamos dizer que é uma carga que realmente vale esta cavalgada mortal. Seguramente, se considerarmos que foi obtida de maneira muito honrada – o que raramente acontece quando se trata dessa espécie de riqueza.

A única coisa que Reingolz ainda tem a fazer é registrar seu direito sobre o veio no cartório de Tulsa, em Oklahoma. Já é muito tarde para seu irmão. Parece que para ele, também. Mas ele continua cavalgando. Seria por causa de seu filho?

Porém, ele não agüenta. Profundamente decepcionado, Reingolz morre de sede e esgotamento. E, de acordo com os valores terrenos, mais rico que o sultão dos contos de Bagdá.

E nós, como observadores à distância, nem perguntamos muito o que acontece depois à família ou coisa parecida. Não. Nosso interesse está mais em saber por que ele deu ouvidos a esse impulso soberano de ir em busca do ouro. Seria para ajudar seu irmão a sacrificar sua vida por um insensato ouro? Ouro que possui agora

em uma quantidade que jamais conseguiria gastar? Ouro do qual ele não pode usar nem mesmo um centésimo de grama, agora que tem sede?

Entretanto, mais amarga ainda é a sede e o doloroso desespero do microcosmo que agora experimenta o desperdício de mais uma vida. Seu chamado pela energia áurea não foi ouvido.

No microcosmo, depois do término da vida material de mais um companheiro, morre primeiro o corpo vital, depois o corpo astral. O que a pessoa passou e suportou na vida não é perdido. Aquilo que alguém sentiu de mais essencial na vida sobre a terra torna-se a base para uma vida terrena posterior. E também o que pensou de mais substancial vai determinar o aspecto sob o qual se iniciará a próxima vida.

E, assim, a vida de Reingolz, que teve um fim tão triste, não foi em vão, pois, muitos séculos antes, numa oficina de forjar ouro, em algum lugar de Praga, imperava essa mesma atmosfera de um febril anseio por ouro; e ali poderemos ver dois homens discutindo.

"Rhinegolde" está escrito na tabuleta. "Diterius e Brents* – Alquimistas", consta abaixo.

– Eu já lhe disse tantas vezes, ouvimos um deles dizer, que assim nunca dará certo! Agora temos as três fórmulas, mas, apesar da paciência e do tempo que investimos nisso, jamais chegaremos a fazer ouro se não conseguirmos a pólvora vermelha. Minha decisão está tomada: amanhã viajo para Kefar, em Alexandria. Lá ainda existem sábios que têm conhecimento dessas coisas.

Diterius concorda:

* O iluminado, ou o que tem fogo. (N.T.)

– Acho que você tem razão. Sua esposa também vai?

Brents sacode a cabeça, com firme convicção.

– Vou sozinho, pois assim consigo ir mais rápido. Em maio chega ao mundo nosso primeiro filho. Nessa ocasião já quero estar de volta!

Na manhã seguinte Brents inicia sua viagem para o Egito.

No século IX d.C., o Egito era um país esquecido. Ninguém mais o conhecia no ocidente. Ele nem sequer pertencia ao "mundo conhecido" do império carolíngio. Mas sempre existiram pessoas que conheciam as tradições secretas, que tinham o conhecimento e a sabedoria do Alto e do Baixo Egito antigo e que mantinham seus olhos voltados para o objetivo primeiro, para o ouro da alma que, se fosse suficientemente puro, teria como reação a transformação do chumbo em ouro.

E Brents sai em busca desses sábios para, através deles, obter o segredo. Porém, a pólvora vermelha, elemento especial de Marte, não é encontrada assim tão facilmente. Para isso, é necessário vencer algumas etapas. É preciso conversar com todo tipo de pessoas, que sempre fazem perguntas a respeito de seus motivos. Ele não compreende: ouro, ora essa..., com mil raios..., ele simplesmente quer fazer ouro! E, então, eles abanam a cabeça, esses velhos tolos, e dizem que também não sabem, ou lhe indicam alguma outra pessoa. Entretanto, em determinado momento, passam-lhe às mãos um livro. Tem cheiro de pergaminho; é velho.

Um sujeito, que consideraríamos repugnante e sinistro, sopra em seus ouvidos:

– É o segredo da pólvora vermelha! Você só poderá descobri-lo se invocar Isaboth, o senhor do fogo rubro. Consagre-lhe sua vida. Você terá que passar dez anos nas grutas de Eshbar!

Acho que não desperdiçaríamos um mínimo de nossa atenção com esses tipos, brrr... Mas Brents há muito tempo não pensa mais assim. Acredita que, finalmente, depois de tanta má sorte, encontrou alguém que "sabe". Ele ouve atentamente e concorda com o homem. Depois, viaja para as distantes grutas de Eshbar.

Lá, Brents prolonga sua permanência na mais dura privação. Ele esqueceu sua vida interior. E, nas aldeias dos arredores, correm boatos de que um mago adorador do demônio mora nas grutas. O que o ouro deveria significar para ele é um grande véu de cor purpúrea diante de seus olhos.

Os anos passam. Ele não desiste. Faz leituras, sabe o livro de cor, segue todas as instruções. Noite e dia faz experiências. Porém, os segredos da alma não se deixam violar, pois são de natureza totalmente diferente!

Então, já velho e enrijecido, ele vê no horizonte um outro ancião vindo ao seu encontro; ancião este que, no entanto, conservou um pouco mais de agilidade do que ele. Ao aproximar-se, Brents percebe a presença de uma jovem mulher a seu lado. Numa fração de segundo, julga reconhecer o ancião "não... sim... deve ser... é Diterius, meu irmão!"

Brents sai coxeando, tenta empertigar-se, murmura:

– A pólvora vermelha, falta pouco para eu conseguila. Tivemos êxito!

Diterius abraça-o.

– Encontrei meu irmão, diz ele, simplesmente. Quando perguntei por você, disseram que não o conheciam; mas disseram também que, com certeza vivia nas grutas um adorador do demônio, um mago perigoso e de "olhos maus"! Comprei a sua libertação de Isaboth. Seus guias e seguidores riem-se de um tolo como você. Venha, vamos voltar. Sua filha veio comigo. Ela pretende se casar e, afinal, ver seu pai.

Porém, Brents já não se move. O choque de revê-los e ainda mais o choque do que lhe contou Diterius atingiu seu coração. Desfazer-se do estranho deus com seus olhos em brasa custa-lhe mais força do que possui: custa-lhe a vida.

*

Custa também uma vida para o microcosmo. De seu ponto central eleva-se um anseio por conhecimento, uma súplica, enfim, para tirar os véus da matéria púrpura da cegueira do eu. Se uma personalidade não conseguir aprender durante a vida, suas experiências serão assimiladas pelo sistema microcósmico que verá novamente a vida que findou, mas de outra maneira. Então será possível compreender o que causou aos outros em todas as situações vividas pelas sucessivas personalidades: se foi amizade, bondade, justiça, ele experimentará esses sentimentos; se foi mesquinhez e infortúnio, será isso o que ele experimentará. Do contrário, como iria ele aprender? São as leis da vida. É a única maneira do homem aprender: o que ele semeia, isso colherá.

Entretanto, ainda existe um anseio que perdura ao longo de todo o percurso do microcosmo. É o pedido de que jamais uma personalidade tocada pelo chamado do núcleo do seu ser queira conduzir esta vida modificando tudo.

Sigamos o narrador dando uma olhada no futuro. Oh, não; não faremos isso. Vamos nos dar por satisfeitos com o que o presente nos ensina.

Em algum lugar do continente europeu moram os dois irmãos Goudrijn. Eles têm pouco mais de vinte anos. Um vai ser médico e o outro está quase concluindo

sua formação como engenheiro agrônomo. Nada espetacular. Se algum narrador lhes contasse uma história a respeito de uma cavalgada no deserto ou de um pseudo-alquimista e adorador do diabo, eles diriam:

– Hei! Esse filme eu ainda não assisti. Onde está passando?

Eles não são sensacionais. Até que são simpáticos, mas não muito excêntricos ou diferentes. Para eles, ouro não significa mais do que aquilo que é usado para preencher obturações e fazer alianças de casamento. São, no entanto, pessoas dinâmicas, animadas e muito desembaraçadas que observam o que acontece à sua volta. E, além disso, praticam muito esporte. Com certeza, mais tarde, desempenharão seu trabalho com competência e alegria. Mas também sintonizaram seus sentidos e sua vida num objetivo aparentemente simples, que irradia nitidamente em todo o seu ser: no ouro da nova alma, no Outro que vive para não mais morrer!

Então, é certo que o microcosmo, junto com seu companheiro, aquele que encontrou o ouro, atravessará novamente o domínio do eu e seus ídolos, com uma dinâmica extraordinária, até a região iluminada de uma nova vida, para onde nós não mais o poderemos seguir.

E, uma vez cruzada a fronteira, o microcosmo voltará a viver perfeito e radiante em seu próprio campo de vida, num mundo espiritual sétuplo, rico em ouro da alma, rico em experiência, aspirando firmemente pela continuação de seu desenvolvimento.

Thompkins



– As leis de caça da África Equatorial são omissas a respeito do aprisionamento de animais, disse Thompkins. Animais são completamente irracionais. O leão só mata quando tem fome. Ele não mata por dinheiro ou levado por uma insatisfação consigo mesmo, como os homens.

Mas, naquele momento, suas palavras não me atingiram.

Thompkins tomou um gole do café forte e doce. O reflexo da fogueira do nosso acampamento brincava na sua camisa de safári.

Uma das virtudes mais evidentes desse guia profis sional que contratei para caçar elefantes era que ele falava pouco. Na maior parte das vezes parecia que ele estava escutando, não tanto a mim, mas a algo, a ALGO com letras maiúsculas.

Será que ele escutava a noite – a misteriosa abóbada da noite que caminha com a rotação da terra pelo universo?

Não, não era isso.

Seriam as montanhas, então?

Não, as montanhas não. Elas não eram suficientemente grandes.

Achei que ele era compelido por ALGO. Thompkins estava à escuta, à espreita de uma vida que tinha ALGO. Ele era um homem notável!

Na primeira noite, contei-lhe que desejava atirar num elefante.

– Matar um elefante, disse ele, lacônico.

– Vamos ater-nos às leis da caça, repliquei eu, tranqüilamente.

Ele me olhou com olhar inquiridor, mas, a partir desse momento, guardou silêncio.

Fiquei me agitando até tarde da noite no meu saco de dormir, tentando não me entregar às inquietações por causa do verdadeiro motivo pelo qual havia ido da França para a África.

No dia seguinte, seguimos cerca de cento e sessenta quilômetros a leste, através do capim sibilante. Ali conhecemos a poeira da África, o pó dourado que penetra em tudo. Há lugares em que ele vai formando uma camada grossa, para onde acorrem animais de toda espécie a fim de tomar um banho de pó: leões, zebras e até antílopes.

Pouco tempo mais tarde, quando atingimos o sopé das montanhas, encontramos uma pequena manada de elefantes. De início, eles não nos perceberam. Depois, um dos filhotes emitiu um som. Imediatamente sete trombas apontavam para nós, examinando-nos. Em seguida, houve um leve movimento dos animais e eles

desapareceram no nada. Eu só via um arbusto de acácias à minha frente.

Quanto a mim, achava que sete elefantes adultos e três filhotes haviam se dissipado como fumaça.

Porém, Thompkins ainda os via. Mostrava-me aqui e ali uma sombra escura que se entrecruzava com outra um pouco mais clara ou com a forma de um tronco de árvore interrompido pouco abaixo da copa. Naquele momento eu mal conseguia perceber um elefante; mas logo o animal desaparecia de novo, apesar de me encontrar a menos de quatrocentos metros de distância.

– Nós sempre vemos apenas aquilo que esperamos ver, disse Thompkins. Tudo é uma questão de forma. Quando aquilo que esperamos ver toma uma forma que não esperamos, temos a impressão de que sumiu. Procuramos algo com a forma de um elefante, mas, nesse meio tempo, o elefante tomou a forma de acácia-elefante.

Pois foi assim. Thompkins conseguiu reconhecer cinco dos elefantes. Eu apenas via um pouco daquilo que esperava que fosse uma parte de um animal. E não era.



Ficava irritado por me deixar iludir tanto. Contudo, Thompkins disse que é possível alguém se aproximar até três metros de um elefante e, ainda assim, não reconhecê-lo.

– Ora, não me diga isso, disse eu, resmungando. É impossível não reparar num animal que mede de três a quatro metros de altura e pesa algumas toneladas.

– Isso é uma coisa da qual você não consegue nem fazer uma idéia, disse Thompkins.

Observando à distância, é difícil acreditar que exista um ser vivo tão grande.

– O mundo da selva tem infinitas maneiras de exercer tal fascínio sobre a maioria dos caçadores, que eles não conseguem mais libertar-se dele, acrescentou.

Por volta do meio dia paramos para almoçar. Eu estava pingando de suor e precisava ficar me enxugando com uma pequena toalha. Mal podia respirar. Sentia dor nas articulações. Após a refeição, eu tinha que me esforçar para manter os olhos abertos. Estava a ponto de adormecer quando Thompkins resolveu fazer sua pergunta:

– Quanto tempo o senhor ainda tem?

Ali estava de novo o pesadelo. Desconfiado e assustado, olhei para ele. Será que ele sabia de alguma coisa?

É interessante observar o tipo de coisas de que nos lembramos quando passamos por emoções muito fortes. Naquela noite em que Dumas, um colega, veio me visitar, o que ficou mais vivo na minha memória foi o ruído dos pingos da chuva no telhado.

Dumas chegou como se estivesse apenas de passagem, mas assim que o vi, soube imediatamente que não era assim. A notícia que ele trazia e que acabou por dizer, deixou-me completamente arrasado.

Meu melhor amigo e companheiro havia morrido. Assim, simplesmente. Nenhuma doença, nenhum acidente; não, ele apenas não acordou mais. Uma assustadora solidão abateu-se sobre mim. Da minha autoconfiança, nada mais sobrou. Minha vida normal e agradável ficou totalmente transtornada.

O problema é que, na vida da gente, tanta coisa depende do futuro e eu nunca havia percebido, com clareza, que o futuro poderia ser tão curto a ponto de parecer não haver mais nenhum.

Com a solidão, instalou-se a inquietação. E, talvez, algo como um medo tenha começado a me corroer.

Será que eu teria então que ficar tateando entre algo e coisa nenhuma?

Decidi ir para a África. Queria sair de Paris. Queria empreender alguma coisa especial: viver cada dia como se fosse o último. Precisava de excitação e aventura, extrair algo de dentro. Quanto mais sensações, melhor.

Eu iria caçar e apanharia os maiores animais do mundo, os elefantes.

Assim aconteceu o encontro com Thompkins. Eu tinha um guia e havia um elefante que podia ser caçado.

No dia seguinte, nos aproximamos da mata e lá esperamos pelo elefante que eu queria caçar. Desde que atravessáramos a savana Thompkins me parecera taciturno e contemplativo.

Meu elefante escolheu um bom lugar, numa área ampla e exuberante da mata. Não conseguimos vê-lo nesse dia, apesar de encontrarmos sinais de sua presença. Thompkins não deixou de me dar algumas instruções óbvias para a caçada.

– Não faça nada com precipitação. Esteja sempre consciente do que faz, disse ele sério. Tudo depende de conhecer os elefantes.

Pela primeira vez me ocorreu que ele estava desarmado. Percebi que, apesar de ele ter me instruído bem até esse ponto, ainda não havia esclarecido uma só vez como deveria ser dado o tiro mortal. Que espécie de guia era esse? Por que me encurralou com a pergunta: "Quanto tempo o senhor ainda tem?" Esta questão me atingiu como uma bala, pois eu estava muito ocupado com os elefantes para poder reagir a ela.

Nós ainda seguimos o animal por duas semanas. Mas, toda vez que me aproximava dele, alguma coisa não estava em ordem: ou era impossível dar um tiro, ou eu não estava preparado para atirar. Essa história já estava se prolongando demais para mim. Cheguei à conclusão de que teria maior chance à noite, sozinho, sem Thompkins. Eu não tinha pressa e esperei até chegar a lua cheia para ter iluminação suficiente.

Na noite de lua cheia, o tempo estava um tanto nublado, por isso a pradaria não estava muito bem iluminada. Depois de pouco tempo senti que ele estava se aproximando, até mesmo antes de ouvi-lo. Parece que os elefantes se movem através da mata espessa tão silenciosamente como uma bolha de sabão que se eleva no ar. Ele emergiu da escuridão da floresta como uma enorme aparição.

Já estava lá um segundo inteiro antes que eu tomasse consciência disso. Sua presença só era efetivamente revelada por dois sinais muito sutis: um vago reflexo sobre uma de suas presas e o contorno da borda superior de uma de suas orelhas. Só depois, aos poucos, eu pude ver algo mais. Tão alto como uma montanha, ele se precipitou sobre mim.

Nunca hei de esquecer como a imensa massa tomou forma como que emergindo do nada. Ele vinha na minha

direção sem pressa e sem medo. O luar continuava minguando. Minhas mãos tremiam. Muito impressionado, mais do que desejaria admitir, eu me instigava a arriscar um tiro.

Nesse momento, a escuridão se tornou total, embora não fosse ainda a escuridão da noite. O elefante tinha desaparecido. Fiquei esperando, pois pensei que a nuvem sairia da frente da lua. Mas o que estava acontecendo não era a passagem de uma nuvem, era um eclipse total da lua.

Nessa noite, ainda fiquei acordado por bastante tempo. Toda espécie de imagens agitava-se na minha cabeça. Thompkins aparecia em meus pensamentos. Lá estava Dumas, minha casa em Paris, a solidão, a desorientação.

De repente, descobri que estava buscando a sensação da caçada para não ter que encarar a minha própria morte, de medo que ela já estivesse próxima. Essa caçada tinha mais o caráter de uma fuga.

Lembrei-me de uma das primeiras observações de Thompkins: "Animais não matam por dinheiro, ou levados por uma insatisfação com eles mesmos!"

Subitamente, me veio claro à consciência que apenas os homens reagem dessa maneira. Envergonhado, pensei em como me envolvi nesse negócio infame e absurdo. Era como se a morte de um elefante pudesse conferir algum valor à minha vida.

Nessa mesma noite começou a ventar. No princípio, apenas de vez em quando. Mas uma repentina rajada de vento fez as laterais da barraca esvoaçarem como bandeiras e Thompkins e eu tivemos de tropeçar em meio à escuridão para prendê-las com os cordéis.

O vento vinha da savana em direção às montanhas. Ao romper do dia, ele soprava com constância e continuava ganhando força. Thompkins disse que ele continuaria assim por quatro, até cinco dias. Esse vento era típico do tempo seco e nada poderíamos fazer além de permanecer deitados.

Eu não queria acreditar e, por isso, após o café da manhã, fui verificar. Era impressionante como a floresta, que antes estava tão tranqüila, agora se movimentava furiosamente. Eu ouvia o estrondo dos galhos que se partiam e estilhaçavam como se, aos poucos, a terra estivesse se livrando de sua cobertura viva, até que não sobrasse nada mais do que rochas nuas e areia. O vento levantava a poeira africana a uma altura tal que escurecia o sol. Dele, só havia um vislumbre, ora claro, ora escuro, atrás das nuvens de poeira.

No caminho de volta, tive de lutar contra o vento. Fui obrigado a proteger a boca com a mão para evitar que a fina poeira dourada enchesse minha garganta e meus pulmões.

Thompkins tinha razão. Não podíamos fazer nada a não ser esperar até que a tempestade amainasse.

Deitado no meu catre, apenas vez por outra conversava com Thompkins. Contei-lhe a respeito de meu encontro noturno com o elefante.

– Será que eu nunca teria conseguido matá-lo? perguntei ao terminar a narrativa. Ora, essa caçada me enlouqueceu. Vim à África para nada. Foi somente para fugir do meu medo, concluí, ainda em dúvida.

Thompkins começou a falar, do seu jeito:

– É verdade, disse pensativo, agora você vai interromper a caçada. Mas só por isso sua viagem foi inútil? Qual é o homem que ainda ousa chegar à conclusão de que ele próprio está louco? Quem se atreve

a reconhecer que está fugindo de seu próprio medo? É preciso ter coragem para refletir sobre medo e morte.

– No entanto, é estranho como a razão funciona, interrompi. O intelecto nos impulsiona a seguir uma determinada direção. Assim, eu vim para a África para caçar. Queria fazer algo grandioso. E, de repente, vem uma voz que nos diz que o intelecto se engana. Num instante captamos a radiação de uma imagem rica e profunda que o intelecto jamais poderia conceber.

– Isso acontece, explicou Thompkins, porque, com nosso intelecto, conseguimos perceber apenas o mundo limitado da forma. A razão vê uma determinada forma, mas atrás de cada uma delas sempre há uma outra. Entretanto, em todo homem existe alguma coisa que ultrapassa o intelecto, uma dimensão além da forma. É o coração.

– Eu tive primeiro de chegar ao reconhecimento de que eu mesmo me considerei um tolo, pensei alto. Queria dar à minha vida um sentido espetacular, por medo da morte.

– É, é isso mesmo. Mas, não esqueça, continuou Thompkins, morte e medo são grandezas impressionantes, mas elas também estão dentro dos limites da vida da forma. Com o intelecto, cada um vê apenas o que diz respeito a si mesmo. Aquele que quer libertar-se disso procura a verdadeira nova vida que provém da "não-forma", do coração. Quem vive do coração encontra-se no "eterno agora" da outra dimensão.

Isso tudo aconteceu há seis meses.

Durante algum tempo meus olhos estiveram centrados exclusivamente em mim mesmo e eu não conseguia mais ver outra forma a não ser a minha própria, em conexão com o meu possível fim. Depois de minha experiência na África e de meu encontro

com Thompkins, mudei completamente. Descobri que existe uma outra vida. Sinto-a nascendo muito cautelosamente em algum lugar dentro de mim. Uma vida que vem do coração.

Janos e o Outro

Janos está novamente em casa. Com um profundo suspiro, atira-se na sua cadeira e apanha o jornal:

Acidente de carro com conseqüências fatais. Político raptado. Sem evolução o caso Lena Bloom...

Sempre a mesma coisa. Janos ergue os olhos, põe o jornal de lado e olha para fora. Diante da janela passa continuamente gente apressada, gente alegre, gente aborrecida, gente velha que se arrasta pela vida – sempre a mesma. O tempo passa e nada se transformou; a terra gira, e o homem vive aparentemente imutável.

Será que isso não é diferente em nenhum lugar? Janos sabe que, em alguma parte, com certeza existe um lugar onde tudo é diferente.

Seus olhos dão com um pequeno artigo no jornal:

Alexandria, quinta-feira (ANP)

O professor Worris partiu hoje pela manhã para cartografar um deserto africano ainda desconhecido. Um grupo de quatro geólogos acompanha-o nessa viagem.

Diante de seus olhos, Janos vê estender-se a planície nua e morta. O sol parece ter queimado a vida com seus raios implacáveis. Aqui e ali surge um arbusto seco ou um cacto à sombra de algum rochedo. Vazio – nada mais. Ondulações de areia estendem-se diante de Janos, tão distante quanto sua vista pode enxergar, algumas se erguendo tão alto como dunas.

Do alto de seu camelo, ele olha ao redor. A seu lado e atrás dele cavalgam os outros de seu grupo. Há quanto

tempo já estão cavalgando? Janos não sabe dizer com certeza. O sol e a areia fazem esquecer o tempo. A planície estende-se sem fim, brilhando à luz do sol. Ninguém sabe onde o deserto termina, ninguém sabe por quanto tempo eles ainda estarão ali, tendo apenas o sol e os camelos como companhia. Quem sabe se um dia conseguirão sair desse mundo? Quem sabe se não morrerão numa tempestade de areia, se não morrerão de fome?

Então isto aqui é algo diferente? A vida nessa imensidão incomensurável, a insegurança e a aventura encerradas na cumeada das dunas? Janos não sabe. Mas não tem mais tempo de refletir sobre isso. Ao longe, uma pequena nuvem de poeira cresce no horizonte. Começa a ventar. Uma tempestade está se formando e a nuvem de poeira aproxima-se agora rapidamente.

Alguém grita:

– Deitem-se! Tudo no chão!

Porém, o grito foi superado pela fúria da tempestade de areia.

Depois da tempestade, permanece uma superfície calva, exatamente como sempre: ondulações e ondulações de areia, com rochedos isolados.

Na crista de uma das ondulações alguma coisa se movimenta. Quatro homens desenterram-se da areia, com esforço. Mas, onde está o quinto? Eles param e esperam. Eles procuram. O sol chega a seu ponto mais alto e baixa de novo no horizonte. Os quatro homens continuam procurando.

"Então, isso é o diferente?" pensa Janos. "Que diferença faz encontrar a morte debaixo de um carro ou debaixo da areia?"

Como seguirão as coisas para eles?

Janos fica contente quando chegam à fronteira do deserto e todos podem voltar para casa.

Afinal, existe vida diferente?

Janos está novamente em casa. Com um profundo suspiro atira-se na sua cadeira e apanha o jornal:

Guerra no Líbano. Antigos conflitos raciais eclodem de novo. Região tensa.

Sempre a mesma coisa! Janos ergue os olhos, põe o jornal de lado e olha pela janela. Uma longa fileira de pessoas passa diante de seus olhos. Pessoas apressadas, pessoas contentes, pessoas aborrecidas, gente velha que se arrasta vagarosamente pela vida – sempre a mesma. Aquele homem idoso com sua bengala não existe mais; mas as fileiras continuam as mesmas, novas pessoas ocupam seu lugar e passam diante da janela. O tempo passa e nada mudou, a terra gira, e o homem vive aparentemente imutável.

Em seguida, Janos lança os olhos sobre um pequeno artigo no jornal:

Nova York, segunda-feira (Reuter)

Três jovens estão treinando para o primeiro vôo tripulado para Marte. Primeira viagem interplanetária da história com uma tripulação internacional.

Passam semanas. Para ele, o treinamento é difícil. Às vezes, os exercícios são incrivelmente cansativos. "O que não consegui encontrar na Terra vou descobrir em Marte", pensa Janos, esperançoso. Ele conversou sobre isso com Dennis, que o compreende porque também está buscando alguma coisa diferente. Em Marte deve haver alguma coisa para se achar. Se lá não for diferente, então onde mais será?

Tudo está preparado para o lançamento. Segue-se a contagem regressiva:

10... 9... 8... 7... 6... 5... 4... 3... 2... 1... Fogo!

A aventura começou. A Terra espera com impaciência pelo primeiro sinal de vida dos astronautas. A viagem transcorre feliz e, depois de pouco mais de uma semana, eles pousam.

Acompanhemos o espetáculo a partir da Terra:

"Eles estão a poucos quilômetros da superfície de Marte. O foguete está entrando na órbita daquele planeta. Tudo é preparado para baixar a cápsula de desembarque. Janos permanece na nave. Dennis e Brian foram instruídos para fincar a bandeira. Juntos, ingleses e americanos pisarão, pela primeira vez, em um planeta ainda desconhecido."

Do painel de comando, Janos acompanha tudo: a cápsula flutuando sobre a superfície de Marte, Brian e Dennis saindo com a bandeira.

Este é o grande momento. Brian pega a bandeira e a empunha acima de sua cabeça. É a primeira bandeira internacional trazida a Marte por um americano. Milhões de espectadores na Terra acompanham agora, atentamente, todos os seus movimentos.

De repente, Dennis volta-se para Brian com o punho levantado, pronto para o golpe. Rápido como um raio,



Brian deixa a bandeira cair para defender-se da pancada. Agora! Dennis toma a dianteira e lança-se sobre ela. Brian tenta desviá-lo para novamente reivindicar a bandeira para a América.

Janos não suporta assistir isso.

Ele ergue os olhos do monitor. Agora ele está aqui, muito longe da Terra, com a evanescente esperança no seu coração: ele percebe que, nesse lugar, também não vai encontrar "o diferente". Ali é diferente, sim, mas, no fundo, é exatamente como em casa. Nada mudou.

"São os homens", pensa Janos; "não devo procurar pelo diferente nos lugares onde houver homens."

Janos está em casa de novo. Ele pensa no mundo que, a cada passo, lhe vem de encontro e o rodeia: as pessoas, os conflitos, e os problemas – sempre o mesmo. Em nenhum lugar é diferente. Ele sabe que sempre, e em todo lugar, existem pessoas. Entretanto, ainda assim, em algum ponto de seu coração, está totalmente seguro de que existe algo diferente. Não é a imagem de um sonho, nem somente fantasia. O diferente que ele procura existe e deve ser encontrado onde não existem pessoas.

A cordilheira do Himalaia ergue-se alto, acima do mundo, com seus cumes sempre encobertos na neblina. É uma extensa cadeia de picos rochosos e campos nevados.

E, em algum lugar em meio a essa região inóspita, há um pequeno ponto que se movimenta. Lentamente caminha para cima. É Janos. Sente-se livre, isento de compromisso com a terra, capaz de tudo. Assobiando mansamente, ele segue seu caminho. Nas montanhas,

nessa altitude, tudo vai bem. Seu coração está tranqüilo. O diferente parece estar próximo.

Porém, depois de alguns dias, a solidão começa a corroer seu coração. Até agora não encontrou o diferente, por mais próximo que pareça estar. Ainda não. Aqui ele é o único, o mundo ficou para trás, os homens formigam em algum lugar muito abaixo dele. Está sozinho, completamente centrado em si mesmo. Apenas neve e vento lhe fazem companhia.

"Então, onde está o diferente?"

Ele estava tão certo de que o encontraria aqui, muito longe dos homens, bem distante dos opressivos acontecimentos deste mundo. Ele pára e volta-se. O mundo, as pessoas que estavam entre ele e o diferente...

Pouco a pouco ele toma consciência de que apenas ele próprio ainda pode estar entre ele e o Outro. Só ele mesmo é quem o impede de encontrar o diferente.

Devagar isso se impõe a Janos.

"Sou eu mesmo."

Essas palavras ecoam, vindo-lhe de todos os lados e preenchem sua cabeça.

"Sou eu mesmo, sou eu mesmo aquele que se interpõe."

Sofrimento e alegria inundam seu ser. Uma nova vida chama por ele.

Procurar um Culpado

Olhando do mar, o colosso de concreto e vidro, com o brilho da umidade, parece penetrar na cinzenta cobertura de nuvens, indo de encontro à chuva que cai.

Observado à distância, o edifício lembra um navio amorfo e imóvel pairando acima dos carros estacionados. A imobilidade da construção está em flagrante contraste com a atividade que reina dentro e fora de suas paredes.

Homens e mulheres, em trajes civis e militares, entram no prédio depois de minuciosa verificação de diversos documentos. É claro que não se consegue entrar assim tão facilmente. Mas para ele também não é necessário. Ele esperará até que saiam novamente e, então, escolherá um deles e cumprirá sua missão.

Em seu grupo lhe coube, por sorteio, a incumbência de fazê-lo. A par de um certo orgulho por ter sido escolhido pela sorte, importuna-o um involuntário e embaraçoso medo de que talvez venha a falhar e que... "Ora, vai dar tudo certo, e pronto!" Eles lutam por uma boa causa: a paz. E ele faria tudo por ela.

Já está parado aqui há várias horas, sem que alguém tenha saído. Seu calçado esportivo está encharcado e seus óculos, embaçados e respingando. O único movimento que se percebe é o dos vigilantes que caminham de um lado para outro diante da entrada: dois homens usando capas impermeáveis e quepes. Falando alto, mantendo-o sob seu olhar, eles andam para cá e para lá.

Isto já está demorando demais. Ele, com o corpo rígido de frio, já deseja estar junto a um caloroso fogo, cercado por seus amigos atentos a seu relato sobre a missão bem sucedida.

Mas não, pelo contrário, as senhoras e os senhores ainda estão conferenciando. Enfim, apresentarão novidades hoje? Não é sempre a mesma história?

Desloquemo-nos agora um pouco para dentro do edifício.

– Estamos diante do ponto central que é a paz, ressoa alto a voz de um general das forças armadas locais, dirigindo-se a seus ouvintes que se distinguem por seus uniformes em tons de verde, azul e cinza.

– Nós dispomos de um excelente arsenal, sim. Entretanto, precisamos mais. Muito mais! Como sempre, devemos cuidar para que a nossa querida paz seja garantida. Pelo povo, nós enfrentamos o fogo se necessário for! Pelo menos os soldados que, naturalmente, observamos e dirigimos com muita atenção através das telas dos monitores de nosso abrigo antiaéreo fortificado. Por conseguinte, permanecemos efetivamente ao lado de nossos homens na luta. Todavia, agora não queremos mais conflitos, queremos a paz. Por isso devemos pressionar nossos governos para que sejam liberadas mais verbas para a aquisição de uma quantidade maior de armas, para que possamos enfrentar a previsível ameaça de outros países.

Nisso, ele mostra um dos quatro pontos cardeais e, solícito, abana a cabeça afirmativamente.

Será que sua missão alcançará realmente algum resultado diante de um aparato militar tão poderoso? Poderá significar um passo em direção à paz? Não a paz deles, aquela dos blindados, das máquinas de guerra e

bombas de nêutrons, porém, a verdadeira paz? Não apenas aqui e ali, mas em todo o mundo e para todos? Ou será que ele está parado aqui na chuva por nada, e o que eles fazem é completamente inútil? Devem os homens continuar a guerra?

Esperançoso, ele olha para a entrada. A tão necessária coragem abandona-o por completo. Já havia tido antes esse sentimento sutil que, então, logo reprimiu e interpretou como fraqueza. Entretanto, agora esse sentimento é mais forte; seu corpo está entorpecido. Ele quer cair fora dali, ir para o mais longe possível daquele prédio. "Chega dessa gente com sua paz! Basta dessa missão! Deixem-me ir!"

As portas abrem-se e uma multidão barulhenta, gesticulando impetuosamente, comprime-se na passagem como um enxame de vespas.

"Minha missão!" passa repetidamente pela sua cabeça.

Seu pensamento bloqueia-se. A vista fica embaçada. Os passos, precipitados. Mais rápido! Ele corre. Bate com o braço no espelho de um automóvel. O espelho estilhaça-se e cai refletindo suas últimas imagens.

E então, lá está um homem, de verde oliva, portando uma série de condecorações, de rosto impassível e olhos agudos. Dirige-se para a sua limusine preta com a porta já aberta pelo chofer. Ao perceber as figuras que correm na sua direção, ele desacelera involuntariamente o passo.

"Quem é esse?" pensa consigo mesmo. "O que esse sujeito enlouquecido quer de mim?"

– Espere! Ora, espere! grita o homem que precisa cumprir seu dever.

Com os olhos fitos no vulto verde, agarra-o pelo bolso do casaco. Então, duas mãos o agarram pelos

ombros e o apertam como um torniquete. Ele tropeça. Sua mão se solta do casaco. Um envelope cai. O de verde oliva acelera o passo, um sapato marrom pisa sobre o envelope numa poça d'água e o chofer fecha a porta. Os dois homens em seus impermeáveis tiram seus quepes e entram na limusine pelo outro lado. Em meio aos espirros de água lançados pelo carro que parte, ele ainda distingue o branco do envelope, que logo se cobre completamente de manchas escuras.

Quatro claros feixes de luz se estendem pelas paredes acima desde o canto do piso. Aqui está ele, nesse espaço quase sempre escuro. Há pouco, o tempo parecia contido num buraco sem fim. Agora ele jaz numa cama estreita. Seus olhos examinam o ambiente. A luz penetra pelas grades da janela, caindo sobre ele.

Pouco a pouco, começa a compreender o que aconteceu. Não é que eles o encarceraram? Fazendo ou não sentido, sua missão malogrou. Não voltará mais para os amigos. "Fracassamos", é seu sentimento. "Na verdade, a idéia é boa, mas existem poderes que são mais fortes que nossas barracas diante da base militar."

Ao abrir-se a porta, ele volta à realidade.

– Tome aqui, diz o carcereiro, e joga sobre a cama os seus óculos enlameados. Para que possa voltar a enxergar.

– Ah... obrigado! responde ele, mas o homem já saiu pela porta e volta com uma pequena trouxa de roupa seca. Suas coisas! Ao levantar-se para apanhá-las é que se dá conta de estar usando um macacão de prisioneiro.

A porta de ferro foi novamente trancada. Lá de fora chegam rumores até sua cela. "O que é isso? Meu nome! Livre?" Rapidamente, ele encosta sua cama na parede, sobe e olha para fora através das grades da janela. Lá estão seus amigos. Querem tirá-lo de lá.

– Livre? Livre, como? Quando sair daqui, não estarei completamente livre, terei de lutar por uma paz que não se pode alcançar aqui. Isto não é liberdade, isto é ilusão! diz ele baixinho e desce, submergindo em sua cela.

Sentado na cama, pensativo, seu olhar vagueia pela parede recoberta de sinais, em numerosos idiomas e escritas diversas.

Liberdade.

I want to be free.

Eleutheria!

"Hum!" pensa ele, "com certeza um grego esteve preso aqui."

Eu estive aqui, com uma assinatura abaixo.

Procurar um culpado.

"Procurar um culpado?"

Levanta-se e continua lendo:

"Procurar um culpado. Certamente isso está arraigado no homem. Assim, ele mantém um certo sentimento de segurança, que é falso, e se imagina livre. O culpado é sempre o outro, e não você. Mas o outro, geralmente, nem sabe o que foi que fez. O veredicto é pronunciado e, com isso, você está preso. Enredado no jogo da culpa e da expiação. Essa é a sua prisão, não esta cela. Descubra em si mesmo o que o mantém preso, procure o verdadeiro culpado. Domine-o e você será realmente livre."

Ele se afunda de novo na cama. O que está escrito na parede exerce sobre ele o efeito de uma cunha fincada em seu ser. Será que a liberdade do autor significaria a liberdade de cada ser humano?

Abre-se a porta da cela e o guarda acena, chamando-o. Ainda com os olhos voltados para a parede, ele deixa sua cela e o segue.

– Queira assinar aqui, por favor. Sim, aqui, depois siga esses dois senhores.

– Senhores? Quais? Ele volta a cabeça. Realmente, dois senhores muito simpáticos, vestindo jaquetas brancas, abrem amavelmente a porta para ele.

– O que significa isso? pergunta ao saírem. Para onde vamos?

– Ora, é apenas um exame rápido. Tão logo terminemos, você poderá voltar para casa, é apenas... Bem, entre no carro.

"Entrar. É claro!" Num salto rápido, apressa-se, abre com violência a porta do carro e, num pulo, senta-se ao volante. Para sua sorte, a chave está no contato. Ele dá a partida e foge dali, deixando para trás braços acenando em suas mangas brancas, como roupas balançando ao vento.

Examiná-lo! Ele está justamente ocupado com isso! Para isso não precisa de jalecos brancos. Ele quer sossego! Precisa refletir sobre o que lhe aconteceu. Quer estar sozinho.

Nada vê pelo espelho retrovisor. Com certeza ainda não o estão seguindo.

O caminho para o mar serpenteia através das dunas. O mar. Ondas. Ar. Chega ao estacionamento abandonado. Pára, olhando ao redor. Então, vira e segue caminho pelo areal abaixo, até a praia. O carro roda na areia, sobre a orla de espuma formada pela rebentação das ondas. Aos solavancos, falhando, o carro pára. As ondas exibem suas poderosas cristas para, de novo, unir-se à massa de água salgada.

Ao longe, alguma coisa brilha no mar. Uma bóia de navio? Deixando suas pegadas na areia, ele volta.

Uma Cotação na Bolsa

Com a aceleração da aeronave ao decolar, ele é pressionado contra seu assento. A expectativa de elevar-se realmente da pista é sempre um momento de tensão. Depois, ele sente que a potência das asas faz seu trabalho no movimento de ascensão e relaxa um pouco, acomodando-se com mais tranqüilidade. É incrível subir com tanta rapidez até a altura de uma construção baixa, de uma torre de transmissão, até as nuvens. E é sempre assim... Estar voando é, obviamente, uma ilusão. Não funciona. A gente simplesmente permanece no ar por causa da velocidade e não porque realmente pode voar, nem por ser mais leve que o ar.

Mais leve que o ar...

Os fatos ocorridos nos últimos meses vêm-lhe à memória. É estranho como, às vezes, em poucos dias acontecem mais coisas do que em toda a vida anterior. Como foi, então, a vida até aquele momento?

Uma violenta gritaria. Vozes, gritos, barulho de máquinas, calor, ruído surdo num grande salão. Monitores, telas em todo lugar. Listas de nomes, números, fisionomias obstinadas, tensão.

Pessoas aglomeram-se, empurram-se umas às outras às cotoveladas. Compram, vendem, avaliam riscos. Ganham ou perdem. Com um único lance pode-se virar magnata ou mendigo. Poucas pessoas permanecem imunes a essa possibilidade por muito tempo. Para a maioria,

acontece após cinco ou dez anos. Depois, ou continuam jogando, ou estão falidas, liquidadas.

Fred conhece bem essa vida de corretor da Bolsa de Valores. No restaurante, entre um gole e uma mordida, lê rapidamente vários jornais. New York Times, Le Monde, Frankfurter Allgemeine. É melhor lê-los simultaneamente. São apenas jornais, é claro. Só servem para informações de bastidores. Faz tempo que ele ouviu os últimos índices econômicos dos Estados Unidos pelo rádio; decerto já sabia antes. Não é tão difícil obter algo quando realmente se tem interesse naquilo.

O dólar está novamente em queda. O presidente dos Estados Unidos tenta causar boa impressão no Oriente Médio e deixa a economia interna deteriorar-se. E com isso o dólar vem abaixo e o Yen vai subindo. E a economia japonesa já não é mais aquela... Aqueles que exportam da América devem tomar cuidado nas operações! Ou: aproveitar o câmbio em baixa, fazer uso de outras opções é ainda melhor.

Para Fred, há sempre uma fatia do bolo. Ele se dirige para a fileira de cabines telefônicas e encontra uma desocupada. Com poucas palavras obtém algumas instruções.

E, quando olha surpreso para as telas dos monitores, para acompanhar a evolução das cotações e poder intervir se for o caso, vê, com o canto do olho, uma coisa que lhe chama a atenção. Por que isso chama sua atenção? Porque seu subconsciente, que trabalha mais rápido que seus olhos, lhe comunica que ali há algo errado. O boletim de cotação das ações deveria mover-se. Cotações devem subir, cair ou oscilar. Mas não permanecer as mesmas.

Bem, vocês não devem imaginar um monitor desses como um grande quadro de avisos, onde podem ver

com calma uma imagem após a outra. É um movimento contínuo de pequenas luzes, nomes e números que se acendem e apagam. Tudo se movimenta e pisca com incrível rapidez, mas os olhos treinados de Fred conseguem acompanhar prontamente. Por duas vezes apareceu ali uma ação com um nome que lhe parece estranho. Cotação: exatamente 100. E muito mais tarde, de novo: exatamente 100.

Um tanto confuso, ele larga o fone. "Que fundo será esse?"

"Deve ser uma empresa familiar com a qual, na verdade, não se negocia. Vamos ver se é isso mesmo. Hoje foi um bom dia; então, o que pode ainda acontecer? Simplesmente vamos aplicar em quinhentas unidades!"

– Alô, aqui é Fred. 500 ações para uma cotação de 100.

Todavia, Fred parece estar ainda um tanto impressionado, pois se esqueceu de citar o nome.

– Qual é o nome?... Ah, claro; sim, eu o vi duas vezes na terceira linha de baixo.



Naturalmente isso não é profissional, Fred titubear assim. Mas, para sorte sua, está falando com um velho conhecido que está disposto a procurar um pouquinho para ele.

– O que o senhor quis dizer? Não é possível quinhentas unidades?... Somente por lotes de mil ou também há em outras unidades? Como disse? É só uma? Para retirar pessoalmente nesse endereço? No momento existe apenas precisamente uma cota para comprar e eu mesmo devo buscá-la? Hm... Entendido! Então, me dê o endereço.

Uma escada imponente para uma suntuosa casa. O funcionário do banco explica a Fred, com paciência, porém com exatidão, que a compra dessa cota está vinculada a uma condição expressa. Aquele que a compra assume um dever importante.

É assim: o possuidor dessa cota torna-se o proprietário de uma empresa, mas não se sabe quem é o diretor. A empresa, por sua vez, é parte de outra maior. E como é essa relação ninguém sabe. É claro que Fred entende isso e, por ele, esse rapaz do banco bem que poderia falar um pouco mais rápido. Como se ele não tivesse mais nada a fazer! Precisa fazer investigações a respeito do verdadeiro diretor da empresa que comprou, uma busca pelo chefe mais alto.

E, o homem continua, inabalável, ele não deveria encarar levianamente esse compromisso. Não cumprir suas obrigações equivaleria a sofrer elevadas multas de indenização pelos prejuízos. E, ao perceber a crescente hesitação de Fred, ele acrescentou:

– Mas para aquele que cumprir seu encargo parece que uma grande recompensa está reservada.

Então, Fred sente que está se envolvendo numa situação que virá a afastá-lo de seu conhecido mundo

de telas e telefones. E, sem saber exatamente porquê, assinou o documento.

Fred começa ativamente sua investigação. Nisso ele é bom. Um telefonema aqui, outro acolá, e já está no rumo certo. A idéia de que talvez tenha feito o negócio de sua vida lhe dá ainda mais energia.

Grande foi a sua decepção quando finalmente descobriu que apenas se tornou proprietário de uma pequena empresa. Fabricam alguma coisa de tecido num país distante e pequeno. Bem, ele aceitou as condições; portanto, agora, dará as suas. De alguma forma vai encontrar o responsável por essa firma. E informa-se no aeroporto sobre o próximo vôo.

Observado lá do alto, é maravilhoso o país para onde sua viagem o leva. Longe, ao norte, cintilam picos nevados, aqui, logo abaixo dele, os cordões prateados de dois impressionantes rios.

Mas, uma vez em terra, tudo é bem diferente. Com limitação de espaço Fred está acostumado em sua casa, e o barulho também não o perturba. Porém, aqui é diferente. Isso é... como dizer... é pobreza. É uma luta pela sobrevivência.

– Change money, mister? Cigarettes, mister? Taxi, mister?

Cinco meninos de seis anos, no máximo, cercam-no para arranjar-lhe um táxi. Os próprios táxis se encontram a dez metros de distância, os motoristas sorrindo na frente deles. Rapazes bronzeados, de pele morena, olhar simpático, mas agudo e penetrante.

Os táxis são pequenos ônibus que ficam disputando os clientes para depois sair em desabalada carreira, na competição do trânsito da cidade. Aquele que chega primeiro consegue a maioria dos clientes. Os garotos

começam, então, a puxá-lo pelas roupas. Fred faz o que só mesmo um turista tolo poderia fazer: ele tenta afastá-los com uns trocados. Porém, assim que tira a primeira nota, ressoa uma gritaria. Imediatamente ele é o centro de uma multidão em luta.

"Que espécie de país é este? Que miséria abominável é essa? De que sou eu proprietário aqui? Onde poderei encontrar essa empresa sinistra que agora me pertence? O jeito é sair logo para procurá-la, e depois não fazer outra coisa a não ser voltar para casa."

– *Mister Fred? Follow me.*

A atitude do homem teve um efeito silenciador tanto sobre Fred como sobre a turba. Por sorte, alguém está ali à sua espera. Mas, que empresa horrível ele parece ter comprado! Num galpão sujo, onde quase não penetra a luz do dia, trabalham dezenas de pessoas atrás de grandes máquinas de costura. Quem pode estar por trás disso? Só pode ser uma pessoa sem escrúpulos, para explorar os outros dessa maneira!

Também não existe um depósito; a maior parte das coisas simplesmente fica ali no pátio, ao ar livre.

A propósito, logo lhe é claramente dado a entender que não é aconselhável ficar perguntando muito e espionando tudo por ali. Entretanto, quando ele insiste, respondem que há um número de telefone para o qual pode ligar. Mas ele mesmo terá que descobri-lo. Na verdade, eles não sabem qual é. Além do mais, na diretoria a voz soa de muito longe e ainda é preciso falar em inglês. Eles sabiam algumas palavras; o suficiente para contatos sempre curtos.

Naturalmente Fred não sabe de cor todos os prefixos dos números de telefone das metrópoles. Mas este ele reconhece de imediato. É um número do extremo oriente, num dos centros comerciais mais ao

ocidente. Portanto, o que ele está procurando é uma dessas multinacionais inescrupulosas! E, pior ainda: ele é co-proprietário dela! "Bem, em frente, Fred! Vamos investigar isso até o fim!"

Mas, no extremo oriente, Fred encontra a mesma situação. Não, não se sabe o que existe por trás de tudo. Sim, é claro que sempre existe alguma coisa, uma pasta com documentos, mas ninguém sabe nada a respeito. Um nome, um número de telefone, isso ele mesmo precisa verificar.

E, assim, Fred viaja de um país para outro, vai de aeroporto para aeroporto, até percorrer os mais remotos cantos do mundo, até conhecer por dentro e por fora todos os becos empoeirados, escritórios dentro de saletas em fábricas em plena atividade, prédios de escritórios e depósitos, depois de falar com todos os diretores, gerentes e colaboradores. Com o decorrer do tempo, ele obtém um quadro da extensa organização.

Depois de meses de trabalho de investigação, ele consegue um endereço numa das grandes cidades. Várias vezes ele já havia se deparado com esse nome e esse endereço num dos lugares mais caros do mundo.

Mais uma vez, no avião que está de partida, sobrevém-lhe um momento de sossego e encontra tempo para refletir. Com que se ocupa realmente em toda essa situação? O que vai encontrar afinal? E então ele se vê obrigado a pensar na pergunta que sempre esteve no fundo de seus pensamentos e que estava esperando pacientemente a sua vez: "Por que você está fazendo isso, Fred? Por que você observou aquilo na tela do monitor? Por que você foi àquele banco, atrás daquela única cota?"

É muito diferente chegar a uma metrópole como essa. Uma limusine dispendiosa o leva até o centro

administrativo, onde gigantescos edifícios bloqueiam a visão do céu. É espantoso como são altas essas construções! Que capital incrível deve ter sido empregado para erguer um prédio desses! Como nos sentimos pequenos, na rua, diante deles! Como é que alguém consegue custeá-los? Como se pode ser tão rico?

Quando o porteiro o autoriza a entrar, ele atravessa o saguão acarpetado em direção ao elevador revestido de mármore e escolhe um dos andares mais altos.

O panorama é sensacional. Aqui, a cidade está a seus pés. Bem lá embaixo, as pessoas caminham nas ruas como formigas.

Ouve-se o zumbido suave do condicionador de ar. Ar fresco e agradável, não muito úmido, nem muito seco, exatamente no ponto certo. Tudo aqui é solene, calmo, sem stress. Carpetes no piso, arte moderna nas paredes. Não é uma coisa qualquer, isso Fred logo percebe. Artistas renomados e famosos, obras de muitos milhares, talvez até um milhão cada uma.

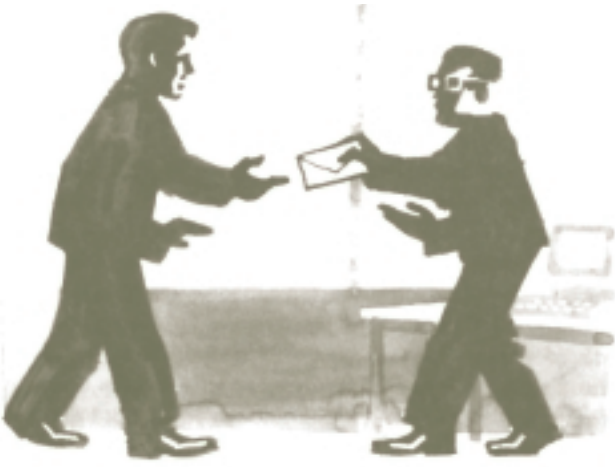
De repente, um firme aperto de mão, um cumprimento animado e simpático. Aqui, todo acionista é recebido pessoalmente.

– Queira sentar-se, aqui estamos em casa. O senhor fez boa viagem? Suportou bem o clima do país de onde está vindo?

Fred não sabe por onde começar. Enquanto tudo era tão rude e grosseiro na sua última visita, aqui tudo é tão elegante, liso e polido como o mármore no hall do elevador. Finalmente, Fred decide ir direto ao seu objetivo, apesar de lhe parecer que desejam conscientemente impedi-lo. E as coisas seguem-se exatamente como ele imaginava: tem de ouvir uma longa exposição incluindo diapositivos e transparências dando uma visão completa da organização. Tudo isso é

reunido num documento bem montado que ele pode levar. Mas, nessa apresentação, logo no início percebe uma lacuna. Qual é o nome que cabe ali? Quem é o chefe mais alto dessa empresa?

Fred não presta atenção aos olhares significativos trocados à sua volta. Ele insiste que deseja saber um nome, que precisa encontrar uma pessoa, não um esquema. Ele quer um nome, um endereço! Ele é acionista, disso não podem esquecer. E tem direitos! Então, após longa pressão, na qual teve de empregar toda a sua capacidade de persuasão, aparece um envelope lacrado.



Ele mesmo devia saber, pois foi advertido. Ainda pode desistir, já que nada aconteceu até agora.

Entretanto, Fred continua firme na sua resolução. Despede-se e sai, sentindo a maciez dos carpetes sob seus pés. Descendo pelo elevador, abre o envelope e tira um pequeno pedaço de papel. Atônito, ele crava os olhos no papel; não consegue desprendê-los de lá.

É uma escada imponente que ele está subindo e que o leva para uma casa velha e suntuosa. Ele veio sem se anunciar, mas alguma coisa lhe diz que está sendo esperado. Após um aperto de mão, o funcionário do banco lhe oferece uma cadeira.

– É uma busca difícil e apenas uns poucos levam-na até o fim, comenta o homem. Ao começar a vida recebemos uma cota nos acontecimentos do mundo. Nós mesmos nos tornamos co-proprietários de toda fábrica sombria, de todo prédio de escritórios luxuosos, de todo fundo sujo de quintal. Tudo o que acontece no mundo se tornou assim também por seu intermédio, pois o seu nome está escrito no papel contido no envelope fechado. Bem que as pessoas suspeitam disso e, por isso mesmo, preferem deixá-lo fechado. Quem é que quer saber com tanto empenho? Mas, de vez em quando, aparece alguém que quer saber. Se você procura pelo chefe mais alto: sim, é você mesmo.

"Mas será esse o sentido dessa busca?" pergunta-se Fred. "Descobrir que sempre encontro a mim mesmo, que sou uma parte do mundo? Que estou envolvido com toda a riqueza e toda a pobreza deste mundo? E que, além disso, nada mais existe?"

O homem espera.

– E, então, continua ele, a pessoa descobre que nela ainda existe outra parte. Aquele que ousa examinar a verdadeira essência de seu ser, como ele próprio é, descobrirá. Uma parte é deste mundo, pertence a ele. Mas uma outra parte é livre, porque não é deste mundo. Ela é ilimitada, eterna. Mais leve que o ar.

É a nova alma. Ouça a voz da nova alma e deixe que agora ela dirija sua vida.

O Buraco na Sombra

Penso que o melhor seria começar minha história a partir do lugar em que, pela primeira vez em minha vida, fiz a chocante descoberta de que coisas totalmente impossíveis e imprevisíveis existem mesmo.

Naquela ocasião eu estava em um ponto de ônibus. Enquanto esperava por ele, meus pensamentos se afastaram das pessoas que passavam apressadas à minha volta, do asfalto e das casas, da agitação e do barulho.

Dentro de mim só havia a sensação da espera; espera por um ônibus que me levaria para muito longe.

Quando estamos distante, as coisas do cotidiano pessoal perdem o sentido. E, como o seu significado equivale à nossa própria importância, nós mesmos, na mesma medida, tornamo-nos menos importantes.

Sim, naquele momento eu esperava isso: esperava minimizar toda a importância, pois, nessa ocasião, sentia-me muito angustiado com tudo o que parecia ter muito valor, e também comigo mesmo.

Agora, depois que aconteceu tudo sobre o que desejo escrever, eu sei que, naquele tempo, o mundo em que era obrigado a viver começava a perder seu valor para mim.

Como não quero confundir as minhas impressões e conhecimentos de hoje com os de então, contarei tudo na ordem que ocorreu.

Na verdade, eu já havia esperado por um bom tempo e estava ali absorto quando percebi, em algum canto de meu cérebro, o ruído de um ônibus que

partia. Eu não havia registrado o movimento ao meu redor naquele instante em que as pessoas que comigo esperavam certamente entraram no ônibus. Por que nenhuma delas me avisou? Por que me deixaram lá? Ainda não tinha chegado a minha hora?

Sem entender a mim mesmo, meneando a cabeça, dirigi meu olhar para o chão. Eu via minha própria sombra. Debaixo de meus pés rastejava para frente uma obscura e desagradável resposta sobre o meu próprio ser. Na cabeça de minha sombra observei uma pequena e clara mancha redonda. Com certeza, uma moeda brilhando ao sol. Eu já ia me inclinar para pegá-la, quando me dei conta de que onde há sombra não pode haver luz do sol. Realmente, ao abaixar-me, a sombra moveu-se e ficou menor. Mas o ponto claro continuava sempre lá onde estava a sombra de minha cabeça.



Ainda inclinado, grudei os olhos na mancha clara e circular. Eu movimentava minha cabeça, mas a mancha acompanhava a sombra dela. Quando ficava de cócoras, a sombra ficava tão pequena que eu podia tocar sua cabeça. Eu passava o dedo sobre a mancha clara, mas nada existia ali: nenhuma moeda, nenhum objeto misterioso que sempre, de modo inexplicável, não acolhia minha sombra. Nada havia lá, a não ser a fria calçada sobre a qual se delineava distintamente o buraco na minha sombra.

De súbito levei a mão direita à minha testa. "Que loucura! Não há nenhum buraco aí!" Essa certeza desconcertou os meus pensamentos numa fração de segundos. Eu mirava o semblante do absurdo. Pânico e susto não são as palavras certas para descrever o que passei nesses segundos. Foi um terremoto interior, produzido por aquilo que era totalmente inexplicável. A base do mundo de representações mentais que me era familiar fendeu-se debaixo dos meus pés. Vim abaixo em vôo rasante. Minha vida me escapava. Minha consciência, tudo eu deixava. Caí no centro do terremoto. O que se passou então, não sei dizer, pois minha consciência não estava presente. Talvez seja suficiente dizer que o inexplicável passou a ocupar o centro de meu ser e que o centro do abalo atingiu meu coração para nunca mais deixá-lo.

Isso eu reconheci bem mais tarde, anos depois desse acontecimento. Porém, posso afirmar que foi decisivo para o curso posterior da minha vida.

Levantei-me devagar. O chão fechou-se debaixo de mim, e eu me pus de pé outra vez. À minha frente estendia-se minha sombra com o buraco na testa. Como o chão selou-se novamente, a vivência que tive ali embaixo ficou nas profundezas e só de longe tocava o meu pensamento. Por isso pude, por um lado, admitir

o inexplicável e, por outro, propus-me firmemente a opor-lhe resistência.

Eu tinha um amigo que possuía muita afinidade com as ciências naturais. Ele havia concluído seus estudos de Física alguns anos antes. Propusera-se a se tornar um homem importante na sua especialidade.

Fui procurar por ele no mesmo dia. Provavelmente eu estava bastante perturbado, pois ele perguntou repentinamente:

– O que aconteceu com você, afinal?

– Eu tenho um buraco na minha sombra, respondi indicando minha cabeça com a mão.

Ele me olhou desconfiado. Custou-me, então, um certo esforço colocá-lo a par de tudo.



Depois de havermos analisado esse caso enigmático com o auxílio de vários tipos de lâmpadas trazidas para o quarto, e depois de meu amigo ter examinado minha cabeça com toda espécie de instrumentos misteriosos, ele afirmou, após longa reflexão:

– Aparentemente, trata-se da manifestação de um efeito cuja causa não pode ser comprovada pela ciência. Ainda não pode ser comprovada! Estou convencido de que o motivo do buraco na sua sombra é um lugar vazio no seu cérebro. Sem dúvida, uma doença até agora desconhecida. Na minha opinião, é uma doença muito grave, porque não pode ser estudada pelos métodos e recursos das ciências naturais. Contudo, estou convicto de que você pode fazer alguma coisa para combatê-la. Você deve fazer isso, pois eu acredito que se trata de uma doença altamente contagiosa. Você precisa livrar-se desse espaço vazio no seu cérebro. Precisa preenchê-lo. Aprofunde-se nas ciências naturais. Aprenda a pensar cientificamente, meu amigo, e o defeito no seu cérebro será remediado.

Com essas palavras, ele abriu a porta para que eu pudesse sair.

Seria mesmo o buraco na minha sombra o sinal de uma perigosa doença contagiosa? Como sempre, resolvi seguir o conselho de meu amigo. Enfronhei-me nas ciências. Pelo menos tentei. Em casa, os livros se amontoavam. Eu passava a maior parte do tempo em salas de aula e bibliotecas. Com isso, passou-se muito tempo, mas o buraco na minha sombra permanecia. Até então ninguém o havia percebido.

Nessa época, eu prestava muita atenção à sombra das outras pessoas. Quando encontrava alguém, quando conversava com alguém, primeiro eu olhava

para sua sombra. Aprendi a reconhecer os homens de acordo com ela. A natureza de sua sombra revelava-me sua essência, seu caráter. Entretanto, nunca encontrei alguém com um buraco na sua sombra.

Quanto mais eu me aprofundava nas ciências, mais claro ficava que não podia atribuir-lhe um significado verdadeiro. E o buraco na sombra de minha cabeça permaneceu. O remédio recomendado por meu amigo não ajudou. Seria por minha culpa?

Eu tinha também um outro amigo que além de ser um pensador, era também um homem religioso. Eu ainda não havia contado para ele esse fato tão peculiar. Decidi informá-lo também a respeito da opinião de meu outro amigo.

Ele ficou meditando longamente e fitou-me depois que lhe contei tudo.

E então, disse:

– De que se trata de um lugar vazio no seu cérebro eu não duvido. Tampouco de que essa mancha represente um defeito. Contudo, eu não a considero uma deficiência de conhecimento científico; trata-se, antes, de uma deficiência na sua visão de mundo. Conheço-o e sei que as coisas do mundo não significam muito para você porque não as considera filosoficamente. Só a Filosofia pode lhe dar uma base segura sobre a qual você pode se firmar!

Quando ele falou de "base segura", eu me vi repentinamente outra vez no ponto de ônibus, face a face com o inexplicável. Senti como o chão fugia sob meus pés e lembrei-me da comoção, do meu abalo interior. De um salto fui embora. Ainda ouvi meu amigo atrás de mim gritar algo sobre "estudos filosóficos" e o "valor da religião". Mas eu não podia mais confiar nisso! Já sabia como essa história se desenrolaria.

Dirigi-me para o ponto de ônibus. Só ali eu poderia encontrar a resposta. Eu estava consciente de que não se tratava mais de me livrar do buraco na minha sombra. Pelo contrário: eu presumia que, através do misterioso buraco, minha vida deveria tornar-se perfeita e absoluta. Porém, eu ainda não conseguia definir meu ponto de vista. Eu não sabia como lidar com aquilo.

Bastante tenso, cheguei no ponto de ônibus. Lá havia um poste com um cesto de papéis. No alto do poste estava fixada uma placa com a inscrição: "Linha 034". Esperei por mais de uma hora, mas não veio ônibus algum. Não me permiti desanimar. Caminhei diretamente até a cabine da administração do trânsito. Lá, perguntei ao homem atrás do guichê em que havia um quadro de informações se, por ventura, a linha 034 não estava em serviço. Cansado, ele voltou-se para mim e disse:

– Jovem, se você quer fazer troça comigo, precisa levantar-se um pouco mais cedo!

Decerto percebeu que eu não estava entendendo realmente nada, porque então, um pouco mais gentil, acrescentou:

– Não existe linha 034 nesta cidade.

Voltei ao ponto de ônibus para olhar mais uma vez a placa no poste, apesar de saber que ali não leria outra coisa senão "Linha 034".

Eu sentia que o inexplicável tentava aproximar-se de mim e que eu não deveria perder esse encontro. No ponto de ônibus não havia pessoa alguma, nenhum carro, nada. Ah... sim. Ali estava um homem, ao lado do poste. De terno preto, boné na cabeça, parecia um fiscal ou um motorista. Dirigi-me a ele:

– Perdão, a linha 034 circula mesmo ou não? O senhor também está esperando esse ônibus, não está? Perguntei-lhe.

Ele não olhou para mim. Fitava o chão, a minha sombra. Com certeza vira o buraco. Então, voltou-se para mim, e nossos olhares se encontraram. Eu tinha a sensação de que não deveria ter feito a pergunta desse modo; deveria tê-la feito de outra forma.

Ele disse:

– Sim, a linha 034 existe; porém não é do conhecimento da administração pública de trânsito. Pouquíssimas pessoas sabem que existe essa linha, apesar de a placa estar aqui.

Olhei para o poste. Só então me dei conta de que o cesto de papéis não estava pendurado nele. Estava no chão, e o poste estava dentro dele. Em cima, a placa ainda indicava "Linha 034".

– O senhor perguntou se eu também iria tomar esse ônibus?, recomeçou o homem a meu lado. Sim, de certo modo, pois sou o motorista dele. Vi o buraco na sua sombra. O senhor também pode vir nesse ônibus, se assim o desejar.

Eu estava para dizer que queria realmente, mas ele já estava continuando a falar:

– O senhor ainda olha para sua sombra para ver o buraco. Mas, na verdade, deve olhar para o buraco para reconhecer a sua sombra. Esse buraco não se encontra na sua sombra. Pelo contrário: é a sua sombra que envolve o buraco. O senhor está habituado a olhar do escuro para a luz, entretanto deve olhar da luz para o escuro. Então verá que o buraco é tudo, é luz. E a sombra nada é. Recomendaram-lhe que preenchesse o buraco. Mas, o senhor deve viver na luz desse buraco e, então, a sombra desaparecerá por si. Reflita bem se pode aceitar isso. Em caso afirmativo, volte aqui. Então poderá vir junto nesse ônibus.

Ele se virou e foi embora, lentamente. Só depois me dei conta de que, enquanto ele estava perto de

mim, só vi a minha própria sombra. A sombra dele não estava lá. Eu havia encontrado um homem sem sombra! E a minha consciência participou-me o que experimentei antes, no centro do meu abalo interior, quando, pela primeira vez, me deparei com o inexplicável.

Segui o conselho do motorista do ônibus.

Depois de algum tempo, voltei ao ponto de ônibus. Havia tomado minha decisão. No caminho ainda comprei um jornal. Parado ao lado do poste, folheava-o. De repente, minha atenção foi despertada por um artigo:

Há algum tempo, dizia, *têm sido registrados casos de uma doença até agora totalmente desconhecida, que atinge o cérebro. A doença se manifesta por um buraco na sombra da cabeça do paciente. Pelo fato de aparentemente tratar-se de uma doença muito contagiosa, toda pessoa com esse tipo de sintoma deve apresentar-se imediatamente no Instituto Central de Saúde Pública. Em breve o Instituto tomará providências para a realização de exames em toda a população para evitar que...*

Não continuei lendo. Joguei o jornal no cesto de papéis que estava perto de mim.

Então veio o ônibus. Reconheci o motorista. Ele parou no ponto, abriu a porta e eu entrei.

Falta contar que escrevi esta história a pedido do motorista, para todos aqueles que têm um buraco em sua sombra e ainda não foram curados pelo Instituto de Saúde Pública.



Cairo – Gisé

Um curto instante de silêncio. O rangido parou, o ruído dos passos na areia sobre a qual o orvalho formou uma placa compacta. Por isso, ao caminhar, essa peculiar crepitação é provocada.

Os homens pararam para aquietar a respiração. O ofegar abranda-se para transformar-se num leve pigarro, sinal de que podem prosseguir a viagem.

A imensa massa de pedra eleva-se diante deles. Um vento manso mantém algumas nuvens em movimento, de modo que a paisagem ao redor alterna-se da escuridão total para a claridade do luar. Nessa região, a caminhada não é tão fácil assim, principalmente porque há grandes lascas de pedra espalhadas pelo chão, traiçoeiramente meio encobertas pela areia.

A roupa do homem à esquerda está totalmente puída. Pode ter sido um terno muito bonito, de tecido fino, talvez até feito por um bom alfaiate, mas, qualquer que seja o motivo, está gasto e esgarçado. Seu rosto certamente expressa uma firme determinação, mas estranhamente, ao mesmo tempo, uma certa dúvida; a dúvida de um homem que começou alguma coisa e sabe que não pode mais voltar atrás. Ele também tem a mesma determinação que um homem obtém quando já não pode desistir, quando não quer mais voltar atrás.

Dos dois, o homem à esquerda está em melhores condições, logo se percebe, pois ainda pode andar com

suas próprias forças, enquanto que o amigo ao seu lado precisa ser amparado.

O homem da direita, ou seja, o que depende da ajuda de seu amigo, parece estar muito extenuado, no limite mesmo de suas energias. No entanto, também é muito estranho que, dentre os dois, ele seja o que dá a impressão de estar mais tranqüilo e sereno. Apesar de sua condição física, dele partem grande força, calma, certeza e uma determinada iniciativa.

Seu esgotamento já não o incomoda mais. Pelo contrário; poderíamos até dizer que, para ele, essa viagem é um alívio, não importando o que ainda venha a acontecer.

Uma nuvem maior estende-se diante da lua e provoca uma total escuridão por um período mais longo. Devagar, o ranger dos passos vai se tornando mais espaçado. Depois, faz-se novamente silêncio.

Cairo, dois meses antes

Na recepção de um hotel surge um homem. Ele procura hospedagem por alguns dias, mas poderia ter que prolongar sua estadia por mais uma ou duas semanas. Está usando um traje de linho fino e bonito, de uma cor especial. Poderia ser cinza, um cinza claro, mas, também, sob o efeito da luz, um vermelho delicado. Trata-se do único material apropriado para um terno a ser usado num calor desses.



O homem atrás do balcão examina-o com a rapidez e a

experiência que só se consegue quando já se atendeu milhares de pessoas diferentes como chefe de recepção. No decorrer dos anos ele aprendeu a avaliar as pessoas e a observá-las sem precisar olhar diretamente para elas. Podemos perceber que estranhou o hóspede apenas por um ligeiro entreabrir dos olhos e por um movimento mínimo, quase imperceptível, de suas sobrancelhas. Não obstante, o homem do terno de linho é receptivo a essa atitude porque contava com ela.

O hotel, na realidade, é muito barato. A presença desse hóspede é um tanto destoante, pois aqui ninguém espera encontrar um comprador de uma grande empresa de confecção. Mas ele não está disposto a hospedar-se num hotel dessas grandes redes de hotelaria, principalmente porque são muito aborrecidos e monótonos.

Ele precisa aguardar no Cairo até que tenham considerado sua oferta e entrem em contato com ele de novo. Não, ainda não pode partir. Tampouco pode começar logo a fazer perguntas. Isso poderia melindrar as pessoas, provocando uma reação negativa. Ele deve ficar e esperar calmamente, visitar a cidade.

Cairo é uma cidade bonita; temos de admitir que vale a pena conhecê-la. Portanto, ele fica. E espera.

Como não confia no elevador, sobe pela escada e entra no quarto. A agilidade e rapidez com que procura insetos por ali revela uma experiência de muitos anos. Mas tudo está em ordem e, assim, ele coloca sua mala numa estante apropriada.

Do teto pende uma pequena lâmpada. No mais, o mobiliário consiste de uma cama, uma escrivaninha desbotada e uma cadeira sem assento. Apesar disso, o homem está satisfeito e ainda acha tudo confortável.

Passa os dias em várias visitas e pequenos passeios pela cidade e redondezas. Cairo é mesmo uma cidade que vale a pena ser vista. Os poucos dias se transformaram em uma semana e de uma semana passaram para duas. Até agora não chegou nenhuma informação positiva dos comerciantes de tecido. Ele tem de esperar mesmo. Por que sempre tanta pressa? Assim nunca se fecha um negócio!

Só muito mais tarde, depois de sem dúvida já estar ocupando seu pequeno quarto há mais de um mês, é que ele percebe que tem um vizinho no hotel. Trata-se de um homem discreto, quieto, que às vezes fica tão deprimido como se carregasse uma carga de séculos nos ombros. Seu vizinho é egípcio, habitante do país que ele visita.

Embora o deserto esteja completamente escuro, dois homens seguem seu caminho.

O homem que está vestido com o que já havia sido um fino terno de linho pondera:

– Se agora alguém quisesse conhecer por meu intermédio toda esta história e eu já tivesse podido observá-la com distanciamento e tivesse percebido como as coisas chegariam tão longe, então eu teria de dizer: não... não, ele nunca me pediu com palavras. Meu vizinho, meu amigo egípcio, nunca me pediu para ir junto com ele até a Pirâmide.

Ele jamais me pediu isso. Nem mesmo com uma só palavra. Nunca me compeliu, nem fez chantagem, pressão ou o que quer que fosse. E, mesmo assim, eu iria. Mesmo assim, nós iríamos juntos. Porque isso era lógico, era uma conseqüência lógica de nossas conversas, sem que eu percebesse que ele, durante todo o tempo, queria sair dali. Portanto, não era isso,

não foi assim que aconteceu. Era algo que simplesmente devia acontecer a partir do momento em que eu fiquei sabendo. Ir era uma necessidade.

O plano evoluiu vagarosamente. Pouco a pouco, meu amigo falava cada vez mais sobre a viagem que precisávamos fazer e sobre a esfinge no deserto pela qual deveríamos passar se quiséssemos entrar na Pirâmide.

Ele também falava sobre as três perguntas que ela faz: Homem, quem és? De onde vens? Para onde vais?

Era difícil responder a essas perguntas, dar uma resposta verdadeira e honesta, naquela noite, longe do Cairo, quando alcançamos o planalto de Gisé.

Nos últimos dias antes da viagem, meu amigo estava ficando cada vez mais fraco: era como se as minuciosas explicações que havia dado tivessem exigido o máximo de suas forças. A partir de um determinado momento, chegamos mesmo a esse ponto: nós iríamos... e fomos.

Entretanto, ele estava tão enfraquecido que eu precisava ampará-lo enquanto caminhávamos na areia fofa do deserto.

Precisamos parar para descansar inúmeras vezes. Finalmente, alcançamos a entrada que ficava um pouco à esquerda do centro da Pirâmide. Situava-se do lado norte, a uma altura de aproximadamente dezesseis metros, tão alta quanto o sétimo andar de um prédio de apartamentos!

Eu sempre precisava erguer um pouco meu amigo. Sentava-o na borda dos grandes degraus que formam a Pirâmide pelo lado de fora. Então, eu mesmo subia um pouquinho mais para que pudesse puxá-lo para o degrau seguinte.

Como de costume, à noite a Pirâmide estava fechada. Apesar disso, conseguimos abrir a fechadura e visualizar uma passagem estreita em declive.

Entramos nessa passagem descendente e tentamos caminhar, se é que se pode falar em caminhar num corredor de mais ou menos um metro de diâmetro que desce abruptamente. Dizem que, durante a construção da Pirâmide, a constelação do Dragão estava direcionada exatamente sobre a extensão dessa passagem.

A passagem descendente é o caminho que confronta o homem de maneira absoluta e inevitável com o caos, com o declínio e o esvaziamento total de seu sistema, se ele perseverar no seu anseio. O corredor que leva para baixo é a passagem que conduz à câmara subterrânea: uma câmara cujas paredes e teto são decorados, porém onde o piso é de pedra bruta. O piso da câmara subterrânea é o ponto mais profundo. A pedra bruta, não trabalhada, é um símbolo das mais extremas trevas, mais profundas do que o ponto até onde uma criatura pode descer.

– Minha opinião era de que não deveríamos mesmo ir tão longe pelo caminho descendente.

Num determinado momento, o egípcio indicou uma placa de granito no teto da câmara. Os antigos egípcios falavam do umbral secreto. Meu amigo apontou para ela e disse:

"Não vamos prosseguir nossa viagem para baixo, mas vamos dirigir-nos para cima de agora em diante. Atrás do umbral secreto começa o primeiro corredor ascendente."

O que a nosso ver parecia ser uma placa de granito, era, na verdade, um bloco de granito de oito metros de espessura que fechava a entrada para o corredor

ascendente. Homem nenhum consegue remover esse bloco de granito. Diz-se que ele é o símbolo do ser-eu do homem: duro, inflexível, absolutamente imaleável.

Ladrões e salteadores simplesmente perfuraram na pedra de calcário, mais mole, um caminho ao lado do bloco de granito. Naturalmente não seguimos por esse caminho.

Um antigo provérbio egípcio diz que: "Quem deseja entrar na Pirâmide deve passar pela esfinge".

Havíamos passado pela esfinge e suas perguntas ainda soavam em nossos ouvidos: "Homem, quem és? De onde vens? Para onde vais?"

Como os fatos se desenrolaram depois? Isto é mais difícil de contar.

Teriam os homens avançado mais para o interior da Pirâmide ou não? Adentraram ou não o caminho ascendente? O homem do terno de linho afirma com muita segurança ter vivenciado alguma coisa no ponto mais interior da Pirâmide. Mas, falando honestamente, nenhum corpo humano consegue passar pelo bloco de granito. Ele estabelece uma fronteira, o limite absoluto da matéria.

Será que o egípcio, agora recuperado, possuía dons especiais? Ou será que foi a crença de ambos de que a viagem prosseguia por detrás do bloco, que ela devia continuar? Teriam entrado na Pirâmide em pensamento?

O homem do terno de linho conta como foi para ele:

– Havia um corredor, um estreito corredor ascendente. Ele também tinha um metro de diâmetro e a mesma inclinação que o corredor descendente, todavia, em direção ascendente.

Nichos repetiam-se dividindo a passagem em sete partes, simbolizando a ação dos sete raios universais

para os quais se volta o homem que tomou a decisão de seguir o caminho ascendente.

De repente, o teto acima de nós tornou-se alto, muito mais alto, e as paredes laterais afastaram-se bastante, enquanto que, do mesmo ponto, saía um corredor horizontal. Este levou-nos a um espaço situado no centro da Pirâmide. Esse espaço possuía uma cobertura abobadada de uma forma especial: era a câmara do rei.

Diz-se que nessa câmara nasce a nova alma.

Não é o homem do terno de linho que renova suas forças aqui, é o outro, seu companheiro, que cada um de nós traz em seu ser. É ele que renasce aqui e que recupera sua antiga força. É o egípcio, no início tão fraco, que, então, é completamente recuperado.

– Voltamos para a bifurcação de onde derivava o corredor horizontal e onde a passagem ascendente era muito mais clara, mais alta e mais larga. Dali em diante, já não havia necessidade de rastejar. Agora era o egípcio, a alma renascida, que precedia na caminhada. Foi o egípcio quem passou pelas provas na galeria ascendente.

Segundo a tradição egípcia, aqui se faz a pesagem do coração humano. Num prato da balança, o coração, no outro, a pena, símbolo egípcio da verdade.

Quem é que consegue passar por essas provas?

Qual é a criatura que é tão vivificada pela verdade, tão elevada, tão leve como uma pena? É a essência do homem renascido, pois sua essência é a verdade.

No fim da galeria ascendente, onde se passa pelas provas de morte e julgamento, está situado o umbral alto, de novo um corredor horizontal que se eleva repentinamente em um metro.

– E então, depois que atravessamos uma antecâmara menor, chegamos ao objetivo final da viagem: a câmara do rei, construída com cem blocos de granito escuro, polido, com uma cobertura de nove pesadas vigas de granito.

Na câmara do rei encontra-se o único objeto móvel da Pirâmide. Trata-se de uma grande arca de pedra, uma urna. Mas essa urna não tem tampa; ela é aberta na parte superior.

Na borda há um sulco que sugere que a tampa, propositadamente, está faltando. A urna está aberta. Quando olhamos para dentro, não vimos ali uma múmia. Não é uma sepultura; não há vasos, nem cacos de jarros ou adornos ali dentro.

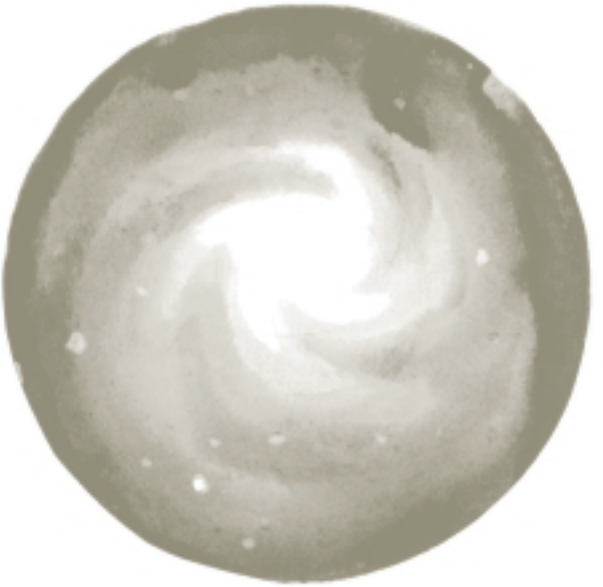
Este é o mistério da grande Pirâmide!

A sepultura, objetivo final da viagem, está vazia, completamente vazia!

O homem renascido não deixa qualquer vestígio. Nada mais o liga à matéria terrena, nada mais o prende. Ele é livre, totalmente livre!

O homem do terno de linho silencia.

– Você compreenderá, acrescenta ele enfim, que meu amigo não está mais comigo como antes. Nós estávamos no mesmo hotel. Éramos vizinhos, depois amigos. A câmara com o sepulcro aberto foi o começo para ele, o começo de um longo caminho, de uma viagem sem fim ao longo da abóbada celeste. Agora ele segue o caminho das estrelas. E, mesmo assim, está sempre comigo.



Al Nova

– Estamos nos desviando da rota, capitão.

– Alguma informação, Ardon?

– O painel magnético já acusa dois graus de diferença, capitão.

– Causa?

– Defeito no painel de proteção. Ainda não sabemos exatamente se de causa magnética, nuclear, específica do espaço ou por impacto.

– Hm. Onde estamos agora?

– Seção B2, Grande Nebulosa Espiral. Estamos em curso aproximadamente no terceiro planeta de um sistema situado no braço de Orion, área periférica.

– Qual estrela?

– Uma de tamanho médio, anã amarela, com cerca de quatro a cinco milhões de anos de idade, capitão. Nome regional: Sol.

– Não são lá boas notícias, Ardon. O que você acha, podemos pousar lá?

– Temo que não, capitão. Talvez devêssemos...

Entretanto, foi interrompido pelo rádio de bordo:

Novo impacto por desvio de rota. Diâmetro do asteróide: 5,60. Autocorreção impossível. Pouso no planeta B2, 4º círculo. Não há previsão de maiores problemas no pouso. População local: polêmica, materialista, nacionalista, quatro corpos ativos, o quarto em desenvolvimento. Condições: autodestruidora, lutas religiosas e sociais com armas eletrônicas, duas ações

de guerra nuclear, muitos testes atômicos, muitos acidentes. Tendência do estado de evolução: dirigida por vínculos familiares ou de raça. Guia do estado de evolução cósmica: ainda não há informações, com exceção de grupos isolados. Contato ainda não desejado seriamente. Pouso em poucos minutos. As condições atmosféricas permitem soltar o veículo dentro de quinze minutos. Instruções para o salvamento: sinal para a nave-mãe Al Ni'yr respondido. Resgate em preparação pelo método da "jangada na água". Fim da mensagem eletrônica.

Por um curto espaço de tempo fez-se silêncio. Por um instante, cada um de nós ficou a sós com seus pensamentos. Transportamo-nos, em espírito, para casa, naquele campo de vida tão diferente que existe por trás deste cosmos: nossa pátria, onde a lei fundamental é o amor inscrito no sangue do coração. Nosso campo-mãe que só podemos alcançar através dos portais da estrela Al Ni'yr.

Os mais fortes de nosso povo foram escolhidos para participar dessa missão que agora estava ameaçada de fracassar. Formando uma unidade inquebrantável, num grupo de doze, pilotamos a nave espacial Al Nova.

Objetivo: descobrir, em toda a extensão deste cosmo, lugares onde, em determinada época, possam ser abertas portas para o outro campo de vida – se os habitantes locais colaborarem para isso.

Porém, melhor do que contar nossa história, é acompanhar de agora em diante os relatórios de Ardon.

– Foi tão rápido quanto um raio: uma fração de segundos. Um momento mais tarde encontramo-nos numa faixa de terra rodeada pelo oceano. Nós todos havíamos recebido corpos adaptados às circunstâncias e

tanto a temperatura como o ambiente estavam magníficos.

Adaptar um corpo tem vantagens consideráveis. Somos capazes de empregar os materiais do planeta podendo assim, eventualmente, apreciar os aspectos bons que ele oferece.

Isso também traz desvantagens. É raro, mas pode acontecer que alguém do grupo sinta-se atraído pela beleza local e depois não queira mais voltar com os outros. Não é de admirar, pois perdemos a velocidade habitual de ação, a compreensão torna-se turva e a faculdade do pensamento, assim como a maneira de ver as coisas, ficam muito limitadas. Todos os envolvidos nessa missão conheciam a história de Clariya, que também naufragou em algum lugar perto daqui. No momento decisivo ela perdeu o contato com a nave-mãe que tinha vindo buscá-la. Foi uma catástrofe! Pode demorar séculos até que seja dada uma nova oportunidade pela estrela Al Ni'yr.

Por isso, quando necessário, a nave-mãe inicia imediatamente a apresentação de instruções para que não sejamos distraídos e para que não deixemos o momento decisivo passar.

Nosso salvamento, através do método de flutuação na água, exigiu a construção de uma jangada, feita com madeira encontrada no local, cipó e folhas de palmeira.

Que sensação indescritível quando, naquela manhã, olhando o curso das estrelas, vimos que podíamos partir! Nós sabemos dessas coisas através da ligação com a nossa casa na estrela Al Ni'yr que, nessa noite, também é visível desse planeta.

Todos temos essa ligação. Não importa em que galáxia ou em que sistema solar nos encontremos, pois, em qualquer lugar, em qualquer planeta e em qualquer campo magnético, estamos ligados com o nosso campo

de vida, a estrela Al Ni'yr, através da força desse vínculo. Isso nos torna invencíveis e sempre seguros. Assim, não tivemos a menor dúvida quando, em doze, empurramos a jangada através das ondas para o mar aberto. O grande momento havia chegado: a nave-mãe apareceria essa noite.

E como apareceu! No mar aberto, sob o majestoso céu estrelado daquele planeta B2, quarto anel, a luz transformou-se. Primeiro, só com uma diferença sutil. Porém, intensificou-se, tornou-se incandescente. A nave surgiu como uma estrela que se tornava cada vez mais clara e rapidamente iluminou todo o céu noturno como se fosse dia. Nós sentimos como a vibração se alterou, tornando-se mais elevada. Uma vibração penetrante irradiava e logo em seguida quase não a podíamos suportar. Um após outro fomos perdendo os sentidos, mas nenhum de nós sentia aquilo como sendo algo desagradável ou amedrontador. Todos sabíamos que a nave espacial desceria sobre nós como uma galinha-choca sobre seus pintinhos. No outro dia estaríamos a bordo e completamente restabelecidos.

Eu fui um dos últimos que perdeu os sentidos, com a noção plena de alegria de que, ao amanhecer, teria deixado para trás, longe, a pequena estrela anã amarela, o sol deste planeta.

Na manhã seguinte, ainda totalmente tomado por esses bem aventurados pensamentos, abri os olhos sentindo-me como que renascido. Ao perceber com clareza o que eu via, esse sentimento desapareceu tão rápido como um raio. O que outras pessoas sem dúvida chamariam de uma manhã maravilhosa encheu-me de horror de tal maneira, que foi como se as portas do inferno estivessem abertas diante de mim.

Eu estava sozinho! Era o único a vagar numa jangada no oceano sem fim, sob um radiante céu azul

com a pequena estrela anã amarela não longe, atrás e distante como eu havia desejado, mas em vez disso, queimando-me impiedosamente as costas nuas. A nave-mãe me deixara para trás! Todos haviam embarcado!

Não havia ninguém...

Eu...

A sensação de absoluto desconsolo, desespero e invisível escuridão que nesse momento se apossou de mim, não consigo descrever com palavras e espero nunca mais experimentar. Agora me era totalmente indiferente ser tragado pelas ondas para sempre. A todo instante estava preste a lançar-me no mar. Entretanto, não o fiz.

Quando sobreveio uma tempestade, amarrei-me firmemente em alguns pedaços de madeira aparentemente estáveis, ainda guardando a esperança de sobreviver.

Fort Ross, Califórnia

– Puxa! Esse aí ainda se movimenta!

Mark Evans ria. Era patrulheiro da polícia e guarda costeiro e gostava do imprevisível que, às vezes, sua profissão proporcionava. Com o pé, tocou levemente um lado do corpo completamente flácido que jazia na praia.

– Parece que se afogou. Esse não tem mais muito a perder, Mark, disse seu colega.

– Venha, vamos chamar uma ambulância.

– Eu não tinha mesmo muito a perder. Embora meu sistema nervoso estivesse arrasado com aquela experiência horrível que tive no mar, a verdadeira miséria, o verdadeiro sofrimento começaria agora que estava à mercê de pessoas denominadas "normais".

Ah... Até parecia o tempo em que eu ainda estava com meus companheiros de destino e circulava pela península como num paraíso. Embora estivéssemos neste planeta e parecêssemos externamente com os outros, no íntimo sabíamos como as coisas eram na realidade. Pouco tempo mais e seguiríamos adiante, sempre a caminho, em viagens através da Via Láctea e de milhares de outros mundos e sistemas de evolução.

E agora... era preciso conviver, por um tempo indeterminado, com seres que nem mesmo aparecem na classificação cósmica...

Meu desespero era total.

Em primeiro lugar, eu tinha sofrido amnésia. Isso significa que eu tinha de fazer de conta! Num caso como o meu, em circunstância nenhuma podia contar às pessoas "sadias" de onde eu era. Em segundo lugar, eu não tinha uma única razão para cultivar amizades. Em terceiro lugar, não falava a língua deles fluentemente.

Além disso, a única coisa que desejava era voltar ao oceano numa jangada para que a nave-mãe pudesse me resgatar.

Quando finalmente eu lhes expliquei, não em inglês, mas desenhando com lápis e papel, eles concluíram que eu estava louco. Talvez não fosse perigoso, mas alguém como eu não podia ser deixado circulando livremente pela sociedade organizada.

Por isso, fui internado na Santa Monica Clinic for Mental Illnesses. Como eu só ficava quieto quando olhava para o mar, fui acomodado num pavilhão de onde podia avistar as extensas praias californianas, com um belo oceano azul que se estendia até o horizonte. À minha volta, tipos insociáveis, enfermeiros em sua maioria muito sobrecarregados, médicos presunçosos, deficientes físicos e mentais, alguns em cadeiras de

rodas movidas a bateria, pessoas queixosas, tristes, algumas vezes felizes, porém todas elas lesadas.

Nos primeiros meses fiquei sozinho em meu quarto. Falar, não conseguia: meu excessivo desgosto bloqueara minha garganta. "Que sentido faz", pensava eu, "ficar aqui olhando para o mar?" Eu nada fazia, nada comia, nada empreendia e nada mais sentia. Quanto mais rápido isso passasse, mais rápido eu morreria. Porém, a minha condição biológica foi mantida com uma infusão.

Depois de quatro meses, haviam feito exames de toda espécie. Aparentemente, meu caso era interessante o suficiente para que eu fosse mantido com vida. Devo dizer que a equipe de terapeutas era a simpatia em pessoa; e estou convencido de que cuidava de mim da melhor maneira possível e se propunha a fazer sempre o melhor. Quando quiseram alimentar-me por uma sonda, resolvi voltar a fazer refeições regularmente.

Um dia, quando estava na praia, o que acontecia freqüentemente, perdi completamente a noção do tempo. Contemplando a água na sua imensidão, voltei a sentir, pela primeira vez de modo significativo, a ligação com o lar: a ligação com a pátria além da estrela Al Ni'yr que nós, habitantes originais, sabemos que existe através de todo o cosmo. Ah... como isso me fez bem! Reconciliou-me um pouco com meu destino naquele momento.

Na clínica, falavam comigo sobre novos métodos de tratamento. Agora me recomendavam a terapia de eletrochoque. Diziam que, segundo as estatísticas, outros que também estiveram gravemente enfermos sentiram-se melhor com ela. É claro que eu não estava doente, mas, naquele momento, era o único que sabia disso. Decidi deixar que tudo simplesmente acontecesse. Mas que tortura indizível foi aquilo para mim! Que agressão

e menosprezo para com o ser humano! Eu não sabia o que havia acontecido comigo. Foi como se os delicados órgãos dos sentidos dentro de mim tivessem sido soldados e eu estivesse cheio de bolhas internamente! Ainda houve outra complicação como conseqüência: os choques elétricos parecem ter exercido influência imediata sobre o meu intelecto. Depois de duas ou três aplicações, já não me lembrava de mais nada, e até muitas semanas depois era com esforço que conseguia dar conta de meus afazeres habituais.

Ainda hoje não sei se teria recuperado minha memória se não tivesse acontecido, na clínica, uma coisa que transformou toda a minha vida.

Foi Clara. Tudo começou quando Clara, uma menina – ou melhor, uma moça – foi trazida para a clínica. Era a filha de um funcionário do governo, braço direito de um governador que pretendia tentar a presidência na pró xima eleição. Ela cantava numa banda.

– Não me toquem! Posso muito bem caminhar sozinha, foi a primeira coisa que a ouvi dizer a um séquito de enfermeiros, num tom áspero que até então me era desconhecido. Foi internada com o diagnóstico de melancolia, depressiva, ligeiramente maníaca.

Decerto ela mesma tinha outra opinião a respeito.

Numa entrevista para um jornal popular, ela contou que o governador, juntamente com seu pai, pretendia trair o próprio Estado, ou seja, a Pátria. E, além disso, ela se pronunciou sobre o comportamento corrompido de altos funcionários do governo. Eles não ficaram felizes com isso.

Nessa mesma entrevista, ela afirmou que seu pai nem mesmo era seu pai, pois nesse Estado corrupto ela não se sentia em casa.

– Meu lar fica além das estrelas, disse ela.

Mesmo tomando essa frase por expressão poética, as autoridades não queriam aceitar essa situação, pois as eleições estavam muito próximas.

Tinham de se livrar dela por enquanto, disse ela. Nesse momento, a clínica lhes era conveniente...

Posso dizer agora que o fim de sua liberdade foi o início de meu restabelecimento. Ela transformou minha vida na clínica. Suas observações argutas faziam-me bem. O brilho de sua presença propagou-se por toda a enfermaria. Desde o início estabeleceu-se entre nós um vínculo especial que, em parte pela situação forçada, tinha um quê de conspiração.

Ela me censurava dizendo que eu deixava as coisas acontecerem, que não me defendia psicologicamente. Não era bem assim; entretanto, naquele momento eu não podia explicar isso.

Não me envergonha contar que me sentia um patife quando, à noite, saqueávamos a despensa ou ficávamos chamando este ou aquele enfermeiro exaustivamente.

A atmosfera melhorou sensivelmente. Enquanto, pouco a pouco, recuperava minhas energias, reparei também nela uma certa mudança. Devagar, quase imperceptivelmente, consumava-se a transformação. No início, ela passava por fases tranqüilas apenas de vez em quando; depois, percebi que se aquietava por períodos mais longos.

Um dia ela começou a perguntar:

– Diga-me, você também passou algumas vezes pelos eletrochoques, não é?

– Pare com isso! Não existe nada pior! Como você me pergunta uma coisa dessas?

– São mesmo assim tão ruins? Os terapeutas dizem que eles têm um efeito muito bom. Quer dizer, que depois deles a gente fica livre de tudo... esquece?

– Sim, mais ou menos. Ou melhor: a gente fica tão chocado que semanas depois ainda precisa de muito esforço para fazer as coisas mais normais. É horrível, pior do que o inferno! Pelo menos foi assim que eu me senti, Clara. Mas...

Nessa hora eu pensei no meu fracassado contato com a nave-mãe. Com certeza isso foi igualmente grave.

Tentei fazê-la entender que, para uma pessoa sensível, os eletrochoques teriam o mesmo efeito de uma bomba de nêutrons sobre uma cidade. As construções ficariam em pé, porém toda a vida dentro dela seria destruída.

– Eu pedi um tratamento desse tipo.

– O quê? Você está louca, totalmente maluca, menina! Examine-se a si mesma.

Porém, a ironia era que ela estava ali justamente para isso. Eu não podia desviá-la da experiência que ela estava tendo. Ela realmente pensava que melhoraria depois.

Estranhamente, parece até que o choque fez bem para ela. Demorou dois dias para que voltasse a si, mas depois estava tão animada quanto antes.

No começo, eu não quis perguntar nada. Afinal, eu estava muito feliz porque tudo tinha voltado ao normal. Mas achava que isso era uma covardia, pois ela estava permitindo que lhe fizessem uma maldade tal que poderia causar sua própria ruína. Não é possível ver alguém de quem gostamos fazer isso. Eu tinha de conversar com ela, perguntar quais eram os seus motivos.

– Sempre acontece à noite, respondeu ela, mas eu não gostaria de falar sobre isso.

– É uma pena, pois eu gostaria de ajudá-la, se puder. Mas, para isso, eu preciso saber mais alguma coisa.

– E se eu não quiser receber nenhum auxílio? Se só quiser esquecer?

– Isso não ajuda. Também não me ajudou. Sempre volta. O que acontece com você?

Clara suspirou.

– Tem a ver com o sentimento, esse sentimento indescritível de saudade... E é sempre à noite – pelo menos enquanto dá para ver as estrelas. A sensação de que é lá... além delas, que eu estou em casa, e não aqui, entre os homens que fazem o melhor que podem, mas que não têm noção do que me faz tão diferente. Nessa hora, ressoa um nome dentro de mim – Al Ni'yr – e daí eu fico louca de saudade. E existe uma ligação... mas eu a perdi... por isso...

Vocês não podem imaginar o que se passou comigo. Senti frio e calor ao mesmo tempo, enquanto lágrimas enchiam meus olhos. De repente, entendi: ela era Clariya – uma de nós. Ela também tinha ficado para trás e perdido a nave-mãe!

Sua voz tornou-se mais firme.

–...e, por isso, quero esquecer este sentimento. Com ele não posso viver aqui. Fico maluca! Por isso é que gosto dos eletrochoques, mesmo que no dia seguinte eu não me sinta bem.

Então eu soube que não precisaria mais fazer perguntas. Na verdade, ela reagiu como era de se esperar que fizesse: agredindo tão duramente quanto possível, inclusive a si mesma.

Depois eu também não tive mais sossego. Não que estivesse enfeitiçado, sendo perseguido, ou mesmo nervoso, mas, de repente, compreendi muita coisa. Entendi, por exemplo, porque não fui levado, dois anos antes, quando num grupo de doze navegávamos no oceano. Entendi porque estava preso aqui, porque tinha de sofrer com a terapia de

eletrochoques, mas a partir de um ponto de vista completamente diferente.

E compreendi também que o tempo me obrigava a não hesitar mais, a não esperar mais.

Eu tinha de fazer alguma coisa, de algum modo, para impedir que Clara se submetesse a uma nova aplicação, pois o perigo iminente era que a agressividade da terapia apagasse totalmente a sua pré-memória. Eu sabia que entre duas aplicações se passariam no mínimo dez dias. Mas, como conseguiria o material necessário? Apenas minhas duas mãos não seriam suficientes. Clara teria de ajudar, senão eu não conseguiria. Eu teria de falar com ela. Se nós conseguíssemos estabelecer o contato...

De um rochedo, a uma distância segura dos enfermeiros, nós olhávamos o mar. Peguei suas mãos e senti imediatamente que o contato, a ligação, estava feito. Al Ni'yr...

Uma confiança total imperou tanto em mim como nela. Assim começamos a nos preparar, com alegria e coragem.

Nos dias seguintes, juntamos cordas no depósito e tábuas no celeiro. Durante o dia, pegávamos ferramentas na Terapia Ocupacional.

Construir uma jangada não seria tão difícil se não tivéssemos que terminar em poucos dias, impreterivelmente. Mas, era preciso trabalhar à noite e sempre pelo curto lapso de tempo entre as rondas dos vigias noturnos. O mais difícil era esconder as peças de modo que não fossem vistas durante o dia.

Nove dias foram necessários, dez, onze dias – e ainda nada estava pronto. Durante o dia, Clara simulava problemas na sua convalescença; assim a segunda aplicação foi adiada.

Na décima segunda noite estávamos prontos.



Teríamos uma única chance, disso tínhamos certeza. Mas ainda não podíamos partir. Era preciso esperar. Nenhum de nós captara um sinal.

Clara foi mesmo submetida a mais uma aplicação. Depois, ficou como uma criança. Ela chorava e chorava, sem parar.

Como era triste que aquelas pessoas tivessem tão pouca compreensão! Não viam mesmo o que estava acontecendo? Clara nem conseguia falar. Eu segurava suas mãos com firmeza, enquanto via em seus olhos o quanto ela tinha medo.

– Vá sozinho, sussurrou.

Ela ainda sabia! E, nesse momento, eu também decidi: hoje à noite!

Mas Clara não podia andar. Como a levaria até a jangada? Havíamos planejado que passaríamos pelas ondas no momento preciso em que a segunda ronda chegasse à nossa ala.

Segurando-a com cuidado, carreguei-a sobre meus ombros. Arrastei-me com ela até o lugar onde estava a jangada e a acomodei ali. Apenas seus olhos estavam vivazes; o corpo, ela quase não conseguia mover. Eu transpirava. Sabia que teria pouquíssimo tempo quando empurrei a jangada de encontro às ondas.

Eu temia não conseguir novamente! O suor misturava-se com as lágrimas de desespero. Não enxergava mais nada, apenas empurrava.

Será que já estava clareando ali? Eu ainda estava na água. O que deveria ser um grande alívio transformou-se em profundo desespero. A luz tornou-se mais forte, mais intensa, e eu reconheci a nave-mãe.

Não fazia sentido. Eu teria de estar a muitas milhas de distância em mar aberto...

Não consegui seguir as instruções e ia me desencontrar da nave-mãe. Eu achava que, para Clara, seria ainda pior. Perder outra vez...

Sentíamos como a vibração se alterava, tornava-se mais elevada. A radiação que partia da nave interpenetrava tudo e eu quase já não podia suportar. Ouvíamos atrás de nós portas de carro batendo, motores sendo acionados e víamos seus faróis vagando na praia. Apenas os olhos de Clara ficaram despertos. Eu perdi a consciência.

Num bar de beira de estrada, Mark Evans, funcionário da polícia e patrulheiro da guarda costeira mergulhou um bolinho no seu café e abriu o jornal.

– Hei, puxa vida! Você precisa ouvir isso!

Seu colega acompanhou-o na leitura:

Estranho fenômeno natural em Fort Ross, na costa da Califórnia:

Ontem à noite foi observada, na praia de Fort Ross, uma estranha aurora nas imediações da Santa Monica

Clinic for Mental Illnesses. Uma luz azulada, de freqüência ainda desconhecida, que mergulhou toda a redondeza em luz do dia, parece não ter causado danos a laranjeiras e outras plantas, segundo um porta-voz do município. Especialistas têm dúvidas quanto à origem da luz, entretanto insistem que não se trata de um fenômeno desconhecido mas que, na maioria das vezes, ele costuma acontecer em alto-mar. Dois pacientes da clínica acima citada desapareceram. Foram atingidos a filha de um funcionário do governo e outro paciente, salvo de morte por afogamento, portador de amnésia, que há dois anos havia sido encontrado na mesma praia, um pouco mais ao norte. Na praia foi encontrada uma jangada totalmente imprestável. Presume-se que os dois se afogaram sob a influência do fenômeno natural.

A pequena estrela anã amarela, o sol do planeta B2, 4º anel, já estava lá longe, lá atrás, quando Ardon abriu os olhos, a bordo da nave espacial Al Nova. A primeira coisa que viu foram os olhos de Clara. Enquanto um sentimento desconhecido apoderava-se dele, comunhão e gratidão, bênção e realização tornavam-se uma unidade, ele percebeu a voz do capitão:

– Estamos novamente na rota, amigos.

Baseado numa idéia de Doris Lessing



A Rota da Antiga Caravana

O hangar do campo de aviação está cheio de gente. Que atmosfera estranha, tão diferente da que estou acostumado! Raras vezes tive essa sensação. Cresce em mim uma certa tensão. Olho de novo ao redor, na ala de desembarque.

Mulheres e homens envoltos em toda espécie de vestimenta caminham desordenadamente. É este o mundo pelo qual eu tanto ansiava? É este o início da minha viagem?

Viagens. Desde criança já havia em mim uma sensação indefinida de que devia sair à procura de alguma coisa.

E quando concluí os estudos estava firmemente decidido:

Eu sairia à procura.

Minha escolha recaiu sobre o deserto. Por quê? Bem, acho que a imensa extensão e sobretudo o silêncio atraíam-me bastante.

Logo encontro um hotel. Agora já estou, há alguns dias, vagando por esta cidade, aqui onde termina o deserto.

Hoje, encontrei um mercador de tapetes no caravançarai, a casa de comércio junto ao deserto, onde mercadores de toda a redondeza são atraídos pela farta possibilidade de transações comerciais entre si.

Meu plano de juntar-me a uma caravana começa a tomar forma e pode até tornar-se realidade.

Amanhã terei de ir lá mais uma vez. É grande a chance de que um mercador de um povo nômade venha procurar o negociante de tapetes. A tal grupo de nômades é que eu gostaria de me juntar.

E realmente: a sorte está comigo!

Depois de arrumar minha mochila e pagar o hotel onde, em todo caso, eu não queria mais ficar, fui para a loja de tapetes.

O mercador estava envolvido em animada conversa com um homem que, à primeira vista, correspondia às minhas expectativas a respeito da aparência de um nômade. Chama-se Rahim. Logo tudo se arranja e acompanho-o imediatamente de volta à sua tenda.

Eles ainda ficarão por alguns dias nos arredores da cidade para negociar. Seu próximo destino é uma outra cidade. Para alcançá-la, a caravana tem de atravessar o deserto. Durante esses dias terei tempo suficiente para conhecer melhor as pessoas desse povo.

Com uma delas entro em contato quase que imediatamente.

Chama-se Samira e é a filha de Rahim. Temos mais ou menos a mesma idade. Ela me leva para todo o lado e me apresenta a todos. Com sua ajuda, sou aceito pelo grupo.

Com ela e com Ahmed, seu irmão mais novo, aprendo rapidamente as brincadeiras com as quais eles passam suas muitas horas livres.

Dessa maneira, começo a entender com muita rapidez alguma coisa de seu estranho idioma. Passo quase todas as noites junto à fogueira da família de Samira.

Uma noite, Rahim contou o seguinte:

– Todo membro de uma caravana deve saber uma regra. Toda criança aprende-a desde pequena e, por isso, digo-a também a você, Roy:

Quando viajamos em caravana, um guia segue adiante de nós. Esse guia conhece o caminho através

da rota da caravana, área essa que, às vezes, tem trinta quilômetros de largura. Nunca podemos abandonar essa pista e quem o faz está perdido. Ele vai ficar sem rumo e morrer de sede.

Não consigo imaginar essa assim chamada pista da caravana. Por esse motivo, pergunto admirado:

– Mas, então vocês ainda não conseguem seguir a pista certa depois de tantos anos?

– Não, é impossível, diz Rahim confirmando minha suposição. Nós sempre nos deixamos conduzir por um guia e nunca abandonamos nossa rota. Já faz trinta anos que viajo assim pelo deserto e espero resistir ainda por muito tempo.

Não posso acreditar que esse seja o objetivo de vida de um homem. É um caminho sem sentido.

Não haverá algo mais por trás disso?

Será que ninguém quer desistir dessa caminhada por essa pista sem fim?

E as crianças, como vêem o seu futuro? Elas também querem seguir por esse mesmo caminho?

Ninguém aqui conhece essa sensação que eu tenho, este anseio de romper com o que é velho e tornar-se livre?

– Papai, você precisa contar também para ele sobre a ilusão no deserto!

A voz de Ahmed soa um tanto excitada.

Naturalmente já ouvi alguma coisa a respeito disso, mas estou meio curioso para ouvir a opinião de Rahim.

– Sim, a miragem, você diz. Não há dúvida de que nós a veremos na próxima semana. Através do reflexo no ar podemos ver, repentinamente, as coisas mais lindas e incríveis, por exemplo, imponentes palmeiras e regatos. Porém, tão logo nos aproximemos, veremos que nada são, só aparência, miragem.

Nada disso era novo para mim, mas era o suficiente para aguçar minha curiosidade. Secretamente, desejo ver uma de perto durante a minha viagem.

É inacreditável a rapidez com que esse povo consegue empacotar seus utensílios domésticos. Realmente, observo-os com admiração.

Em uma hora a caravana está pronta para partir.

Até aqui tudo foi muito divertido para mim, mas agora começo a ficar apreensivo. Será que vou atingir meu objetivo durante essa viagem?

Vou com Samira, seguindo um dos camelos pertencente a sua família. Ahmed acompanha-nos atrás, com dois de seus velhos companheiros e um dos camelos, que leva uma pesada carga de utensílios, mantimentos e, sobretudo, água.

Não andamos depressa. Apesar disso, percebemos que a caravana avança sem parar.

Não há interrupções. Entretanto, depois de duas ou três horas há uma pausa geral para o descanso de todos.

Foi durante esta primeira pausa que eu a vi pela primeira vez.

– Samira! Ahmed! Olhem lá! Grama verde, árvores e um pequeno riacho. Vocês também estão vendo?

– Sim, sim, eu também estou vendo, grita Ahmed, muito contente.

– Isso é uma ilusão ou é sério? Oh, eu gostaria tanto de um dia ver de perto! Você também, Samira?

Ahmed vira-se para mim e confessa:

– Samira e eu já tivemos muitas vezes esta intenção. Nosso segredo é que queremos observar uma de perto.

– Falando honestamente, também me parece fantástico ver isso de perto, digo com cautela.

– Então, vamos fazer isto agora mesmo, Samira. Com certeza ficaremos aqui por mais ou menos meia hora e, até lá, já estaremos de volta. Como podem ver, não é muito longe daqui.

Ahmed está bastante alvoroçado com essa idéia.

Mas logo pudemos perceber que, no deserto, é bem difícil avaliar as distâncias.

Assim, saímos os três, furtivamente, do acampamento, sem chamar qualquer atenção. Ahmed na frente; Samira e eu quase não conseguíamos acompanhá-lo.

– Hum... como está calor! E esquecemos de trazer água. Que cabeças de vento somos nós!

Samira pára, hesitante.

– Ahmed, temos de voltar, senão morreremos de sede!

– Ora... Venha! Estamos bem perto! Aliás, lá existe um riacho onde poderemos beber quanto quisermos. Só mais um pouquinho.

Ahmed continua caminhando.

– Mas, tinha de ser aqui! Sim, foi aqui, junto a essas rochas, que eu vi o regato.

Paramos em silêncio e olhamos cuidadosamente à nossa volta. Não se via riacho em lugar algum. Foi mesmo uma miragem? Entreolhamo-nos.

– Fomos enganados, disse então Samira. Essa foi mesmo uma genuína miragem. Vamos voltar o mais rápido possível, senão eles perceberão que nós saímos.

Quietos e decepcionados, nós três caminhamos de volta. Entretanto, era muito mais longe do que pensávamos. Por sorte, pudemos seguir nossas próprias pegadas.

– Ahmed, não agüento mais! Estou com uma sede tão terrível! disse Samira quase chorando.

– Você precisa agüentar! Eu também estou com sede, mas temos de continuar, senão estaremos perdidos.

Então, de repente, vemos a caravana. Todos estão prontos para seguir adiante. Rahim caminha inquieto de um lado para outro.

– Ih... É muito tarde. Eles perceberam. Ele vai ficar bravo.

Como ainda não domino a língua, naturalmente não entendo com exatidão tudo o que Rahim diz, mas posso adivinhar. Acho que ele está bastante preocupado.

No que me diz respeito, isso eu entendo bem: correr atrás de uma ilusão não pode ser o objetivo de minha viagem.

Em silêncio, seguimos nosso camelo. Estamos os três muito assustados. Mas, a busca, a ânsia de meu coração, tornou-se ainda mais forte depois dessa experiência.

Então, como eu mesmo estava quieto, percebo que no deserto não é tão silencioso quanto pensava. Além do ruído produzido pela própria caravana, ouço mais um zumbido alto.

– Que barulho é esse? O que é esse zumbido alto, como se tivessem soltado uma dúzia de grilos? Você sabe, Samira?

– Sei, é o calor, o calor tão intenso que resseca tudo e provoca esse ruído.

Eu nunca tinha imaginado isso. Portanto, o deserto não é assim tão calmo. A verdadeira tranqüilidade não se deve procurar fora, mas dentro de si mesmo. Eu sempre procurei a tranqüilidade fora de mim. Essa percepção atingiu minha consciência como um choque: a percepção de ter avançado mais um pouquinho em direção à minha meta. Mas ainda não era tudo. Assim passaram dias.

Na verdade, um dia igual ao outro. Até que, uma manhã, bem cedo...

– Samira, Roy! Olhem lá no alto, no ar!

Ahmed me pega pelo braço. Agora eu também vejo. Nunca vi, em toda minha vida, uma coisa tão bonita!

– Que luz!, grita Samira.

– Olhem só! Aquilo parece uma ponte, uma ponte que vai da luz até o deserto. A ponte parece de ouro reluzente!

A voz de Ahmed altera-se de tanta agitação.

– É uma miragem de novo?, pergunto para Samira e Ahmed.

Durante essa viagem eu vi uma porção de miragens. Mas nada como isto. Alguma coisa me diz que dessa vez é sério. Estou curioso para saber o que eles dirão.

– Não posso acreditar que seja uma ilusão, diz baixinho Samira.

– Eu sei, com certeza, que não é uma miragem. Não sei porquê, mas sei com certeza.

A voz de Ahmed é alta e clara.

– E o que você acha, Roy?

– Também sinto que agora deve ser algo verdadeiro. Isso não é miragem, não é engano.

Paramos em meio a uma grande agitação.

– Vamos, vamos! Sigam em frente! Vocês estão bloqueando toda a caravana.

Assustados, olhamos em volta. Além de nós, ninguém percebeu a ponte dourada. Rapidamente seguimos adiante.

Eu já tinha ouvido que a miragem desaparece quando dela nos aproximamos, porém, essa luz, com sua ponte dourada, parece seguir conosco. Ela nunca sai do meu campo de visão. Parece até tornar-se cada vez mais nítida. Até mesmo quando durmo vejo-a diante de mim.

Sei que essa luz é o verdadeiro motivo pelo qual saí nesta viagem. Foi por ela que procurei durante toda a minha vida. Sinto que ela aquece o meu coração.

Também compreendo que não verei essa luz por trás da ponte apenas aqui no deserto, mas também em casa, no meu próprio país.

Sua grandeza é tão inimaginável que sei, com certeza, que abarca o mundo todo.

É evidente que essa viagem foi necessária para abrir os meus olhos.

Sim, o objetivo de minha viagem foi atingido.

Vou continuar com meus amigos mais um pouco, entretanto, não preciso seguir a rota da velha caravana. Vou voltar para minha terra com um conhecimento firme no meu coração:

Um dia poderei entrar na luz da ponte dourada.

O Cometa das Coisas Novas



Sem ver coisa alguma, murmurando consigo mesmo, o velho erudito precipita-se escada abaixo, para fora da câmara da torre.

Pensamentos tão palpáveis como se fossem os próprios acontecimentos percorriam sua antiqüíssima cabeça com a mesma precipitação.

"Hoje, tem de ser hoje à noite!

Cento e vinte anos – uma vida tão longa não pode ter sido em vão! Hoje, exatamente hoje, cento e vinte anos!"

Como era importante para ele esse dia! Muitos anos, muitos anos assombrosos ele esperou por esse dia, sem contar com o fato de que sua vida poderia tomar um outro rumo a partir desse ponto.

Por todos esses anos, estudos concentrados estavam direcionados para esse dia, e agora...

Os pensamentos passavam-lhe pela cabeça, claros como cristal, como se fossem os próprios acontecimentos.

Aos sete anos de idade, criança miserável, ele foi acolhido por um simpático senhor nessa distante casa de campo. Esse velho senhor, que logo faleceu sem deixar herdeiros, havia determinado em seu testamento que todos os seus bens seriam destinados ao menino, quando este atingisse a maioridade. Até esse dia, o fiel e esperto criado, que morava embaixo, se responsabilizaria pelos cuidados e educação do menino.

O menino cresceu solitário nessa casa de campo antiga e um tanto decadente. Percorrendo os corredores e escadarias, ele já havia tomado posse daquilo que um dia viria a lhe pertencer. E assim, pouco a pouco, conheceu cada canto, cada ângulo, cada armário escondido e cada nicho imperceptível.

Sua juventude se passou sem a alegria própria de uma criança, sem amor e simpatia. Outra criança não teria suportado isso, mas o menino não conhecia outra vida. Quando algo lhe faltava, instintivamente ele o procurava entre as coisas de seu ambiente.

No segundo andar ficava uma câmara redonda que não servia para outra coisa senão para quarto de despejo. Tudo o que não era mais usado – móveis, louças, roupas e livros – era deixado ali em grande desordem e ninguém mais se importava com aquilo.

Esse era o seu espaço preferido, seu reino, onde se sentia a salvo. Sentia-se em casa, ali, em meio à tralha que amontoava aqui e acolá, de modo que houvesse espaço para movimentar-se e brincar.

Quando ainda era pequeno, o que mais o interessava era um berço de madeira. Não que brincasse

com ele, mas sempre tinha de olhá-lo e, de vez em quando, fazê-lo balançar, tocando-o com o pé. Em sua fantasia, as mais belas e mais queridas histórias giravam em torno desse berço.

Mais tarde, folheava os velhos livros. Encontrou livros de gravura e livros de leitura e depois, um dia, num baú cheio de publicações, achou:

"O Livro"!

Sempre relia esse livro que mantinha amplamente aberto sobre seus joelhos.

A leitura dessa história preenchia sua carência de amor, despertava sua sincera afeição e sua delicada sensibilidade. Dava forma ao seu anseio, à sua fantasia e à força de seu caráter.

E sempre aparecia ali aquela palavra que ele não compreendia. Havia tanta coisa na história que ele não entendia.

Entretanto, toda a grande sabedoria oculta, cheia de segredos, deixava-o com um sentimento indefinido de saudade.

Mais tarde? Ou ainda mais cedo?

Será que aquilo ainda viria? Ou já teria passado?

Em todo caso, esse "algo" misterioso provocava nele a sensação de que deveria saber mais, e então, através desse "algo", nenhuma pergunta ficaria sem resposta. Haveria uma solução para cada problema.

Uma fórmula, um segredo, um tesouro maravilhoso!

O quarto dos cacarecos e o livro proporcionaram à sua infância um aconchego e um contato com algo misterioso.

O menino revelou-se muito aplicado e os recursos que havia herdado lhe proporcionaram condições de estudar. Ele deixou a casa de campo, morou em pequenos quartos em cidades distantes e estranhas e estudou em muitas universidades.

Seu conhecimento ampliou-se e, com o conhecimento, aumentou o seu desejo de saber mais, de sondar mais profundamente e continuar sempre a pesquisar.

Às vezes voltava à chácara, para aquela distante tranqüilidade. Passava ali suas férias e cuidava para que a casa não entrasse em demasiada decadência. No entanto, durante sua curta permanência na casa, não entrava no quarto das tralhas. O livro foi esquecido, esquecida a saudade. E, contudo...

Toda a sua procura e pesquisa estavam voltadas para algo inatingível, distante, fora dele, acima e abaixo dele, como se inconscientemente, fossem estimuladas pelo sentimento indefinido de saudade de outrora.

Porém, ele não sabia, não suspeitava que a causa dessa saudade ainda estava por ser encontrada; tudo lhe escapava através desse conhecimento acumulado.

Assim, ficou cada vez mais velho; e a casa foi se deteriorando porque nenhum zelador agüentava por muito tempo aquela solidão.

Quando o erudito cansou de sua vida errante pelo mundo, juntou todos os seus tesouros, voltou para sua chácara e instalou-se definitivamente na pequena câmara da torre. Nem mesmo assim ele encontrou a paz. Com fervor quase indomável continuou seus estudos e pesquisas.

Seu cabelo tornou-se grisalho, depois embranqueceu. Ele próprio admirava-se de sua idade avançada e de sua vitalidade fora do comum.

Assim foi que, até em regiões distantes, ganhou a reputação de ser um mago, um homem esquisito e perigoso. Mas ele não se incomodava com isso. Entre os estudiosos do país, no entanto, ele era tido em alta conta e venerado como o maior sábio de seu tempo.

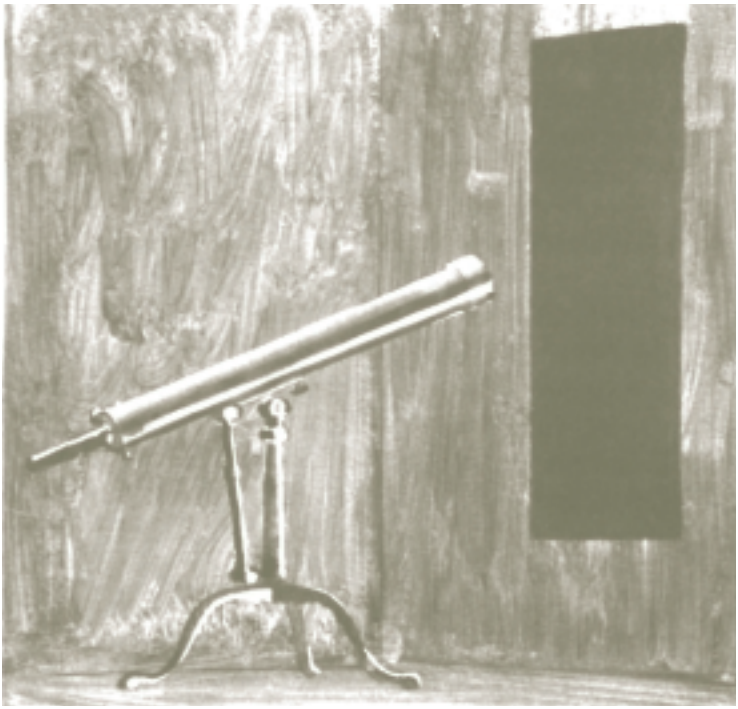
Seus estudos levaram-no ainda mais longe, até que chegou a uma nova descoberta que, pelo menos para ele, tomou um rumo muito satisfatório.

Através de determinados cálculos que ele havia empregado para um outro sistema solar, chegou a uma fórmula muito estranha.

Essa fórmula o interessou tanto que ele pesquisou até desvendar o que estava por trás dela.

Passaram-se anos, anos que, para ele, pareciam meses. O tempo o impeliu adiante como a um animal acossado, mas sua pesquisa foi recompensada.

Descobriu que a sua fórmula anunciava o aparecimento de um cometa flamejante. Em escritos antigos, muito antigos, era denominado o Cometa das Coisas Novas.



O velho intelectual alegrou-se como uma criança quando constatou a data em que esse cometa passaria pelo nosso planeta. Ainda demoraria muitos anos.

Mas, sem notar a idade avançada que já havia atingido, ele estava convencido de que ainda veria essa noite.

Ele não ficou ansioso à espera desse acontecimento especial. Não! O longo tempo de espera foi preenchido com uma incansável coleta de fatos relativos ao aparecimento do cometa.

Ele sempre questionava o significado de Coisas Novas. Sempre se informava com os colegas intelectuais. E sempre observava o céu à procura de sinais da aproximação do cometa.

Estava constantemente refletindo, estudando e escrevendo...

Nas últimas semanas nem dormia mais, supondo que pudesse ter se enganado no cálculo da hora exata.

Nessa época, a sala da torre havia se transformado num portentoso observatório. Todas as noites ele esquadrinhava febrilmente o céu.

Até esta noite, nada ainda...

E, justamente hoje, no seu 120º aniversário, o Cometa das Coisas Novas deveria aparecer flamejante no céu.

Toda sua esperança, toda sua vida, que tinha passado estudando, teria hoje a sua coroação.

Seria possível que viesse a malograr?

Então, por que será que aquelas nuvens densas estavam formando uma coroa em torno de sua câmara da torre? Nada se via do céu e provavelmente seria assim por toda a noite.

Mas lá fora não havia vento...

Nervoso, ele andava de uma janela para outra. Porém, a noite passou devagar e, desafiadoras, as nuvens pendiam baixas em torno da torre e sobre ela.

Cansado e deprimido, ele, enfim, deixou-se ficar numa cadeira.

E, de repente, como num relâmpago, ele reconheceu que toda a sua vida, todos os seus esforços, todos os seus estudos, todos os seus livros cheios de conhecimento não o levaram a lugar algum.

Esta noite que ele havia desejado que fosse a coroação de toda a sua existência não havia trazido mais do que neblina.

Ele viveu 120 anos, sempre com o ímpeto de atingir a meta de sua vida: um resultado grandioso e definitivo.

Será que seu anseio não havia sido grande o suficiente?

E, de novo, seu veemente anseio o pôs em movimento.

O cometa! Onde poderia observá-lo?

Toda a câmara da torre nada mais era do que uma prisão. Em algum lugar, em algum ponto, o Cometa das Coisas Novas teria de ser avistado!

Ele já estava correndo, despencando escada abaixo, saindo da prisão! Para fora, vamos!

No segundo andar, seu olhar inquieto focalizou a porta do quarto das tralhas.

Vejam! Ali seu agitado anseio aquietou-se, ficou muito tranqüilo. Sua busca sossegou e suas forças pareceram, de súbito, muito velhas.

Ele abriu a porta.

Lá dentro, seu olhar deu com os objetos esquecidos e, no entanto, tão conhecidos. Sua mão deslizou sobre o berço de madeira e, vejam: ali estava o livro que ele havia cuidadosamente colocado no berço, como um tesouro, quando deixou o quarto.

Com cautela, pegou-o em suas mãos, folheou-o leu e procurou.

Lá havia uma estranha fórmula, não havia? Um segredo? Um tesouro? Como era mesmo a palavra? Aquela palavra incompreensível que ele suspeitava vagamente como solução.

Ah, ali estava ela. Seu olhar fixou o velho papel e lá...

Mais calmo ele leu: as letras sempre apresentavam a estranha palavra.

E quanto mais lia, mais se lhe evidenciava que apenas a palavra o conduzia ao resultado decisivo de sua existência.

O homem estava sentado, com o livro aberto, profundamente abatido. Então, em seu coração ressoou um grito de júbilo porque seus lábios enunciaram a palavra...

Nesse instante, o fogo do cometa transpassou a névoa e iluminou todas as janelas da casa de campo.

Mas o velho homem jazia caído no quarto das tralhas, comprimindo o livro no peito.



Quem Vende a Própria Risada?

Fragmentos do diário de Hannes

9 de novembro

Foi divertido outra vez, hoje no colégio. Morri de rir com Marcel. Como ele consegue irritar nosso professor de Matemática! Faz a gente rolar de tanto rir. O Reinders não gosta disso nem um pouco, pois quando eu rio, todos os outros começam a rir também. Acho que, por isso, sou muito popular.

A ginástica também foi muito animada hoje. Tínhamos de subir por umas cordas. E assim dá para rir dos companheiros de classe. É que alguns não conseguem chegar até em cima. É engraçado, dá para zombar deles à beca!

Mamãe não me achou tão engraçado hoje. Ela não estava bem. Também, ela está sempre com alguma coisa! Se eu não arrumar meu quarto até amanhã, não terei mesada. Isso seria péssimo, pois no sábado vou ao cinema com Maria.

10 de novembro

Puxa... mais essa agora! Arruinei meu trabalho de gramática! Mas também, a gente tem de aprender cada bobagem! Sujeito – predicado – objeto! O que é que se ganha com isso? O professor quer mesmo dar nos nossos nervos de todo jeito! Por exemplo, olha só as frases que ele escreve: "Gramática é uma matéria interessante", ou "Trabalho duro traz saúde".



Marta, naturalmente, teve uma boa nota. Muito irritante!

A propósito, venho reparando que Annie anda tão esquisita ultimamente! O que será que ela tem?

Se mamãe ficar sabendo que não dei conta do meu trabalho, posso esquecer a festa na casa de Jéssica.

12 DE NOVEMBRO

Nenhuma mesada. Revoltante. Mas não tive mesmo tempo de arrumar meu quarto. Tinha provas demais no colégio: Inglês, Francês e Bio. Fui mal em todas, penso eu. Na verdade, também não tive tempo de estudar, pois na quinta-feira fui ao treino de basquete, sexta à discoteca, sábado ao futebol e, à noite, ao cinema com Maria.

Hoje de manhã no colégio foi gozadíssimo de novo. Jan contava uma piada atrás da outra, e isso nossa professora de desenho não suporta. Tive de sair da sala de tanto dar risada.

5 DE DEZEMBRO

Esta noite tivemos a festa de S. Nicolau. Foi uma noite um tanto maçante, não rimos nem um pouquinho. Eu tinha que recitar uma poesia idiota, com certeza uma poesia da minha mãe. Era assim:

O Hannes, às vezes, é gozador,
brincalhão, chato, e indolente
Nicolau traz esperança de um ano promissor
para que o Hannes
não continue na curva descendente.

Mamãe é mesmo muito séria, eu acho. Também não havia muitos presentes. O dinheiro acabou. No momento estamos pobres.

Mas no colégio havia motivos para rir. Eles me deixaram participar das charadas de São Nicolau. A classe chorava de tanto rir. Até os professores! Se ao menos dessem notas pelas risadas...

Foi gentil da parte deles terem distribuído os boletins só depois da festa de São Nicolau.

8 DE DEZEMBRO

Que azar! O boletim não foi muito animador. Assim não pode continuar, é óbvio. "Evidente!" Disse o Sipkema. Isso quer dizer a mesma coisa. Porque ele não diz simplesmente "Claro!"?

Mas a verdade é que eu preciso pegar firme nos estudos. Pois é! A gente aprende muita coisa absurda. Todas as capitais da Europa! Mas elas estão todas no atlas! Será que eu vou ter de me tornar um atlas ambulante? Seria mesmo muito esquisito um atlas caminhando pela rua Kalver!

Hoje, na hora do almoço, começou a nevar. Foi como se a cidade tivesse sido coberta por um lençol branco. Com exceção dos canais, que continuam negros. Os ruídos já não eram tão altos; até a gente mesmo fica mais quieta, então.



Na rua da Ponte vi uma nova loja. Minúscula. É de morrer de rir. Na fachada pendia uma placa que dizia:

Casa Mágica de Penhores
O melhor preço para seus objetos de valor

Dei uma olhada na vitrine. Nada que valesse a pena ver. Só um homem idoso que parecia ser dono de funerária. Ao avistar-me quis dizer alguma coisa, mas eu fui embora, pois uma conversa com um tipo assim só pode dar em nada.

10 DE DEZEMBRO

Hoje, ao meio dia, tive de falar com o meu orientador, Sr. Renkes. Ele foi muito gentil. Mas, assim mesmo ele disse:

"Rapaz, você não pode continuar desse jeito. Você aprende pouco e todos os professores têm raiva da sua gargalhada. Quando você ri, todos acabam rindo também. Rir uma vez é divertido; mas rir o tempo todo, não. Assim não dá. Eu gostaria de conversar com a sua mãe. Como é que você acha que está indo no colégio?"

Eu não sabia como argumentar a esse respeito. O Renkes tem um pouco de razão. Marta também já nem me olha mais. Jéssica diz que me acha muito ridículo. Eu rio demais por nada. Deveriam ter me avisado disso!

Em casa o clima também está insuportável. Eu acho minha mãe muito estressada.

12 DE DEZEMBRO

Hoje, ao meio-dia, passei de novo pela pequena loja da rua da Ponte. O velho ainda estava lá. Mais nada se via. Pensei, por brincadeira, que tenho uma coisa supérflua: minha risada. Quanto ele me daria por ela? Idéia boba, afinal, quem vende a própria risada?

Ainda está nevando. Os canais estão cobertos de neve. Lá fora está cada vez mais quieto. Dentro de mim também está ficando cada vez mais silencioso. A única exceção é a minha gargalhada que se pode ouvir nas situações mais impróprias, como um papagaio que só fica berrando besteiras.

Hoje, na hora do almoço, aconteceu de novo. Eu ri muito quando um velho patinou cambaleando, quase caindo no rio. Mas, na verdade, foi uma situação bastante séria.

Também não estou com vontade de ir ao treino.

15 DE DEZEMBRO

Fiz uma brincadeira outra vez. Fui à pequena loja da rua da Ponte. Quando abri a porta, ela rangeu. Uma campainha repicou. Tudo era muito fora de moda. O velho homem continuava inutilmente na loja. Ele me olhou como se soubesse que eu viria.

Querendo ser pragmático, eu disse:

"Senhor, quero vender minha risada para obter boas notas no colégio, nenhuma trovoada mais em casa e amigos simpáticos."

"Está bem", disse ele. Não se conseguia arrancar riso algum dele. Não sei bem o que ele fez. Mas, antes que eu me desse conta, já estava na rua. Ainda continuava nevando. Agora tudo vai se arranjar. Vou dormir. Amanhã tem Matemática. Prisão! Estou tenso.

16 DE DEZEMBRO

Não é possível! Em Biologia 8; Desenho 6; Matemática 7. Isso é fantástico. Nem sei o que dizer.

Hoje, ao meio-dia, Maria me perguntou se podia continuar passando por aqui. Ela sorriu pra mim.

E Angélica quer trocar correspondência comigo.

Em casa minha mãe está bem mais equilibrada. Até voltei a receber mesada! De repente, tudo parece estar entrando nos eixos e eu não preciso fazer nada para isso. Só em Matemática é que me enganei, mas foi de propósito. Reinders não entendia o que estava vendo: 7! Engraçado! Apesar de que, naturalmente, agora eu não rio mais.

Renkes, que é o meu orientador, ergueu o polegar em sinal de positivo:

"É isso aí, menino! Agora você está no rumo certo. Finalmente está levando os estudos a sério! Continue firme e tudo vai dar certo!"

Minha vida não pode mais descambar. Dei mais uma olhada lá fora. Está escuro como breu. Não se vê a lua nem as estrelas. Até a neve está preta.

20 DE DEZEMBRO

Não sei. Faz um frio tremendo lá fora. Está tão gelado que até estala. A neve endurece como pedra. Enquanto escrevo isto, anoiteceu de novo.

Hoje dá para ver as estrelas.

As coisas parecem estar indo bem para mim. Escrevo "parecem" intencionalmente porque dentro de mim estou cheio de dúvidas. Sinto um vazio interior e esse sentimento está ficando cada vez mais forte.

No colégio, a melhora continua fantástica. Às vezes cometo pequenos erros de propósito, pois, é claro, fazer sempre tudo certo também não dá.

Maria continua sorrindo para mim, mas entre nós há uma grande parede invisível. Apesar de tudo, a presença dela é um grande conforto. Como esse sentimento não passa, vou contar tudo para ela. É a única em quem ainda confio.

21 DE DEZEMBRO

Hoje foi o dia mais curto do ano. Tenho a sensação de estar no fundo do poço. Um sentimento de total solidão tomou conta de mim, uma sensação de não prestar para coisa nenhuma!

Por sorte consegui conversar com Maria. Contei tudo a ela. Sobre onde minhas manias bobas tinham me levado e sobre o meu negócio com o homem da Casa

Mágica de Penhores da rua da Ponte. Isso a alarmou bastante. Eu já estava com medo de que ela me abandonasse, mas ela me deu apoio.

"Amanhã iremos a essa loja, logo depois da aula. Você precisa dar um jeito de recuperar sua risada e nós vamos conseguir isso."

Desejo sinceramente que ela esteja com a razão.

Lá fora, o céu está novamente sem nuvens. Olhando acima dos telhados vejo a Estrela Polar cintilando. Ontem eu não a via.

Agora vou dormir. Veremos o que o dia de amanhã vai trazer. Bom pensamento, não é?

22 DE DEZEMBRO

Hoje foi um dia e tanto. Vou tentar escrever tudo com calma e tão claro quanto possível, apesar de que já sei que isso é quase impossível.

Depois da aula, Maria e eu fomos de bicicleta até a rua da Ponte. Ela ia na garupa. Eu tinha de tomar cuidado para não escorregar na neve congelada.

Ela se segurava na minha cintura. Eu estava tenso e me sentia tão miserável como nunca me senti antes. Alguma coisa estava errada no meu modo de ver as coisas, pensava eu enquanto corríamos na minha bicicleta. Dizer que "alguma coisa estava errada" ainda era uma expressão generosa. Talvez a verdade seja tão complexa que nossa capacidade normal de percepção seja insuficiente.



E assim foi que, nessa corrida de bicicleta, a cidade pareceu envelhecer em tempo recorde e os edifícios perderam a cor e tombaram para frente. As pessoas pelas

quais passamos, observadas à distância, pareciam muito normais mas, assim que nos aproximávamos, transformavam-se em marionetes que pareciam vazias e mortas. Foi uma coisa assustadora. Mas a presença de Maria era real e calorosa, e graças a ela consegui vencer o trajeto liso de gelo.

Depois, o pânico me dominou repentinamente. Eu não conseguia encontrar a rua da Ponte. Tudo estava tão mudado! Todavia pude encontrar o caminho intuitivamente. Na própria casa de penhores nada havia mudado. Observamos a loja, por um momento, de mãos dadas. Então, Maria me puxou para entrarmos. A porta continuava rangendo. A campainha soou, antiga e em desuso, e o homem continuava sentado no mesmo lugar, no mesmo canto que antes. Parecia estar à nossa espera.

Levei o maior susto quando ele caiu na gargalhada. Era a minha risada! Toda a minha vida anterior estava oculta nesse riso! Maria apertou minha mão. Olhei para ela branco de susto e, para minha surpresa, constatei que ela tremia.

"É você", disse ela apontando para o velho. Então eu percebi também. Não que eu fosse o velho homem exteriormente, mas ele representava, de algum modo, o resultado de minha existência. Não gostei daquilo, muito pelo contrário. Fiquei envergonhado até a raiz dos cabelos, na frente de Maria, mas ela parecia achar apenas divertido. Assim encontrei coragem de olhar a mim mesmo nos olhos. O que vi, na verdade, não posso descrever. É tolice e, além do mais, perda de tempo.

O que ainda gostaria de contar é que, subitamente, senti verdadeira alegria em meu coração.

Acho que agora é hora de encerrar este diário. É 24 de dezembro e tenho a sensação de que a festa de Natal será muito especial!

Musée de l'Homme – Paris

O fato que tenho para lhes contar transcorreu, ou melhor, terminou bem, apesar de que, refletindo melhor, não tenho tanta certeza disso. Afinal, eu saí dessa e nem durou tanto tempo assim. Todavia fica em aberto a pergunta: Saí mesmo ou ainda estou envolvido, talvez enrolado até o pescoço?

Foi assim que tudo começou:

Fui a Paris para visitar uns amigos; depois, fui a um museu, o Musée de l'Homme, uma hora antes de fechar.

Por todo o museu há objetos de nossa genealogia: testemunhos da história e de povos de toda a terra, seus víveres e cestos trançados, roupas e enfeites. Foram justamente seus objetos supérfluos que mais me interessaram, as coisas que não eram feitas para uso imediato na luta pela existência, mas para outros objetivos. A esse respeito sabemos muito pouco, talvez nada.

Um exemplo disso é a impressão de mãos nas grutas pré-históricas francesas. Por que mãos entre todos aqueles desenhos de cavalos e outros animais? Ninguém sabe. Milhares de anos se passaram e aqui se encontram apenas fragmentos, herança de toda essa vida: trechos de paredes com relevos de cabeças de touros, leões e carneiros, quadros e afrescos do tempo dos primeiros cristãos, com imagem de peixes, símbolo da era Cristã.

E de nossa época, a era de Aquário, o que restará após milhares de anos? O que sobrará então?

Numa das vitrines havia uma pequena e estranha forma entalhada em pedra. Li a etiqueta que ali estava: "Ídolo de Gêmeos, figura abstrata de mulher, significado desconhecido".

Lá havia muitos dardos, lanças, setas, punhais, machados. A maioria estava bem conservada.

A atmosfera típica de museu invadiu minhas narinas. Poeira de tempos há muito passados. Pode-se realmente sentir esse cheiro.

Uma outra sala. Luxuosas vestimentas da Ásia, bordadas a ouro. Mulheres devem ter passado horas e horas bordando-as. A etiqueta dizia que os homens as usavam quando iam à guerra. Até mesmo para os elefantes havia capas bordadas. Era só levar uma cutilada de sabre e todo o bordado estava perdido.

Então, cheguei ao depósito e caminhava de vitrine em vitrine, sala adentro, sala afora, até que percebi que nenhum outro visitante mais me acompanhava. Aliás, também mais nenhum guarda. Será que o museu... Eles não me...

Olhei para meu relógio: seis e quinze; mais ou menos quarenta e cinco minutos após o fechamento. E na manhã seguinte seria feriado nacional. O museu fechado e eu dentro. Por sinal seria também um dia de festa para mim: meu aniversário. Se haveria croissant para o café da manhã, já não tinha tanta certeza assim.

Mas, como sair de lá?

Que estranho! Nenhum alarme disparou. Ladrões poderiam agir aqui tranqüilamente. Pois é... Aquilo que está exposto em museus, às vezes também foi subtraído de algum lugar, não raro por ladrões profissionais com um diploma oficial.

Arrombar para entrar é uma coisa, mas arrombar para sair é outra. Todas as portas e janelas com acesso para a saída estavam bem fechadas. Enquanto procurava uma

saída, não deixei de dar uma olhada nos objetos pelos quais passava.

De repente, minha atenção foi despertada por um objeto pequeno e brilhante que me fez esquecer completamente que estava procurando a saída.

Sobre um pedestal de mármore branco, em forma de coluna grega, havia um pedaço de cristal de rocha mais ou menos do tamanho de um punho, totalmente polido, com a forma de uma cabeça.

Pareceu-me conhecê-la de algum lugar, quem sabe de um livro ou de um sonho, não sei, porém isso me era indiferente.

As órbitas dos olhos eram brilhantes e transparentes e não escuros como os das caveiras comuns. As proporções, perfeitas.

Peguei-a nas mãos. Afinal, já não havia ninguém vigiando que pudesse me dar uns tapas nos dedos. Observei-a de todos os lados.

Havia algo estranho com ela, algo misterioso.

"O mistério do crânio de cristal" – um bonito título para uma história. Mas, afinal, o que diziam na legenda? Devia haver alguma coisa escrita. Na coluna constava somente um número. A cabeça encontrava-se em uma sala onde estavam reunidos vários objetos relacionados à morte e ao morrer. No canto existia um quadro com explicações. Número 90. Um tanto tenso, procurei por ele. Dizia, em algumas linhas:

Objeto ritualístico. Material: cristal; altura: 11 cm; origem desconhecida; empréstimo de coleção particular; data presumida: segunda metade do terceiro milênio a.C..

"Antes de Cristo e depois de Cristo", assim é que dizem, como se soubessem que o nascimento de Cristo representa algo totalmente novo, uma nova era na qual tudo é muito diferente do que era antes, uma medida de referência para tudo.

Que mais eles escreveram?

"Este ídolo faz parte do culto de adoração à cabeça. A escolha do material é muito pouco convencional. Serão necessários estudos científicos mais apurados para determinar que técnica foi empregada na produção deste objeto. Os métodos de trabalho que conhecemos desde aquela época até hoje não conseguem explicar a existência deste crânio de cristal."

Ponto. Mais nada constava ali. Na verdade, ele fazia e ao mesmo tempo não fazia parte da coleção. Um fenômeno cientificamente não esclarecido. Cristal é de uma grande dureza. Com que eles o teriam esculpido e polido? Decerto com alguma coisa ainda mais dura. Na realidade, naquela época não se conseguiria fazer uma coisa assim. Ou, talvez sim, se um certo número de homens trabalhasse no objeto por centenas de anos consecutivos.

Entretanto, se significava tanto trabalho, devem ter considerado muito importante fazer um crânio luminoso como este. Pois crânios simples já existiam em quantidade suficiente.

Morte e vida. Trevas e luz. Um crânio luminoso. A eternidade no tempo.

Sem querer olhei para meu relógio. Estranho acaso! Ele estava parado. O tempo parara, então, para mim. Mas eternidade é vida, não uma situação estática, permanente.

O que mesmo estava escrito ali? Não era uma peça do período atual. Na realidade essa cabeça não pertencia verdadeiramente a uma coleção. Todos os outros crânios que aqui estavam expostos eram de pessoas falecidas ou imitações feitas em argila, empoeiradas e maltratadas.

O resto era uma estranha miscelânea: pequenas penas, velhos trapos, totens e toda espécie de trastes.

O crânio de cristal não me dava arrepios. De repente, me lembrei daquelas cabeças medonhas que matraqueavam na sala de biologia: eram asquerosas, cheias de marcas, com dentes estragados e negras órbitas no lugar dos olhos. Nós sempre fazíamos troça a respeito e, ao mesmo tempo, comparávamos nossos maxilares e sobrancelhas. Vida e morte. A diferença consiste, evidentemente, apenas numa tênue camada, como se pode perceber.

Ao contemplar a caveira de cristal isso era diferente, como se vida e morte estivessem presentes simultaneamente. Com relação à transparência, à claridade, tem a ver com o vivente, com a luz. Lembro-me de que, uma vez, vi um filme de um embrião, um pequeno ser transparente. Porém, ele era móvel, vivo, ainda sem estruturas endurecidas, ainda não cristalizado.

O esqueleto é a parte mais cristalizada do corpo. O crânio que segurava em minhas mãos era inteiramente de cristal. O pensar cristalizado. Ele não remetia somente a associações de pureza e luz, mas também à possibilidade de entorpecimento, solidificação, endurecimento, cristalização dos pensamentos. Não em padrões firmes como meus próprios pensamentos, mas também fortalecidos em imagens mentais difíceis de abandonar.

Como é, então, o pensamento vivente? O verdadeiro pensar iluminado, um poder de pensamento realmente claro, uma consciência pura e refulgente? Será que é por isso que os homens fizeram este crânio de cristal, como símbolo palpável de vida e de morte? Naquela época também se tinha conhecimento da Luz. Mas saber a respeito da Luz não é o mesmo que viver na Luz. Isso eu sei por experiência própria.

Aos poucos fui ficando cansado. Será que haveria algum problema se eu procurasse um lugar confortável

para me deitar? Devia haver alguma coisa macia e agradável de alguma outra época. A sala da cultura persa! Vou me esticar num tapete e cair logo no sono, tendo um bonito sonho oriental. Em meu sonho, o tapete faria aquilo que faz um legítimo tapete persa: voaria. Lá em cima, o céu estrelado brilharia mais claro do que a Place de l'Étoile à noite. Abaixo estaria o deserto nu e frio. Eu voaria silenciosamente pelo ar e todas as estrelas iriam se transformar em cabeças de cristal. Tudo ficaria cada vez mais claro, até que...

De repente, ressoou um uivo medonho e vi luzes piscando por toda parte. Meio sonolento, no museu que ficava cada vez mais escuro, e à procura da sala com o tapete macio, devia ter acionado o alarme. Um sinal significativo. Realmente não há mais tempo para dormir e sonhar. Tenho de ficar bem acordado. Desperto, lúcido e atento, senão adormecerei no museu, quem sabe por quanto tempo.

Claro que saí de lá. Mas, na vida do dia-a-dia, ainda continuo a sentir o cheiro da atmosfera do museu, do ambiente dos nossos antepassados. Ao meu redor, milhares de pessoas correm, aparvalhadas, para olhar as vitrines. É a sociedade colorida que, como de costume, quer se aprimorar ou se afundar em tapetes macios e cair no sono.

Não gosto mais dessa atmosfera bolorenta de museu. Anseio pelo Outro, pelo eterno que aqui não se sente em casa, o novo homem do qual diz Lao Tsé:

"Quem caminha bem, não deixa rastros."

A Palavra

O artigo de jornal chamou-lhe a atenção. E quando, mais tarde lançou um olhar retrospectivo aos acontecimentos que se seguiram, viu como, naquele momento, nem de longe poderia supor que essa notícia comum e insignificante viria a mobilizar tanta coisa.

Dizia o artigo:

Acredita-se que exista uma correlação entre a criação do mundo através do assim chamado Big bang e as palavras da Bíblia "No princípio era o Verbo".

A matéria é o resultado da emissão de ondas sonoras, de vibrações que, no final, se cristalizam em substância. Um estrondo, um som, criou o planeta terra. Quem ou qual foi a causa desse estrondo, isso ainda não está esclarecido.

"No princípio era o Verbo".

Se partirmos do pressuposto que Deus criou a terra através da pronúncia de uma palavra – palavra é som – então, isso é o estrondo.

Provavelmente um estrondo de espécie diferente daquele que imaginamos num primeiro momento, mais parecido com uma gigantesca onda que se expande, quebra e diminui lentamente."

O carro atingiu a velocidade máxima e segue silenciosamente pela estrada que parece extinguir-se. Contente, ele põe os óculos escuros e mexe na pilha de CDs ao seu lado. O sol já está bem baixo no céu,

emprestando um tom alaranjado e quente à paisagem por onde ele passa.

Enquanto acompanha, a plenos pulmões, suas músicas favoritas de Pavarotti, ele desabotoa a camisa branca e afrouxa a gravata. Apesar do ar condicionado, sentia calor. Mas sente-se melhor do que nunca e está muito feliz.

Pouco a pouco, pensamentos sobre a vida extenuante que deixou para trás interpõe-se e atrapalham sua ópera. Logo sente, novamente, as pontadas no estômago.

...esqueceu-se de tomar os remédios, seu emprego o desgasta demais, serões freqüentes, refeições irregulares, pressão por produtividade, ainda por cima aquelas festas horríveis e, além de tudo, os infindáveis jantares de negócio. Ele nem mesmo tem tempo para aproveitar o luxo que tudo isso lhe proporcionou.

O carro, sua reluzente limusine prata metálica, talvez seja a única coisa que ainda o satisfaz. De repente, fica enfastiado com tudo, irrita-se com as muitas conversas sem sentido que, desatento, joga fora como lixo diariamente. Como ele conhece bem esses clichês!

É através do artigo sobre "A Palavra" que, de súbito, fica claro para ele que já faz muito tempo que nada de essencial tem saído da sua boca.

Palavras! O que são palavras? Ele pronunciou milhares e milhares de palavras: palavras descuidadas, zangadas, sarcásticas, simpáticas, vazias, ardentes. Enfim, com o que esteve ocupado durante todo esse tempo?

Água! De repente, ele está com tanta sede! Desvia o carro para o acostamento. Ninguém à vista. À sua frente, extensões de relva seca que vão até o sopé das montanhas. Há muita poeira. Vê-se o ar aquecido

pelo asfalto sem fim que se estende diante dele. O único som que se ouve é Pavarotti cantando incansavelmente.

Do frigobar ele pega um copo de cristal e uma garrafa de água gelada. A água o reanima. Ele avista uma ave de rapina no alto do céu. O deserto não é tão grande. Se ele puder se apressar um pouquinho poderá alcançar a pequena cidade no pé da montanha, antes que escureça. Com um pouco de sorte ele poderá encontrar um hotel razoavelmente confortável. Ele precisa encher o tanque de gasolina mais uma vez para continuar a viagem. Então ele pensa se não seria o caso de colocar outro CD. Ah, não, melhor não!

As montanhas, de um brilho purpúreo, fascinam-no por diversas razões. Repentinamente, ele reflete sobre isso. Pergunta-se o que haverá dentro ou debaixo delas. Constatou, divertindo-se, que foi estimulado pelos relatórios de arqueólogos que acham que encontraram uma prova de que a humanidade é alguns séculos mais antiga do que pensavam, e isso baseados em um esqueleto incrivelmente bem conservado e um pedacinho de pele.

Afinal, onde a nossa existência tem realmente seu início? Quem saberá? É fascinante a idéia de ver, num piscar de olhos, imagens de uma vida em outra época. O que aciona tudo e mantém o mundo em movimento? Este mundo que é mais antigo do que se acredita, maior e mais amplo do que tudo o que se conhece? O todo é tão complexo e insondável! Ah... Ele não acredita em Deus. Não acredita mesmo em nada. Então, por que formula estes pensamentos? Será por causa daquela palavra?

Ele vai procurar uma pousada confortável, tomar um banho refrescante e depois jantar em algum lugar. Agora quer sossego e aproveitar suas curtas férias.

O sol desce lentamente por trás das montanhas. Elas ficam mais longe do que ele pensava. Tomara que a gasolina seja suficiente! Será que neste lugarejo existe um posto de combustível? Ele pisa fundo no pedal. Seu carro é bem confortável, mas, será que vai emperrar justo aqui...?

A placa à margem da estrada é quase irreconhecível, a metade está no chão. Ele a viu agora há pouco. Logo depois, surge uma construção desbotada, meio decadente. Alguns metros adiante há um tanque de gasolina. Por todo lado, escuridão e um silêncio mortal.

O grande carro empoeirado destoa em meio a pneus ali espalhados e peças de reposição enferrujadas. Ele toca a buzina por um instante, mas nada se move.

Impaciente, ele anda para lá e para cá, perto do carro. Observa melhor a bomba de gasolina.

Foi utilizada recentemente, constata, e então uma idéia lhe vem à cabeça. Por que não?, pergunta-se. Justamente quando estendia a mão para puxar a mangueira, abre-se uma porta da construção e um homem dirige-se vagarosamente até ele, que se sente constrangido com essa situação. O que está acontecendo?

Desconfiado, ele analisa o homem. Alguma coisa nele é estranha. Cismado, pergunta francamente:

– Hei! Ainda posso abastecer aqui?

O homem não se mexe. Observa minuciosamente o automóvel caro e o rapaz com seu terno amarrotado. Porém, sem dúvida nenhuma, é um terno sob medida.

– Boa noite, o senhor é estranho aqui?

– Isso mesmo.

Ele contorna o carro rapidamente para sentar-se de novo ao volante.

– Amanhã, meu senhor.

– O que está dizendo? O que quer dizer com amanhã meu senhor? Imediatamente, se me permite dizer.

– A gasolina acabou, meu senhor. O caminhão tanque vem amanhã ou, talvez até depois de amanhã, afirma o homem, alegremente.

Ele já reconhece o desespero de sua situação. Ele que, sempre e em todo lugar, tem uma solução pronta para tudo, sujeitando-se a um tipo abobalhado! A pequena lâmpada vermelha permaneceu acesa nos últimos quilômetros. Assim, não conseguirá mais chegar à cidade.

– Gostaria de tomar alguma coisa?, oferece-lhe o homem.

– Não, não, eu tenho tudo no carro. Só vou encostá-lo mais para o lado. Posso me cuidar sozinho.

Por nada neste mundo ele entraria naquela casa, para não dizer naquele buraco! O homem dá de ombros e desaparece na escura construção.

Pouco a pouco começa a sentir frio. Com um suspiro, põe de lado o livro que estava lendo e movimenta suas pernas enrijecidas. O cobertor não o aquece suficientemente. O relógio do carro marca onze horas. Ainda! O tempo se arrasta. Por fim ele vai mesmo até a casa. Lá não existe energia elétrica porque o gerador também parou de funcionar.

Eles tomam sopa juntos, perto do fogo e, pouco a pouco, sua aversão pelo homem se transforma num sentimento de camaradagem que quase parece uma relação de parentesco.

O homem já não tinha mais muita vitalidade. Sem dúvida foi isso que o fez sentir-se tão incomodado.

Ficaram juntos conversando durante toda a noite e, naturalmente, ele fala sobre “A Palavra”. Busca o artigo de jornal no carro e lê para o outro.

O homem não se mostra admirado, de modo algum, com esse novo ponto de vista. Ele concorda meneando a cabeça.

No dia seguinte, o caminhão tanque não chega. É estranho que ele nem ache ruim. Não conversam muito mais. Ele parece esperar por alguma coisa.

Na hora do almoço, o homem do posto diz que gostaria de mostrar-lhe algo especial.

Ao anoitecer, tomam o caminho que começa atrás da casa. Eles seguem lado a lado, em silêncio, por aproximadamente uma hora. Sua suposição de estar próximo do deserto confirma-se. A paisagem de rochedos torna-se inóspita. Faz muito frio, não há árvores e nem cresce relva alguma. O solo sob seus pés é cada vez mais duro. Nos arredores, as cores mudam em incontáveis matizes de cinza azulado. Repentinamente, as formas ao seu redor tornam-se mais lisas e arredondadas, como que polidas. Já não há rochedos, somente um areal petrificado, camada sobre camada de areia solidificada erguendo-se em ondulações, portais arredondados, buracos estranhos, formas bizarras elevando-se contra o céu.

Um momento depois o homem pára à sua frente.

– Olhe o outeiro diante de nós, diz. Ali, a meia altura, existe uma espécie de gruta. Vamos nos sentar lá.

Eles sobem a colina riscada por centenas de camadas de areia. Ao sentarem ali, a atmosfera especial desse lugar, um silêncio que tudo abarca, começa a penetrar neles.

Um leve sopro de vento passa por eles.

– Existem apenas poucos lugares como este, começa o homem. Lugares onde acontecem coisas sobre as quais o homem não tem domínio. Não são lugares aos quais vem gente, mas quando falamos sobre a Palavra do princípio...

A Palavra lá está. Sua radiação se estende para o mundo inteiro. Ela soa em todo lugar. Ela ressoa, retorna, cresce e diminui ininterruptamente. É mais poderosa do

que tudo o que conhecemos ou podemos imaginar. Porém, não se trata absolutamente de algo que possamos ouvir com nossos ouvidos, nem pronunciar com nossa boca. Encontra-se também dentro de nós, onde soa e dança.

Sua voz torna-se mais baixa, o vento torna-se mais forte.

– Talvez eu deva esperar por você, para permitir que tenha a experiência...

Subitamente, o vento sopra tão forte que eles já não conseguem se comunicar e nem mesmo ver um ao outro. Areia voa pelos ares. O que antes era uma brisa suave evolui para um furacão.

Ele se deixa cair placidamente no chão, pressionando fortemente as mãos nos ouvidos. Surrado pela areia que o arranha, ele se arrasta por toda parte. Entretanto, isso é apenas o começo.



Fica ali, estirado, com o casaco cobrindo a cabeça. Nada em sua vida o havia preparado para tamanho susto. Nem uma única certeza que ele julgava ter pode protegê-lo nessa situação. E então se sente como se estivesse ficando pequeno, incomensuravelmente pequeno.

Não apenas no aspecto exterior, mas também interiormente. Essa tempestade devastou-o com tamanha violência que é como se dele apenas restasse um grão de poeira. Seus ouvidos, seus olhos, todos os seus sentidos parecem varridos.

No momento em que pensava ter chegado o seu fim, ele sente, de repente, como se o arrancassem de dentro de si mesmo. Como um diminuto ser, ele é levado por uma imensa torrente de um imponente som, que é o início e a realização de tudo.

O temporal passou, o vento se acalmou. Ele não sabe quanto tempo levou. Erguendo-se com esforço, procura pelo seu amigo, porém o lugar a seu lado está vazio. Não sabe dizer como chegou até o carro. O posto de combustível está funcionando de novo e, assim, ele se põe rapidamente a caminho.

A Palavra! Repentinamente ele compreende que, já antes, a tempestade estava se insinuando dentro dele. Em sua inquietação, em sua determinação de se afastar de tudo...

Agora ele compreende que a ciência constantemente se equivoca na procura de uma explicação inquestionável. Entende que não houve um Big bang, nem um Verbo criador: trata-se de um único todo vivente.

Não é um determinado momento na história, mas apenas um instante, uma das infinitas possibilidades que, sem cessar, a Palavra oferece.

Agora ele está seguro de que também pode ser aí acolhido. E, com grande anseio de realizar essa nova condição, ele vai ao encontro de um novo tempo.

O Morto e Eu

Com as mãos cruzadas nas costas e olhos entreabertos, observo a cidade através da janela. Fileiras e fileiras de casas, blocos de apartamentos, igrejas, fábricas, tudo envolvido por um véu de fumaça e neblina. Lá em cima, flutuam nuvens escuras. O sol, de um vermelho encarnado, põe-se por trás da silhueta da cidade; uma esfera vermelha em brasa, como um olho rubro a me olhar fixamente com sua órbita negra, um olho ameaçador à espreita, numa escuridão que se estende mais e mais. O estranho devaneio que me tomou foi interrompido pelo som do telefone. Distraído, pego o fone. As primeiras palavras ainda não me chegam à consciência e o interlocutor precisa repeti-las.

Eu esperava por esse chamado e, se o crepúsculo não me tivesse atraído com seu encanto, teria reagido com maior rapidez ao som do telefone. Neste estado de irrealidade chegam-me as palavras na voz de uma jovem:

"Seu amigo morreu. O senhor pode vir buscar as roupas dele?"

Respondo que sim e desligo.

Meu amigo – sim, fomos amigos. Às vezes as pessoas falam de "amigos" mesmo quando mal conhecem seus nomes e quase nada sabem uns dos outros. Mas nós – o morto e eu – fomos realmente amigos.

Crescemos juntos e, na escola, colávamos um do outro. Lutamos um com o outro e velejamos juntos; fazíamos coisas que nenhum outro se atreveria a fazer.

Após o período escolar, nossos caminhos nos separaram. Raramente nos víamos, apesar de morarmos na mesma cidade. Contudo, nossa amizade perdurou. Só recentemente ouvi dizer que ele estava com uma doença incurável. Estava tão mal que não podia receber visitas. E agora me chega esse telefonema, avisando que ele faleceu e que eu preciso buscar suas roupas. A notícia não me assustou e também não sinto tristeza.

Antes de sair de casa, olho o céu mais uma vez. O sol ainda está vermelho; as nuvens e a cidade parecem sufocá-lo. Porém, enquanto estou ali e contemplo o fúnebre ocaso, as nuvens se afastam um pouco e o sol envia novamente seus raios luminosos ao longo de sua escura orla. Contemplo, desconcertado, esse espetáculo instável. De um momento para outro, a ameaça funesta se transformou em magnificência luminosa.

O hospital fica num edifício grande e moderno. No saguão, com sua luz de néon branca e estéril e onde ruídos ecoam, perguntam-me aonde desejo ir e dizem-me que as roupas, com certeza, ainda se encontram no quarto da enfermaria, caso eu queira buscá-las. Aceno afirmativamente, concordando. Depois, sigo através de corredores brancos onde há um odor estranho. Passo por pessoas vestidas com roupões brancos de hospital, deitadas em camas móveis. É um mundo de comportamento clínico que me amedronta um pouco por sua multiplicidade e irracionalidade. No quarto de cores claras, com as cortinas cerradas, a cama já foi trocada e uma trouxa de roupa jaz sobre uma cadeira.



Dobro-a e coloco-a em ordem. Por descuido, seguro um casaco de ponta cabeça, o que faz com que dele caia uma carta. Ao apanhá-la, vejo que está destinada a mim. Surpreso, examino-a e enfio-a em meu bolso. Com o pacote de roupa sob o braço, saio do quarto. Entretanto, hesito e decido ler a carta de meu amigo aqui, neste quarto, onde ele faleceu.

Tiro do envelope algumas páginas escritas com uma caligrafia minuciosa. A carta começa sem destinatário, escrita às pressas na letra muito personalizada de meu amigo.

"Você é a única pessoa que eu realmente estimava. Gostaria de me desapegar de determinadas coisas. Quero falar delas antes que a minha cabeça deixe de formular pensamentos e antes que minhas mãos não possam mais colocar letras e palavras no papel. Afinal, este momento não é aquele que a gente tem para passar as coisas a limpo consigo mesmo?

Você ainda se lembra da árvore? Já faz tanto tempo! Ela ficava na pastagem e nós conseguíamos saltar a valeta. Você disse: "Veja só que árvore esquisita! Parece com um gigante curvado agachando-se para pegar

alguma coisa no chão." Eu ri, olhei-a também, fui até ela e subi no galho mais alto para procurar ninhos de passarinho enquanto você ficou lá embaixo, sonhando.

A experiência da árvore foi determinante para a sua e para a minha vida. Você ficava refletindo e cismando sobre tudo o que lhe acontecia.

Em sua vida, você foi um constante espectador, como você mesmo disse uma vez. Nunca pude compreender, mas eu respeitava isso.

Eu não fui um espectador de modo algum! "Viver!" Sabia muito bem que era isso o que desejava da vida e empreguei todos os meios para alcançar aquilo a que me propus.

Você, que sempre refletia sobre sua vida e a quem, na escola, os outros chamavam de santo quieto, agora deve conhecer-se muito bem. Tão bem a ponto de saber que, dentro de você, por trás de pensamentos cultivados e discursos vazios, existe algo oculto sobre o qual você prefere não falar. Em todo homem arde um anseio tão forte que não pode ser silenciado.

Ele fica à espreita como um animal na jaula – uma jaula com grades de cultura e bom comportamento. Às vezes, as barras das grades não suportam e o animal arremessa-se para fora. Todos os dias, lemos nos jornais o que acontece, então: saques, brutalidade, assassinatos, a aniquilação completa de todos os valores humanos.

Na maioria das vezes, o animal apenas estende uma pata através das grades... e nos disfarçamos com palavras. Depois, alimentamos críticas, julgamentos e mexericos. Na verdade, eu sabia, desde sempre, sobre o animal adormecido que existe dentro de cada homem. No entanto, não queria admitir isso quando o animal já dominava minha cabeça e minhas mãos.

Assim, perambulei pela vida inebriado pelo prazer, pelo desejo. Consegui tudo. Ensinei em universidades e todos ouviam atentamente as minhas teorias. Porém, antes de começarem as aulas, eles precisavam me buscar nas tavernas onde eu jazia no assoalho, dormindo na minha embriaguez.

Era encontrado nas cidades mais importantes do mundo, nas maiores festas, entre as pessoas mais respeitáveis do planeta, com uma flor na lapela e piadas na cabeça. Eu gostava disso: contar com a mais alta honra e, ao mesmo tempo, com o extremo do ódio. Essa foi a minha vida: prazer, barulho, confusão, colorido, multiplicidade de formas, amores, sem interrupção.

Deixei minha vida fluir como uma torrente de êxtase e sempre mergulhava em novos turbilhões. Nunca tinha sossego. Eu temia a tranqüilidade, na qual sempre via uma ameaça. Procurava incessantemente por distração ou dedicava-me a estudos das mais diferentes áreas.

Mas, às vezes, nada disso ajudava. Então, podia acontecer de estar numa festa ou em meio à citação de algum livro e colocar-me na situação de me observar objetivamente. Uma vez ocorreu-me o reconhecimento de que, ao lado do animal no interior do homem, existe ainda uma outra coisa, diferente de cultura ou de boa conduta. Quero tentar descrevê-la para você.

Certa vez, entrei num café de cais de porto. Estava bêbado e comecei uma briga. Fui surrado por pelo menos três homens e fui atirado para fora do bar. Acordei com uma parte do corpo sobre a calçada e a outra numa poça cheia de lixo e lama. Nessa situação miserável, vi-me tão saturado da minha vida que me

deu uma forte sensação de asco. Esse estado durou até que o nojo passou e eu só enxergava a água que corria pela sarjeta. Ao observar essa corrente de água, fui tomado por uma grande sensação de paz, não uma paz ilusória, não; mas uma paz das profundezas de mim mesmo, como um todo harmonioso. Ou, em outras palavras, era como se eu me movesse, completamente desprendido, num espaço impregnado de luz. Não havia mais pensamentos, nem alegria, apenas luz atemporal, luz que tudo preenchia.

Mas essa vivência especial durou apenas um momento. Com certeza, uma fração de segundo. Depois disso, com freqüência, eu ainda me sentia muito desgraçado, mas nunca mais experimentei essa luz que tudo abarca. Às vezes eu gritava por ela e socava as paredes com as mãos. Mas o grito nada mais despertou em mim e minhas batidas não obtiveram resposta.

Enquanto lhe escrevo isto, sinto como a morte está alcançando minha mão. Sinto o frio passar pelos meus braços e, lentamente, espalhar-se pelo meu corpo. Aconteceu! Não com essa vida, não com a vida multifacetada que vivi com convicção, como pessoa instruída, culta, como homem animal, como professor e como beberrão. Porém, agora reconheço que durante toda a minha vida só procurava a única, a outra Vida.

Ainda tenho algumas horas. Talvez ainda durem. Quem sabe eu seja, ainda uma vez, tocado pela luz que é totalmente preenchida por si mesma.

Você tem agora nas mãos o resultado de toda a minha vida. E qual é o seu conteúdo? Nada mais do que pó! Eu só vivi verdadeiramente por um instante."

Assim termina a carta. Não está assinada.

Vou até a janela, abro as cortinas e olho para as ruas iluminadas e para cima, para o teto do quarto. Por quanto tempo fiquei ali parado? Não sei.

– Hei, o senhor precisa ir!

Alguém me toca nos ombros.

– Está na hora de deixar o quarto. Leve as roupas... acompanhe-me.

Sigo a enfermeira através dos corredores.

– O falecido era seu amigo?, pergunta.

Mudo, eu aceno afirmativamente.

Ela continua falando.

– Ele sofreu muitas dores, dias a fio; isso é típico da doença. Na maioria das vezes, damos remédio contra a dor; mas seu amigo dispensou a medicação. Hoje pela manhã, quando eu estava arrumando seu quarto, ele gemeu pela última vez. Foi incrível como os sulcos que as dores imprimiram na sua fisionomia desapareceram. Seu rosto ficou completamente relaxado e seu corpo não foi mais sacudido por espasmos. Primeiro, pensei que ele tivesse morrido, mas ele ainda respirava suavemente. Apenas seu tórax movia-se com a respiração; o corpo estava completamente calmo. Dele vinha uma tal quietude que permaneci junto à cama, tomada de grande admiração. Parece que ele percebeu e olhou para mim. Ainda me disse algumas palavras, muito tranqüilamente. Uma hora mais tarde ele faleceu nessa estranha quietude.

Agora, estamos na saída. A moça me dá boa-noite querendo ir embora. Mas eu a detenho e pergunto se ela pode me contar quais foram as últimas palavras de meu amigo. Ela concorda.

– Sim, naturalmente. Com certeza não faz sentido, porque ele decerto já não sabia mais o que falava. Ele disse: "Está consumado".

Logo depois vou para a rua e ponho-me a caminho de casa. É um caminho alegre pois, em pensamento, ouço as palavras de meu amigo: "Está consumado!"

Aprisionado por trás de Portas Abertas

Está anoitecendo e o trem aproxima-se de uma grande estação. Os passageiros suportaram a viagem com fisionomias impassíveis. Eles parecem usar máscaras através das quais olham fixamente para fora. Passam por pastagens enevoadas, por quarteirões miseráveis de nossas grandes cidades e bairros residenciais.

Do alto-falante ouve-se um zumbido e depois ressoa uma voz: "Senhoras e senhores, estamos nos aproximando da estação final. Pedimos a todos que desembarquem. Não esqueçam sua bagagem!"

Mais uma vez a mesma mensagem. Os passageiros começam a movimentar-se. Mães com crianças, bolsas e pacotes agitam-se primeiro. Elas se envolvem em grossos casacos de inverno e serpenteiam entre os companheiros de viagem em direção à saída.

A CATÁSTROFE

João fica sentado por mais um momento. Ele se acostumou a ficar sentado até o final e a só desembarcar depois que todos deixaram o trem.

Agora também ele olha pela janela e espera. Enquanto isso, mais e mais pessoas passam por ele, apressadas. O trem aciona os freios a intervalos regulares. No corredor, a garotada já está pronta para abrir as portas, apertando o botão "abrir".

As pessoas se aglomeram para descer e esperam. Exteriormente elas expressam paciência, mas ainda trazem as máscaras em seus rostos.

O trem pára. Habitualmente demora alguns segundos até que o mecanismo das portas reaja à pressão do botão. Esses poucos segundos passam. Como nada acontece, os garotos apertam novamente o botão, mas as portas não se abrem. Em vez disso, todas as luzes de néon do trem se apagam. Num relance, tudo mergulhou numa acastanhada luz crepuscular. As portas permanecem fechadas mesmo quando um homenzinho irritado afasta os meninos das portas e ele próprio, exasperado, aciona o botão.

Os passageiros estão irremediavelmente aprisionados numa embalagem de vidro e aço. Todo o equipamento elétrico não funciona mais, a corrente elétrica está cortada.

E agora?

A ligação automática entre as portas do trem e os passageiros está danificada. Os últimos ainda estão no corredor esperando para sair, mas não existe saída.

As pessoas fazem comentários sobre o episódio através de suas máscaras.

– Eles têm de abrir, diz uma senhora. Não podem nos deixar aqui trancados como sardinhas em lata.

– Inspetor!, chama uma outra senhora. Onde está o inspetor?

Fazem piadas sobre passar fome e ter de passar a noite ali.

Enfim, ninguém acredita que a tecnologia de hoje permita que um grupo de pessoas apressadas fique trancado por mais tempo do que uns dez minutos. É uma coisa impossível.

As pessoas precisam seguir adiante, elas têm compromissos. Tempo é dinheiro. Mas as portas falham na sua função.

Alguns se deixam cair de novo nos bancos. Casacos são abertos. Alguém tenta ler seu jornal, mas está muito escuro. Lá fora, as pessoas andam rapidamente pela plataforma. Ninguém atina que um grupo de pessoas está preso num trem, no escuro. Elas precisam seguir adiante, têm compromissos, também o seu tempo é dinheiro.

Profecias

No trem, o exasperado homenzinho testa mais uma vez os botões.

– O inspetor?, pergunta bem alto, de repente, uma senhora. O inspetor ainda não acionou o alarme? Alguém com certeza já acionou o alarme!

Um homem de óculos escuros que está sentado em frente a ela responde ríspido e rápido:

– Ninguém tocou o alarme, minha senhora, ou melhor, a senhora mesma vai tocar.

– Eu?, replica a mulher surpresa. Por que eu tenho de acionar o alarme? Por que logo eu? Ora essa...

O homem de óculos escuros levanta-se. Todos olham para ele, pois seu tom angustiado chamou a atenção.

– Isso mesmo, minha senhora. A senhora não toca o alarme, ninguém toca o alarme. E também fora desse trem ninguém está sabendo que nós estamos presos aqui. Ninguém percebeu.

Após um instante de silêncio, ele continua:

– Por isso precisamos nos conformar com a situação. Minha sugestão é que nos acomodemos tão bem quanto possível e arranjemos ocupações agradáveis. Em primeiro lugar, vamos nos dirigir à primeira classe, lá atrás; lá é mais confortável do que aqui.

Todos os passageiros calam-se depois dessas palavras, até que a mãe de três crianças birrentas diz baixinho:

– É. Isso, com certeza, é o melhor a fazer.

De repente, o homenzinho irritado se coloca na frente do homem de óculos escuros. Agora todos deixam cair suas máscaras e as fisionomias estão indagadoras, apreensivas ou tensas ao máximo.

O homenzinho nervoso sobe num banco vago e grita alto:

– Hei, pessoal! Vocês são bobos? Vão deixar esse homem levar todo mundo passivamente à indolência? Vão ficar esperando? Isso não vai dar certo! Temos que nos mexer! Precisamos acionar o alarme. Temos de escapar desse trem, forçar alguma coisa ou sei lá o quê!

– Certo!, responde o homem de óculos escuros. O senhor não sabe nada, o senhor sabe muito pouco. Parece que o senhor não sabe que a corrente elétrica está cortada. Como quer, então, sair deste trem?

– Arrombar! Arrombar tudo por aí!, grita o homenzinho nervoso. Eu sugiro que peguemos tudo o que encontrarmos e que possa servir de ferramenta, e que comecemos a trabalhar pra valer!

Seu plano levanta uma confusão de opiniões.

– Eu tenho uma lixa metálica para unhas!, grita uma clara voz feminina.

Todos conversam entre si e cada um tem uma sugestão diferente sobre o que deve ser arrebentado em primeiro lugar.

As pessoas levantam-se, procuram objetos e querem começar a quebrar tudo imediatamente.

Então, soa novamente a voz do homem de óculos escuros.

– Pessoal, deixem isso para lá! Não faz sentido! Precisamos nos acalmar. Quem concordar comigo, me acompanhe até a primeira classe, lá atrás!

Ele pega uma maleta no bagageiro e, decidido, sai do vagão.

– Temos de arrebentar tudo, senão nunca vamos sair daqui! Estou dizendo: vamos quebrar tudo! O homenzinho irritado grita cada vez mais alto. Vamos procurar todos os pontos vulneráveis nos vagões. Vamos trabalhar! Sigam-me!

De repente inicia-se uma grande movimentação no corredor central. A metade dos passageiros corre para a parte de trás, para ali ficar esperando tranqüilamente, enquanto a outra metade vai para a frente do trem, para arrombar com violência. Algumas mulheres gritam:

– Temos de quebrar, senão nunca sairemos daqui!

Eles se precipitam para a frente; outros os seguem pressionando e empurrando, porém os que querem ir para trás pressionam do mesmo modo. Todos gritam confusos.

Uns berram: "Inúteis! Inúteis"

Os outros: "Fanáticos! Fanáticos!"

Aqui e ali, alguns vão às vias de fato. As pessoas sobem nos bancos, umas sobre as outras. Lágrimas fluem, sim, até sangue. Tudo culmina numa briga de vida e morte.

Atrás, no trem, pouco a pouco, pessoas atiram-se nos macios bancos estofados, respirando aliviadas.

– Que sossego!, suspiram elas, que sossego benfazejo reina aqui!

Os senhores vêem agora como eu tinha razão?, ressoa a voz do homem de óculos escuros. Aqui os senhores têm conforto.

– Agora, enfim, podemos começar!, gritam os que, ofegantes, chegaram à parte da frente do trem. Os idiotas não queriam que viéssemos!

– A lixa de unhas, a lixa!, grita o homenzinho nervoso. Encontrei aqui um parafuso que a gente pode desatarraxar.

Um menino pequeno

O compartimento do meio está vazio, agora. Ou melhor, não totalmente. Num canto, à direita, junto à janela, João ainda está sentado. Seu bolso está rasgado, seus cabelos foram despenteados pelas pessoas que passaram por ele em desabalada carreira. À sua frente está mais alguém: um menino ruivo vestindo uma camisa azul. Ele olha admirado para João. Eles ficam ali, em silêncio, enquanto, na frente do trem, aquela gente selvagem começa a quebrar e a estragar tudo e, lá atrás, o homem de óculos escuros começa a falar, mansa e enfaticamente, às pessoas que estão reunidas ali.

Na frente, a tentativa de abrir um buraco no carro com instrumentos disponíveis fracassa.

Atrás, são distribuídos cigarros e as pessoas se entretêm com simples jogos de salão.

João olha para o menino ruivo que espera, evidentemente, que ele fale primeiro.

– Ouça bem, menininho!, diz João. É lamentável que os homens reajam assim. Esperar é insensato, não é solução. Arrebentar tudo é inútil. O pior é que os dois grupos atiram-se com ódio um contra o outro.

Cala-se por um instante.

– Preste bem atenção no que vou dizer agora: vou ajudá-lo a passar por aquela janelinha lá em cima, de modo que você alcance a plataforma. Depois, você procura o escritório da estação onde existe um aparelho enorme com luzes e botões. Na carreira mais alta de luzes, uma delas está apagada. Abaixo há um botão que você vai girar. Em seguida, as luzes vão acender e as portas vão se abrir novamente.

O garoto concorda. João levanta-o alto, acima do banco, abre a janelinha e ajuda-o a sair. Aí, ele fica

dependurado acima da plataforma. João estica-se tanto quanto possível, mas depois forçosamente tem de soltar o pequeno. Este, porém, levanta-se ligeiro e desaparece de seu campo de visão. Seis minutos mais tarde acendem-se outra vez as luzes do trem. João que, nesse ínterim, havia retomado seu lugar, levanta-se, pega sua maleta e vai para a porta.

O botão "abrir" funciona imediatamente, as portas abrem-se. João desembarca e volta-se para a saída.

Entretanto, muda de idéia e volta para dentro do trem, dirigindo-se para a parte da frente. Lá encontra um caos terrível. Todos os assentos foram arrancados dos bancos, os estofados rasgados e jogados numa montoeira. As chapas estão soltas, as portas de correr estão tortas. O revestimento das paredes está danificado e o carro está bastante escuro porque algumas lâmpadas da iluminação de emergência também foram quebradas.

O homenzinho nervoso está dando ordens para alguns homens que, exatamente naquele momento, estão puxando o revestimento da parede.

– É isso aí: puxem, puxem!, berra ele enquanto marca o ritmo com seus braços.

João acha impossível fazer com que aqueles homens suados o compreendam. Mas assim mesmo tenta, quando, por um momento, eles fazem uma pausa para tomar fôlego, e diz:

– Pessoal, as portas de saída estão abertas novamente! Acho que a corrente elétrica voltou e vocês podem deixar o trem sem esforço.

Todos olham para João, que fica um tanto embaraçado.

– O que você está dizendo?, grita o homenzinho irritado.

– Eu disse que as portas estão novamente abertas. Vocês podem sair, repete João.

Por um momento faz-se um silêncio total.

De repente, uma mulher ri de modo voz estridente.

– Como não rir com um idiota desses!

Então, o homenzinho furioso também acrescenta:

– Homem, você está certo da cabeça? Por que pensa que estamos nos estafando? Decerto que não é para sermos bajulados! Vamos pessoal, estamos aqui para por este trem abaixo. Continuem. Não temos tempo para gente simplória que só quer nos atrapalhar.

Alguns logo pegam numa parede e começam a puxar.

– As portas, experimenta João mais uma vez. O caminho está livre.

– É melhor você sair do nosso compartimento!, vocifera um homem no seu ouvido. Vá dizer suas bobagens lá atrás no trem. Lá estão esperando por você, há... há... e dá uma gargalhada sonora, cheia de escárnio e desrespeito.

João nada pode fazer senão o que lhe foi sugerido. Ele atravessa o trem, passando pelas portas abertas, até a primeira classe.

Nas poltronas macias, as pessoas conversam e o homem de óculos escuros está sorridente no corredor. Às vezes, inclina-se para a esquerda ou para a direita para dizer uma palavra animadora. Olha sério quando João entra. Este fica tão impressionado com o ambiente agradável que quase se esquece da informação que veio dar. E, ao lembrar-se dela, quase não se atreve a falar.

– Minhas senhoras e meus senhores, as portas estão abrindo novamente, os botões funcionam outra vez, assim como a iluminação. Podem deixar o trem.

Então, o homem de óculos escuros o interrompe:

– Meu senhor, o que está dizendo? As pessoas aqui só querem que você as deixe em paz. Ninguém quer

sair daqui: nem sequer uma pessoa. Elas vêem que aqui o mundo está perfeito; por favor, não venha apontar nenhuma insatisfação!

Com voz calma, lisonjeira, volta-se para "sua gente":

– Fiquem todos tranqüilos onde estão. Estamos convencidos de que aqui e agora encontramos a paz e a liberdade pela qual ansiávamos.

E voltando-se para João:

– Retire-se do compartimento. Sua presença não é desejada aqui.

João volta-se e sai do vagão. Pensativo, ainda se detém um pouco junto às portas abertas.

Desta vez ninguém deu ouvidos à sua voz. No entanto, ele voltará mais uma vez.





Plano de Resgate para um Povoado do Deserto

Carregada com grandes odres cheios de água fresca e uma pilha de cobertores para proteger-se nas noites geladas, uma caravana de camelos esforça-se incansavelmente através da fofa e esturricada areia do deserto.

Ela está a caminho de um povoado situado a centenas de quilômetros da capital.

É uma aldeia necessitada, um oásis com um punhado de casas pintadas de branco, em torno de um poço muito antigo. Está carente porque o poço que se encontra no centro há algum tempo não verte água suficiente, como era costume fazer.

Por algum motivo, sobreveio uma seca. Só isso já seria grave o bastante, porém, nesse povoado a coisa é muito pior. Em primeiro lugar, aqui vive gente demais para ser alimentada pela escassa produção da pequena lavoura. Nascem cada vez mais crianças e, apesar da população estar acostumada a viver com muita gente no mesmo espaço ou a morar em casas pequenas, a limitação vem crescendo continuamente. Novas casas precisam ser erguidas no solo que seria imprescindível para a agricultura.

Dentre as muitas crianças que nasceram ultimamente, uma parte não é intelectualmente normal. Não está em condições nem mesmo de ajudar na lavoura. E assim, vemos as crianças desorientadas perambulando pelas ruas estreitas. Além disso, o trabalho torna-se ainda mais penoso porque os animais

de caça foram atingidos por uma epidemia que, até agora, não pôde ser contida nem mesmo pelo veterinário da capital. E, para infortúnio ainda maior, os objetos de troca da aldeia, como tijolos e pedras, foram desvalorizados com a modernização da moeda na capital. No povoado não há mais dinheiro suficiente para comprar roupas que protejam do sol escaldante ou remédios para os doentes.

O relatório

Quando a caravana trazendo água e cobertores chega finalmente, uma tarde, na hora do crepúsculo, é que seus condutores se dão conta de quão aflitiva é a situação desse oásis.

Não é apenas porque não se vê rostos alegres e os habitantes não estão diante das casas, como antes, em animadas conversas. Agora, os abutres sobrevoam a aldeia. Em algumas ruas paira um forte cheiro de substâncias em decomposição. (Animais mortos? Pessoas doentes? Isto não é visível aos olhos.)

Quando a caravana chega à praça do mercado, alguns ratos deslizam para seus esconderijos. Num canto da praça alguns homens estão em reunião. São os mais velhos da aldeia. Um deles acena com papéis.

– Aqui está o relatório, diz ele, o relatório oficial da comissão de investigação. Essa comissão está nos comunicando que faltam cinco minutos para as doze horas e que devem ser tomadas providências urgentes. O relatório nos apresenta as seguintes opções: nada empreender e morrer, ou tomar medidas e criar novas alternativas.

– Que medidas são essas?, pergunta alguém.

– A comissão enumera os seguintes pontos em seu relatório: nós devemos aproveitar melhor nossos campos;

devemos racionar a água; devemos vacinar as crianças mentalmente deficientes; devemos requerer dinheiro novo na capital e dividir entre as pessoas, e devemos... (Aqui o homem hesita um momento como se não soubesse ler direito.) ...e devemos nos tornar mais conscientes de nossa responsabilidade pela aldeia.

Ele continua a ler, mas sua voz é abafada pela gritaria que se ergue.

– Impossível! Que providências idiotas!

– Queremos uma única solução, uma solução para sobreviver!

Um velho plano

A caravana espera junto aos anciãos até que os condutores possam fazer-se entender. Quando o barulho diminui um pouco, conseguem ser ouvidos:

– Trouxemos água fresca e cobertores, gritam para o grupo. Talvez os senhores possam decidir como devem ser distribuídos.

Os velhos entreolham-se primeiro e depois olham para os condutores e, por fim, para os camelos. E como se tivessem deliberado, lançam-se todos ao mesmo tempo sobre os animais de carga para dividir a água e os cobertores pelo critério do "cada um por si".

Somente o homem com o relatório permanece no seu lugar. Ele ainda lê.

De repente percebe que, atrás dele, alguém o acompanha na leitura e, ao voltar-se, cruza com o olhar do músico da aldeia. Ele é o flautista que, pela sua primorosa interpretação, é amado por todos no povoado.

– O que o senhor vai fazer com o relatório?, pergunta ao ancião.

– Não sei, responde este, ainda não o estudamos minuciosamente para podermos dar um veredicto.

– Talvez seja bom aludir também ao outro plano que ainda subsiste, argumenta o músico. É um plano muito antigo que já existia quando tudo ia bem na aldeia. Agora ele poderia tirar todo o povoado desta situação de necessidade. Outras pessoas daqui da aldeia também sabem disso.

– Mas, o que prevê esse plano, então?, pergunta o ancião. Tem algo a ver com as medidas previstas neste relatório?

Ele acena de novo com os papéis.

– Não, absolutamente! É um plano extremamente revolucionário, mas eu tenho certeza de que é a única salvação para todos nós, responde o flautista.

E ele delineia para o ancião o caminho de libertação através do deserto, que está determinado para toda a comunidade da aldeia.

– Todos devem, confiantemente, deixar a aldeia e todas as suas posses e iniciar uma longa marcha. A direção que devem escolher é do conhecimento de todos aqueles que ainda conhecem o plano. Se o grupo resistir à travessia do deserto, aproximar-se-á então de um oásis, chegará a uma nova região onde terá a possibilidade de uma nova vida.

O músico

– Ir embora? Simplesmente ir para o deserto?, ele faz essa pergunta como se o músico pretendesse encher um charco com água fresca.

– Deixar tudo para trás e depois esperar que tudo vá bem?

– Não, não é assim, responde o flautista. Nós temos certeza de que tudo correrá bem! Este oásis não foi mais

do que um lugar transitório. Esperava-se que nós progredíssemos. Se não o fizermos, viremos a perecer, tanto nós quanto a aldeia. Devemos, em conformidade com o plano, seguir em direção ao próximo oásis. Aliás, lá esperam por nós.

E, depois de uma curta pausa, ele continua:

– A melhor oportunidade é agora. Vocês precisam reconhecer isso!

– Não; isso é pedir demais, não vejo nenhuma conveniência nisso, diz o ancião.

Um sorriso insinua-se em seus lábios, como um escárnio. Abandonar a aldeia é loucura, loucura maior do que as determinações do relatório.

Depois dessas palavras, vira-se e vai embora.

O pequeno grupo

A conversa com o ancião não impede o músico de continuar a tornar conhecido o seu plano. A situação do povoado agrava-se, de modo que as pessoas têm seus ouvidos mais abertos para o plano de salvamento. É tempo de colheita e os campos parecem devastados. Na verdade, agora deveria estar acontecendo uma festa, mas nem se pode tocar nesse assunto.

O músico e os outros que conhecem o plano tornam-no conhecido de tantas pessoas quanto possível.

Muitas delas voltam-lhes as costas, com um balançar de ombros.

– Isso é o que não faremos mesmo!

– Largar tudo o que temos? Não, jamais!

Apenas um pequeno grupo vê o plano e suas possibilidades claramente diante de si e se prepara para abandonar a sofrida aldeia.

– Faremos o que pudermos, prometem ao músico.

Sua confiança no plano é escarnecida por alguns, na aldeia.

– Aqueles que zombam de vocês querem, no fundo de seu coração, ir conosco, porém não se atrevem, diz o flautista.

E todo o grupo acredita que o plano será bem sucedido.

Ainda não se passou um mês desde a conversa do músico com o ancião. Todas as manhãs, a Praça do Mercado está cheia de gente que mais fala do que negocia, mais se queixa do que trabalha. Tem sede e fica mais pobre.

De repente, levanta-se uma nuvem de poeira, ouve-se um chiado e um enorme jipe do deserto passa através das ruas estreitas entrando retumbante na praça.

É um jipe grande e possante como jamais viu a maioria dos moradores da aldeia. Ao volante está uma figura esquisita. Assim que o carro pára, o motorista levanta-se e salta sobre a capota. Ele é alto, tem cabelos negros e ondulados que caem até abaixo dos ombros. Abre os lábios num largo sorriso. Está vestido com um traje branco que ficou todo empoeirado por causa da viagem pelo deserto. Sua chegada atraiu a atenção de todos.

Então, com uma voz simpática, ele fala alto:

– Habitantes do povoado! Este é um grande momento. Hoje os senhores são testemunhas do nascimento de um novo tempo, pois a miséria e a seca pertencerão ao passado para aqueles que seguirem as regras que vou dar.

A estranha figura repete isso mais duas vezes com palavras que soam cada vez mais bonitas e que acabam se impondo a todos os moradores. Eles se entreolham. Não sabem se podem dar crédito às suas belas palavras. Que regras seriam essas?

– Pensem bem: pobreza e seca serão coisas do passado! Que maravilhosa visão do futuro!

Depois, a figura ainda em cima do jipe diz:

– Eu trago para os senhores o novo dinheiro da capital. Há dinheiro em abundância para todos. Vou administrá-lo. Acreditem na minha palavra de que cada um receberá o quanto necessita. Confiem na minha assessoria e nos conselhos que vou dar. Sigam-me e prometo-lhes mais fartura do que jamais tiveram.

A fisionomia desse homem dá a impressão de total inocência e de ter grande familiaridade com a situação. Num lampejo, os habitantes da aldeia depositam confiança nele. Eles se dirigem ao jipe, gritam e se rejubilam. O homem desce da capota e reúne os aldeões em torno de si. Fala-lhes persuasivamente e os anciãos meneiam a cabeça ou concordam conforme lhes convém.

Mudanças

O sujeito do jipe torna-se o novo administrador do lugar. Desse dia em diante, muita coisa mudou no sofrido povoado. Todos os dias um homem busca água fresca da capital com o jipe.

Ela é partilhada justa e equitativamente entre os habitantes. O novo administrador está sorridente e recebe com benevolência os cumprimentos e demonstrações de agradecimento dos aldeões.

A sede parece estar superada. As crianças deficientes são recolhidas num abrigo. O novo administrador providencia tratamento para elas para que possam trabalhar novamente, no entanto, somente sob sua chefia.

Todos os dias novas medidas para erradicar a pobreza e a seca são levadas ao conhecimento do povo.

Todos, sem exceção, devem entregar suas roupas, com as quais os alfaiates confeccionam uniformes que são depois redistribuídos. Assim, há tecido suficiente para vestir todos.

O trabalho na agricultura é sistematizado. Agora, trabalha-se em jornadas diurnas e noturnas. Os habitantes da aldeia recebem a ordem de tomar as refeições juntos, no refeitório comunitário. Desse modo, tudo pode ser controlado e fica assegurado que ninguém comerá mais do que lhe é de direito.

Tudo é regulamentado, organizado e controlado até o mínimo detalhe. A confiança no novo administrador é grande e o povo segue as suas ordens com fidelidade e valentia. Em algumas ruas, porém, ainda há um certo mau cheiro. O número de ratos continua aumentando. O jipe não traz água suficiente para banhar os animais domésticos, que estão doentes, e o novo dinheiro só é distribuído uma vez por mês.

Entretanto, os méritos do novo administrador pesam mais do que as suas falhas. E, assim, sem que alguém na aldeia se dê conta disso, todas as providências que estavam relacionadas no relatório, naquele relatório oficial de cinco para o meio-dia, são levadas a efeito até nos seus pormenores.

A despedida

E o que é feito do pequeno grupo que acreditou no plano? Desde que o novo administrador se tornou senhor e prefeito do povoado, ele é mais ridicularizado do que antes e tido como louco.

– Vocês vêem agora que não é necessário deixar a aldeia? Percebem que se enganam? Podemos

considerar-nos felizes por não terem concretizado seu plano. Agora tudo está melhor.

Até mesmo no pequeno grupo existem pessoas que perdem a confiança no plano e desistem de sua decisão de atravessar o deserto.

Uma única vez o administrador zomba publicamente do antigo plano, mas essa única vez basta. Desse dia em diante, o grupo que deseja ir embora mantém seu plano em rigoroso segredo e secretamente prepara sua partida. Agora que tudo pertence à comunidade, eles não dispõem mais de seus próprios camelos, por isso terão de ir a pé. Como a água é racionada, eles não têm outra coisa a fazer senão levar a água turva que resta no poço quase seco. Este ainda está à disposição. Durante algumas semanas eles têm de sair do refeitório levando alimentos escondidos sob suas roupas para a longa viagem. É preciso superar essas dificuldades. Apesar disso, eles vão!

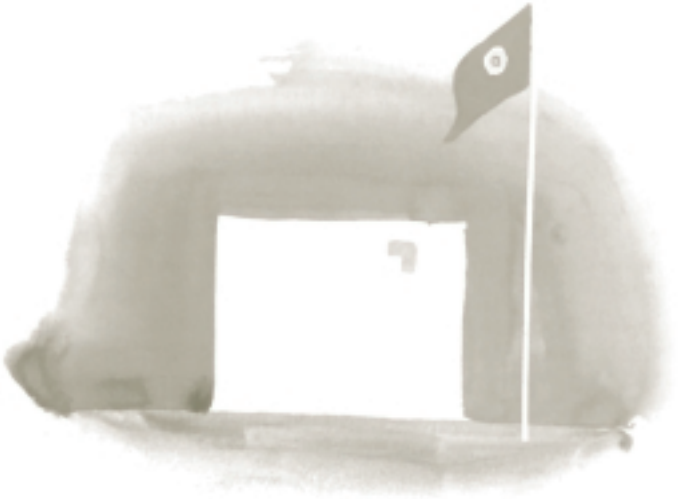
Uma manhã, muito cedo, eles abandonam a aldeia.

É apenas um grupo muito pequeno. Dispensam o uniforme e usam novamente sua antiga vestimenta.

Na fronteira entre o árido terreno da lavoura e o deserto sem fim, eles olham para trás mais uma vez. Assim, despedem-se definitivamente. Desse momento em diante, canalizam toda a sua energia, com total abnegação, para a viagem ao novo campo de vida.

A partida desse pequeno grupo acelera o fim da aldeia. Num último ímpeto de vontade, ela mantém-se ainda por algum tempo. Depois chega a morte, irreversivelmente. A renovação ilusória se desfaz como uma vela que se extingue.

Entretanto, o grupo que começou a executar o plano entra no novo campo de vida.



O Caminho para Noverosa

– Benzinho, venha aqui com seu marido. Há uma surpresa lá fora.

– Olá, querido! Assim você me deixa muito curiosa! O que me espera lá fora?

Ela abriu a porta... e lá estava ele: um Peugeot azul escuro, com as portas abertas e a chave no contato. Era para ela! Um segundo carro, para fazer compras. Algumas mulheres da vizinhança já tinham carro há muito tempo, enquanto ela ainda tinha de ir ao supermercado de bicicleta. Felizmente agora isso é passado. Ela poderia encarar as vizinhas de novo.

Sim, as coisas iam bem para a família van Dalen. Sua vida transcorria sem dificuldades. Moravam há cerca de cinco anos numa casa própria em Oermassen, uma pequena localidade a oeste de Brabants. O senhor van Dalen trabalhava em um grande escritório ali perto. Há algum tempo havia sido promovido a chefe de departamento por sua dedicação ao trabalho. Toda noite ele chegava cansado em casa e dizia:

– Puxa... que dia eu tive hoje!

Enquanto calçava seus chinelos, perguntava:

– Alguma novidade hoje, querida?

Ao mesmo tempo, engolia o jantar – seu prato preferido era um cozido com almôndega – e, ao terminar, comentava:

– Você cozinhou maravilhosamente outra vez, benzinho.

Em seguida ligava a televisão e mergulhava na sua grande poltrona de couro.

A senhora van Dalen olhava para seu marido e dizia com um leve meneio da cabeça:

– Hã-hã...

Ela sentia, sim, muito orgulho de seu marido.

E, naturalmente, havia ainda seus dois filhos: Edwin e Isabel. Edwin ia muito bem nos estudos. Era um menino aplicado e já sabia perfeitamente que, mais tarde, exerceria a mesma profissão de seu pai. A respeito de Isabel sempre diziam:

– Você é muito parecida com sua mãe.

– Hã-hã..., confirmava ela, balançando a cabeça.

Podemos dizer com toda razão que as coisas iam bem para a família van Dalen. Por isso, o senhor van Dalen também dizia freqüentemente à esposa:

– Que família simpática nós temos, querida!

E ela respondia:

– Hã-hã...

E assim adormeciam, felizes.

Pois bem, nessa época eles não imaginavam que pudesse acontecer algo que viria a afetar a família, o futuro e a sua boa reputação entre os vizinhos.

Esse algo que estava para acontecer também não é de se esperar quando estamos mais velhos e só mesmo com muita tintura conseguimos dissimular que, na verdade, já estamos bastante grisalhos. E foi por uma situação semelhante a essa que a senhora van Dalen passou.

Começou com uma leve dor na barriga. Depois veio a fase na qual ela pensava que suas saias haviam encolhido ao serem lavadas. Porém, depois de algum tempo, não havia mais dúvida: a tão feliz e pacífica família, de dois pais orgulhosos e duas crianças ajuizadas,

teria o acréscimo de uma quinta pessoa ainda desconhecida. Isso mesmo, a senhora van Dalen estava grávida aos quarenta e cinco anos de idade.

Joris mudou muito a vida tranqüila na casa dos van Dalen. Quando, depois de seu nascimento, seus pais, curvando-se sobre o berço, faziam considerações sobre com quem ele se parecia, de quem era o nariz, de quem eram os olhos e as orelhas, diziam:

– Não se parece muito conosco.

E sempre repetiam essa frase nos anos seguintes.

Tudo começou de maneira bem inocente. Porém, mais tarde, papai e mamãe van Dalen diziam que estes já eram os primeiros sinais. A primeira coisa razoável que o garoto Joris falou, foi num momento em que seu pai, morto de cansaço ao chegar do trabalho, desabava na cadeira. Antes que seu pai dissesse alguma coisa Joris balbuciou:

– Hã-hã... que dia eu tive hoje!

Logo depois ele já conseguia imitar a mãe com perfeição. Sempre que acontecia qualquer coisa, ele dizia meneando a cabecinha:

– Hã-hã...

Isso deixava sua mãe muito nervosa.

Tudo bem, enquanto era só dentro da própria família. A coisa se tornou mais grave quando ele começou a fazer isso diante dos estranhos. E assim foi que a vizinha, que era muito bisbilhoteira, logo deixou de vir à casa da senhora van Dalen para um chá porque, sempre que lá estava, Joris corria ao seu encontro e cacarejava como uma galinha. E também a outra vizinha, uma senhora bastante obesa que usava muitos adornos, não vinha mais nos últimos tempos, porque Joris, na sua presença, perguntou à sua mãe:

– Mamãe, essa não é a mulher que você e papai chamam de "o elefante aí do lado"?

Como seus pais ficaram bravos! Nessa noite, pela primeira vez, ele foi para a cama e chorou porque não entendia nada o que as pessoas faziam. Pois, afinal, sua mãe sempre dizia:

– Hã-hã...

Mas quando era ele quem dizia, achavam ridículo! Então sua mãe também não era ridícula? E a vizinha, quando falava, não parecia uma galinha? Quando ele fazia isso era engraçado. Então, a vizinha também era engraçada. E não foi ele quem inventou que a outra vizinha era um elefante. Quem disse isso foram os seus pais. Então, por que ninguém podia contar isso para ela?

Rapidamente espalhou-se pela vizinhança o comentário de que o filho dos van Dalen não era normal. Joris percebeu que, quando passava pela rua, as pessoas chocavam-se umas com as outras para se desviarem dele.

As coisas ficaram mais sérias depois do serviço religioso no qual ele deveria ser batizado. Joris ficou durante todo o tempo olhando para aquele homem de vestimenta escura, ali parado, que falava com uma fisionomia inexpressiva.

– Este homem... este homem não é autêntico. Alguma coisa acontece com ele.

Joris sentiu calafrios. Agora ele sabia com certeza que esse homem usava uma máscara. Esse rosto inflexível não podia ser verdadeiro! Quando o homem veio em sua direção para batizá-lo, Joris levantou-se num pulo e puxou. Puxou o rosto dele com ambas as mãos e com tanta firmeza quanto podia. Mas aquilo não era uma máscara! Pelo menos não uma que ele pudesse arrancar.

Enquanto Joris era retirado energicamente da igreja, ainda ouviu aquele homem resmungando.

– Vocês estão vendo?, perguntou Joris, Não era uma máscara... os gestos e as pragas que vocês estão vendo e ouvindo agora é que são o verdadeiro rosto desse homem.

Ninguém entendia Joris e ele nada compreendia das pessoas. Muitas vezes, à noite, deitado na cama, ele pensava:

"Ora! Por que me sinto como um forasteiro? Que tipo de criaturas são os homens?"

Ainda há muitas histórias para contar sobre Joris.

Outras crianças eram estimuladas com observações como estas:

"Se você for uma criança boazinha, um dia terá um emprego tão bom quanto o do seu pai."

Joris não queria absolutamente ficar como seu pai.

Uma vez ele tirou uma quantia bastante alta da carteira de sua mãe para contribuir com uma coleta para o povo do terceiro mundo, pois achou que eles poderiam muito bem passar sem um pouco de dinheiro.

Em outra ocasião, ele arranjou um esconderijo secreto na igreja para escutar as pessoas que entravam para rezar, pois queria muito saber quais eram os maiores desejos das pessoas em suas orações.

Teve ainda o caso em que toda a cidade de Oermassen pensou que o mundo acabaria de um dia para o outro porque correu um boato de que um grande cometa atingiria a terra. Joris havia espalhado o boato para ver como as pessoas reagiriam em tal situação e teve um grande êxito com isso. Estabeleceu-se um grande caos. Homens que levavam o tempo todo uma vida decente e irrepreensível deixaram repentinamente suas mulheres para passar esses últimos dias numa vida boêmia e perdulária. E gente que jamais havia ido à igreja, de repente entrava para uma ou outra religião. Joris aprendeu muito com isso.

Ontem, ele refletiu mais uma vez sobre os acontecimentos enquanto passava férias com seus pais. Estava dando um passeio que o levou através de um grande bosque de pinheiros. Depois de algum tempo, o bosque se abriu e uma grande clareira arenosa surgiu à sua frente. Joris quase nem a percebeu, de tão absorto que estava. Ele só levantou os olhos de novo ao passar por uma grande árvore isolada que se erguia no meio da clareira. Passou por um parque infantil com balanços azuis, depois por um certo número de barracas, um grande prédio com dormitórios, um estacionamento e, por fim, por um trecho livre coberto de asfalto, perto de um gramado. Na borda desse lugar erguia-se um mastro do qual pendia, tremulando, uma bandeira azul. Joris caminhou um pouco mais adiante ao longo de um atalho passando por uma casinha branca. Era dez e meia. O dia estava muito quente e Joris estava extenuado com a caminhada, por isso, ele procurou um lugar no gramado junto a uma grande construção em cuja fachada pendiam dois grandes sinos. Cansado, encostou a cabeça na parede.

Ah... O que ele ouviu ali? Estava tudo quieto ao redor e ele pôde ouvir com grande atenção uma história que estava sendo contada justamente naquele momento no Templo de Noverosa.

O que se passou com Joris em decorrência dessa história não podemos descrever com palavras. Quando saí para o roseiral, após o serviço, eu o vi ali, em pé, visivelmente tocado. Foi então que me contou toda a história de sua vida, tal como a contei resumidamente para vocês. Falou das questões existenciais que reconhecia em seu interior, como se tivessem sido colocadas pela manhã.

– Estou realmente à procura do sentido de minha vida, mas as pessoas não me entendem e têm medo de mim, disse ele.

Disse-me também o quanto ficou feliz quando, terminado o serviço do templo, viu que as pessoas que saíam dali não eram gente entediada, enlevada ou nervosa. Pelo contrário, eram crianças comuns como ele, que levam uma vida normal e que, de vez em quando, fazem travessuras; mas, que também vão ao templo para ali, em silêncio, refletir sobre o significado da vida.

– Nunca tive essa experiência. Sempre me senti solitário numa cidade onde ninguém me entendia. Por que não cresci aqui? Essas crianças devem ficar muito felizes quando podem vir aqui.

– Sim, eu disse, mas continuam sendo crianças normais. Elas também moram em algum lugar, em alguma cidade. E, assim como outras crianças, às vezes elas vão um pouco mais longe e também vêm até aqui.

Joris ficou bem quieto. Pensei que, talvez, tivesse sido melhor eu não ter dito aquilo, pois poderia ter sido uma decepção para ele. Porém, depois ele disse:

– Com certeza não é tão ruim. Desde pequenas elas não conhecem outra coisa e não sofreram como eu. Estou certo de que, para elas, não é simplesmente um vir aqui, mas há nelas algo oculto que anseia por vir aqui. E todas conhecem esse sentimento. Não pode ser diferente. Pois eu não as vi quando saíram do Templo?

Ele olhou assustado para o seu relógio e disse:

– Preciso ir, pois hoje voltaremos para Oermassen.

Levantou-se depressa, colheu uma rosa vermelha e foi embora. Voltou-se mais uma vez.

– Mas, eu vou voltar, pois tenho certeza de que aqui encontrarei amigos que têm as mesmas dúvidas que eu.

Com essas palavras, ele desapareceu no bosque.

Naud

A massa humana escoa indolente pelas ruas como densa lama. A cidade é novamente insuflada com força de trabalho.

Com sua bicicleta, Naud abre caminho em meio à multidão. Ele já está acostumado com isso. Contudo, notamos que as pessoas só vestem roupas pretas ou brancas. Por quê? Então, Naud estaciona sua bicicleta sob a marquise que se projeta ameaçadora para frente, empurra a porta de uma antiga tipografia e entra. A porta se fecha atrás dele, de modo que o ruído matinal da rua emudece instantaneamente.

– Dia, Jaap!

– Dia, Naud!

Naud trabalha como aprendiz na tipografia e Jaap, apenas poucos anos mais velho, é seu mestre. O chefe da oficina é o senhor van Dongen. Ele ainda não está, pois só chega às oito e meia – horário de escritório. É um homem muito ocupado, muito rigoroso e intransigente com o seu pessoal.

Jaap ensina muita coisa a Naud na gráfica e ainda tem tempo para alguma brincadeira. Naturalmente, às vezes, há alguma tarefa nada interessante, mas, enfim, "...ossos do ofício", diz sempre Jaap.

Com muita freqüência podemos encontrar Naud no depósito onde, acocorado em meio à poeira, entre caixas de tipos de chumbo de todos os tamanhos e de toda espécie, folheia pilhas de provas de impressão. Lá se encontra de tudo um pouco: velhos cartazes, convites,

documentos com uma impressão dourada que só é visível depois de soprada a grossa camada de poeira que, assim, cai lentamente no chão.

– Hei... Naud, onde está você? grita Jaap. Com certeza de novo no depósito remexendo nos velhos cacarecos, não é? É hora de almoçar.

Naud larga aquilo com que está ocupado no momento e, devagar, atravessa o aposento até a escada. Olha em torno de si. Seus passos levantaram muita poeira que agora se espalha pelo espaço como um véu cinzento. A luz do sol, que entra pela janela do telhado, é filtrada através do véu de poeira, resultando numa luz suave que torna difusos os contornos das coisas amontoadas e dá ao ambiente um aspecto de certo modo misterioso. Enquanto ele desce a escada íngreme, esta imagem afasta-se de seus olhos.

Em silêncio, Jaap e Naud sentam-se à mesa, nos fundos da tipografia, para comer seu lanche. Eles nunca falam muito. Jaap não é homem de longas conversas. Não é de muitas palavras, mas exprime sua opinião de modo honesto e franco.

Enquanto segura seu último pedaço de pão com manteiga, Naud está mergulhado em seus pensamentos, que se encontram num lugar muito diferente. Está num pequeno quarto em algum lugar da cidade. A pilha de livros, jornais e revistas que estão espalhados pelo quarto, forma um quadro familiar para ele. Junto à janela está sentado um homem idoso. Seu nome é Kaspar e é seu melhor amigo. Não há ninguém a quem ele confidencie seus segredos mais do que a Kaspar. Com ninguém mais ele mantém conversas tão longas e de tanta sensibilidade sobre a vida neste lugar, sobre as pessoas na cidade e, em especial, com relação à questão: "por que os habitantes usam um traje preto ou branco – por quê?"

Uma vez, nas muitas conversas que Naud teve com ele, Kaspar disse:

– Quem faz o bem a seu próximo e a seu ambiente usa uma veste branca mais ou menos pura. Contudo, a cobiça do ser humano se manifesta com muita freqüência. Ele quer possuir uma parte de tudo. Pode acontecer que ele encontre uma pessoa abandonada na rua, implorando sua ajuda, e ele passe apressado só para não perder a palestra de algum catedrático sobre o tema "Quem faz o bem purifica sua veste". Afinal, o que os outros pensariam se ele chegasse atrasado?

Como você certamente percebeu, os assim chamados trajes brancos já apresentam manchas, e o tecido fica cor de cinza. Isso pode chegar a tal ponto que a roupa fica preta, tão negra quanto a noite mais escura.

Não, Naud nada pensa a respeito da preocupação com a roupa. Ele não quer trocar, em determinado momento, a sua roupa infantil por um traje desses como o fazem todas as outras crianças que, ao ficarem mais velhas, deixam de lado a ingenuidade e a honestidade. Não, isso não! Ele quer permanecer ele mesmo, como seu amigo Kaspar que usa uma roupa que não é branca nem preta.

– Hei! O que você está resmungando sozinho, Naud?

Ele leva um susto e, com uma cotovelada, empurra sua maçã que cai pesadamente no chão. Com a queda, forma-se uma mancha onde a fruta foi amassada.

– Ih... uma marca de impressão...

Naud está irritado.

– Por que me assustou tanto, Jaap?

– Você resmunga como um velho. Minha opinião é de que anda vasculhando demais no depósito. Isso não

é bom para você. Assim, vai juntar muita poeira no seu cérebro e você não vai conseguir pensar direito. O que anda procurando por lá onde só tem quinquilharia?

– Ah, nada na verdade, responde Naud e sorri. Eu acho as coisas tão interessantes! Tem coisas incríveis ali.

Depois os dois voltam para o trabalho, cada um ocupado com seus próprios pensamentos.

Lá fora já está escurecendo.

– Você varre o chão antes de sair? pergunta Jaap.

Pouco tempo depois, Naud já está na porta. Pega rapidamente sua bicicleta para ir para casa.

– Puxa! O farol da bicicleta não está funcionando de novo! Que azar! Então, vou sem ele mesmo.

Em casa, o jantar está servido. Sua tia, com quem mora, cuida bem dele. Ela sempre prepara também um prato para Kaspar.

Nesse momento está chovendo. É só descer a viela que dá na praça. Ali mora Kaspar. Não é longe. Como sempre, ele está sentado junto à janela. Devagar, faz a refeição e conta sobre o livro que está em seu colo. Naud ouve atentamente. Kaspar lê muito, tem um monte de livros empilhados a seu redor. Naud, às vezes, pergunta:

– Por que você lê tanto?

– Estou pesquisando, responde Kaspar, então. Já procuro há muitos anos e a solução deve estar em algum lugar. Deve haver algo que dissolva o bem e o mal, o branco e o preto, em nada, e que assim faça a veste dos moradores desta cidade escorregar de seus ombros e se desfazer na poeira.

Naud é um dos poucos que compreende Kaspar. É que ele busca a mesma coisa.

Naud vai até a torneira do corredor para lavar o prato. Kaspar dá um profundo suspiro. A página do livro vira-se.

– Ler está ficando cada vez mais difícil para mim, Naud. Meus olhos ardem. Às vezes, até uma lágrima cai no meu livro e deixa uma mancha escura e úmida no papel. Daí, eu tenho de interromper a leitura. Mas, um dia encontraremos esse algo que estamos buscando, Naud.

– Estou convencido disso, Kaspar.

Nessa noite, Naud não consegue conciliar o sono. A lua banha seu rosto com uma luz de um branco leitoso. O quarto está claro. Ele não deixa de pensar nas palavras de Kaspar. Uma profunda compaixão emerge dentro dele ao lembrar-se dos olhos de Kaspar. Pouco a pouco ele vai ficando velho, muito velho. Uma nuvem move-se ocultando a lua. Lentamente Naud cerra os olhos.

Alguns dias mais tarde, a chuva tamborila no telhado do depósito. Naud está perto de uma das janelas e examina uma folha de papel que segura contra a luz. Vê-se nitidamente a marca d'água. É uma cabeça de leão, uma poderosa cabeça de leão. De repente, o papel resvala entre seus dedos e tremula no ar como a folha de uma árvore ao cair. Ela flutua por baixo da mesa e pousa sem ruído no assoalho defronte de um armário aberto. Acompanhando o trajeto da folha, Naud contorna a mesa. Ao abaixar-se para apanhar o papel, seu olhar recai sobre a última prateleira do armário. Ali ele vê uma porção de pranchinhas de madeira. Ele tira uma delas do armário. Imagens de toda espécie estão entalhadas nela, com traços firmes. Ele descobre que muitas das ilustrações são letras em escrita invertida. Espalhando tinta sobre a pranchinha de madeira e pressionando-a sobre um papel branco, poderia tornar a imagem identificável e a escrita legível.

"São matrizes de impressão muito antigas", pensa Naud.

Ele observa com grande admiração as linhas artisticamente entalhadas.

Continuando a procurar no armário, ele olha todas as outras matrizes. Bem atrás há mais uma, pequenina. Ele a pega nas mãos. Letras graciosas estão entalhadas ali e, no centro, acima das letras, encontra-se uma rosa magnífica. Sobre toda a tábua há uma camada de ressequida tinta dourada.

"Um espelho, deve haver um espelho em algum lugar... Lá no canto".

Ele vai até lá e, pondo-se de joelhos, segura a matriz diante do espelho empoeirado, que está torto, apoiado na parede. Ele limpa o espelho com a manga da camisa e olha. Não dá para ler. A tinta cobre os interstícios entre os traços. Ele segue as linhas que parecem entrecortadas. Chegando embaixo, ele consegue, enfim, decifrar alguma coisa. Lá está escrito:

"Nem preto, nem branco..."

Então, uma tábua do assoalho range atrás dele. Naud gela de susto. No espelho ele reconhece o escuro perfil de alguém que deve estar parado atrás dele. Diante dele, bem próximo, ele vê dois olhos arregalados e aterrorizados. Seus próprios olhos! O vulto põe-se em movimento e, pousando o olhar na matriz dourada, arranca-a das mãos de Naud. É o senhor van Dongen, seu chefe.

– O que você está fazendo, garoto? Você não tem nada que procurar aqui! Dê o fora! Ao trabalho!

Naud desce as escadas em dois pulos. Ele corre para a rua atravessando a tipografia. Logo depois, deixa-se cair na cama de Kaspar e, ofegante, conta-lhe o que aconteceu há pouco.

Depois de longo silêncio, Kaspar diz:

– Você descobriu uma coisa muito valiosa, Naud. Sinto que estamos nos aproximando de nosso objetivo.

Essa folha de papel na qual a matriz está impressa, essa publicação, é o que precisamos encontrar.

Passam-se dias, semanas, meses. Eles ainda não encontraram nada. Kaspar procura em muitos livros antigos e entre velhos jornais. Naud logo percebe que a matriz desapareceu do depósito sem deixar vestígios.

– Mas, o que aconteceu?

– Eles tentaram tirá-la de mim, diz Kaspar baixinho.

– Tirar o quê?

– Oh, deixe-me apenas deitar-me em algum lugar. Eu não agüento mais.

Naud olha à sua volta. Ah! Ali... um banco. Eles dirigem-se até lá e Naud, cuidadosamente, ajuda-o a deitar.

– Conte-me o que aconteceu, Kaspar!

Com os olhos fechados ele sussurra:

– A publicação, eu a encontrei!

Naud segura as mãos de seu amigo e curva-se sobre ele. Quase não consegue ouvi-lo. Aproximando seus ouvidos do rosto de Kaspar ele entende estas palavras:

– Nem preto, nem branco, apenas pura luz!

Depois nada mais.

– Nem preto, nem branco, apenas pura luz?, repete Naud baixinho.

Ali jaz Kaspar, os olhos fechados, o sorriso da vitória em seu rosto. Ele a encontrou.

Um sentimento de alegria nasce em Naud. Ele olha para sua mão, que ainda segura a de Kaspar. E então seu olhar focaliza a outra mão de Kaspar. Uma outra mão, pequena e delicada, segura-a firmemente. Erguendo os olhos, vê dois radiantes olhos azuis. É uma menina.

– Quem é você?, balbucia Naud. De onde você surgiu de repente?

– Sou Elisa, responde a menina. Vou ajudá-lo. Venha comigo, precisamos ir.



– Sim, mas... Naud olha para Kaspar.

– Está tudo bem, Naud. Venha!

– Sim, eu vou, murmura ele olhando mais uma vez ao redor.

De mãos dadas, eles seguem pela rua. A pequena porém forte mão de Elisa dá-lhe segurança e novo ânimo. Então, caem gotas d'água em suas cabeças. Começa a chover.

– O guarda-chuva de Kaspar, diz Naud, eu o trouxe comigo.

Ao abri-lo, cai alguma coisa de dentro dele. Então, Naud a apanha. É um rolinho de papel. Ele o desenrola cuidadosamente e vê a áurea rosa e as letras douradas. A letra de Kaspar! Ele lê alto o texto:

Está suja e manchada a veste
na qual o homem se move entre o bem e o mal.
Ao invés de procurar no labirinto da vida terrestre,
melhor será procurar em teu próprio ser.
Encontra ali a chama do fogo sagrado
no qual, forte e bom, podes viver.
Para a tua hora, tece uma veste da mais pura luz,
nem preta, nem branca, apenas pura luz.

Os cabelos de Elisa e Naud estão molhados; o guarda-chuva, aberto, está jogado na rua. Nenhum dos dois diz uma só palavra, tão tranqüila e especial está a atmosfera à sua volta. Entretanto, a quietude é bruscamente interrompida, rasgada por uma multidão que dobra a esquina e avança sobre eles.

– Venha depressa!, diz Elisa puxando Naud.

– O que querem?, pergunta assustado.

– O texto! Eles querem destruir o papel! Eles ainda não entendem; eles não conseguem apreender o seu significado. Decerto um dia compreenderão.

Os dois vão embora, correndo através de ruas e vielas, praças e parques. A distância entre a multidão preta e branca que vem gritando e as duas crianças logo se torna assustadoramente menor. Naud olha para trás e toca o peito com a mão. Debaixo de seu casaco está o papel.

De repente, reluz diante deles um longo caminho, de uma luz clara e radiante, que conduz para cima. Naud fecha os olhos por um momento. Num instante, eles já não caminham mais na calçada, porém, seguem a via luminosa. A multidão corre abaixo deles e já não os alcança. Eles sobem mais e mais. Tudo fica muito silencioso, e ao redor deles só há pura luz. Lá longe, Naud enxerga uma figura luminosa. Ele a reconhece. Cheio de alegria pelo encontro, ele grita:

– Eu vou!

Relatos de Viagem

Caro A.!

Dando continuidade às nossas análises, não quero me estressar com desculpas por não ter escrito há mais tempo. É que tudo é muito mais complicado do que pensávamos. Podemos até dizer: vá viajar, percorra toda a terra se necessário, e encontre alguma coisa. Mas quem é que já encontrou algo realmente valioso em suas viagens além da pergunta: afinal para onde temos de viajar?

Uma coisa porém é incontestável: antigamente, as possibilidades oferecidas eram tão simples quanto o nosso modo ingênuo e simples de viajar.

No entanto, temos de nos censurar por uma coisa. Ou melhor dizendo, há uma coisa sobre a qual deveríamos ter refletido mais profundamente: nossos motivos.

Afinal, por que viajamos? Eu só tomava consciência disso quando estava a caminho. Como uma vez em que me meti num compartimento de trem superlotado, onde tínhamos de ficar horas e horas em pé, todos amontoados como sardinhas em lata, e de repente essa pergunta invadiu meus pensamentos.

Nós não precisamos contar um para o outro que no mundo existe sofrimento (não me ocorre outra palavra melhor). Encontramos sofrimento no leste, onde as pessoas vivem curvadas sob o jugo da pobreza, e também no rico oeste, onde as pessoas vivem curvadas

sob a carga da prosperidade. E entre elas estamos nós – e não sei quantas mais – que saem de viagem por acreditar que devem ir em busca de algo. Por isso, eu me perguntava cada vez mais: por que fazemos isso?

Será que isso tem algum sentido? Será que estou ajudando alguém, dessa maneira? Afinal, se ninguém, além de nós mesmos, ganha com isso, então tudo é falso; e eu acredito que você chegou à mesma conclusão.

Aquilo que esperamos encontrar, e, como eu suponho, logo encontraremos, deveria ter um valor absoluto. Uma vez descoberto por quem quer que seja, deveria ter o mesmo valor para todos os homens. Mas, e eu tomei consciência disso ao escrever esta carta, na verdade, cada um tem de procurar e descobrir por si mesmo. E apenas um homem verdadeiramente livre conseguirá encontrá-lo.

Enfim, vou lhe contar tudo o que senti e vivi desde a última carta.

Encontrava-me a caminho da cidade de W., numa viagem prevista para algumas semanas. Como nós não sabíamos – e até agora não sabemos – por quanto tempo os nossos escassos recursos poderiam garantir a nossa sobrevivência, decidi escolher o meio mais simples e mais barato de viajar: ir a pé e, quando possível, de carona. Essa é uma maneira fantástica de viajar. Você pode conhecer as pessoas de cada país, ouvir suas histórias quando elas deixam que você ande com elas e, mais ainda, aproveitar a atmosfera do país. Se em algum lugar do mundo a verdade estiver oculta, a verdade sobre o comportamento humano, é assim que um de nós deve encontrá-la. Ficou comprovado que essa idéia está correta, por mais diferente que tenha sido o que antes nós achávamos.

E então, o que é a verdade?

Será alguma coisa que está oculta em algum lugar? Será uma pedra especial, guardada em alguma gruta escura? Será a palavra de um ermitão que passa sua vida nas altas montanhas?

Se a verdade é isso, tenho de confessar que fracassei. Mas tenho uma forte suspeita de que você também não chegou a lugar algum desse jeito, e que teria sido melhor acabar com esta viagem.

Finalmente cheguei a W. Naturalmente, reservei um quarto no hotel mais barato que pude encontrar, um quarto que só se poderia chamar de miserável, mas apesar de sua nudez e de ter um aspecto descorado e vazio, me impressionou muito.

Evidentemente eu reiniciava a cada dia a nossa busca, na cidade de W. Mas qual era a concepção que tínhamos? Com o que se parece a verdade quando a estamos procurando? Podemos ver a verdade? Podemos ouvi-la? Será ela alguma coisa? Será alguém?

Encontrei-me com um número incontável de pessoas, procurei em inúmeras cidades onde, conforme me disseram, aquilo que procuramos poderia ser tocado pelos homens.

Então, no final de cada dia, eu retornava para o meu quarto desbotado e nu. E você pode imaginar o quanto aquele vazio me oprimia e quase me dava medo.

No entanto, parece que minha consciência foi despertada justamente por esse aposento desnudo.

Para mim, ficou claro que as nossas viagens e pesquisas não tinham apresentado resultados até aquele momento e que nenhum resultado poderiam trazer além do reconhecimento de como a pesquisa não podia ser feita. Afinal, aquilo que procuramos é diferente, atua de modo diferente daquele que podemos apreender. Aquilo

não está em lugar algum – a não ser aqui, em W., neste quarto de hotel.

Deve haver muita gente procurando por isso, A., exatamente como nós. Mas a muitos já foi permitido encontrar onde nós ainda tateamos na completa escuridão. Não somos peregrinos solitários ou exceção em meio ao restante da humanidade. Foi isso que ficou claro para mim no aperto daquele vagão superlotado. É válido viajar, pesquisar, sim. Mas encontrar, isso já é outra coisa. Talvez seja isto: refletir num quarto vazio, ser acolhido no silêncio.

Prefiro exprimir isto de modo diferente: é algo que, de um modo ou de outro, tem a ver com outra coisa, porque aquilo que procuramos tem um valor absoluto. Deve libertar os homens de todo o sofrimento. Deve redimi-los de suas inúteis e eônicas viagens; naturalmente, se eles próprios quiserem.

Será uma missão impossível? É certo que o fato de sermos muitos me deixa muito esperançoso.

Um abraço,

K.

Prezado K.!

Obrigado pela sua carta. Eu já esperava mesmo o seu relato.

Obviamente estive ocupado com essa pesquisa e cheguei ao mesmo resultado que você, apesar de que (e este é o lado divertido de tudo isso) eu a conduzi de uma forma completamente diferente. Conversei com as pessoas e, com isso, não dei um passo para fora de casa. Conversando e lendo também viajamos, em um

certo sentido, não é verdade? Mas veja o que aprendi com minha viagem:

Sob os cordões nervosos da terra, ao longo das correntes etéricas que fluem ao redor de nosso planeta, este viajante, o homem, já traçou as suas rotas por séculos e séculos. As tribos mais antigas mudavam sempre para mais longe, atrás dos rebanhos que conheciam as trilhas muito melhor do que o caçador, e seguiam as correntes da vida do planeta num ritmo rápido.

O homem precisou participar da caçada na luta pela subsistência, em busca de seu alimento. Houve a migração de povos inteiros, não mais seguindo os rebanhos, porém, para obter melhores solos ou melhores condições de vida.

No entanto, também havia os viajantes solitários.

O velho filósofo viajava para aprender, à procura de lugares místicos, em busca da iluminação. O viajante da Idade Média dirigia-se a diversas cidades de peregrinação. No caminho, fazia penitências, recebia absolvições, acreditava estar se purificando, o que, de certa forma, também ocorria. Muitas vezes ele era roubado também.

Na Renascença, o artista também fazia "a grande viagem" por toda a Itália para contemplar as ruínas das obras dos antigos arquitetos e seus melhores trabalhos. Na procura pelas "leis divinas da arte da construção", ele media as ruínas e repetia, vezes sem conta, suas antigas fórmulas originais.

A partir da metade do século XVIII, o viajante estava mais bem equipado e tinha um motivo completamente diferente para viajar. Ele buscava um ideal estético interior, desejava experimentar a beleza. Ele não viajava somente atrás de proporções e números

exatos – ele queria descobrir a beleza que sempre se oferecia aos seus olhos por detrás de cada ângulo. O elevado, o sublime, como ele o chamava, tinha-o sob controle.

E através de todos os séculos existiram mercadores, ladrões, artífices e marinheiros, que precisavam viajar simplesmente para garantir a sua subsistência.

Entretanto, existe também uma viagem que pode ser uma busca.

Você sabe, meu caro K., que já tínhamos chegado à conclusão de que o impulso causado pela vinda de Cristo foi o momento de transição essencial para a humanidade atual. Não por causa do Cristo-personalidade, que segundo consta viveu há 2000 anos. Mas pelo ponto de mutação que é uma ligação de fogo! Uma ligação magnética nova e direta do Cristo cósmico com o coração deste planeta! É o éter de fogo, o amor que se concentra cada vez mais fortemente na atmosfera do planeta.

Na época do nascimento de Cristo, as pessoas viajavam em busca de melhores oportunidades de vida.

O homem da Idade Média viajava para lugares onde diziam que havia manifestação de "sinais" de Cristo.

E o viajante moderno, já desde o romantismo, está à procura de um movimento para o interior, em busca da beleza, sob os ditames da beleza. Ele fica quase louco à procura do vislumbre de uma nova base de vida para aliviar o seu interior, tão degenerado e ferido.

Quanto tempo ainda vai demorar até que o verdadeiro significado das palavras finais de um dos Evangelhos, "Ide, e fazei meus filhos os povos, e ensinai-os a observar os meus mandamentos" seja aceito em sua mais elevada e verdadeira forma?

Para isso não é preciso viajar; apenas devemos realizá-lo em nós mesmos.

O que hoje é realizado por um pequeno número de pioneiros, em futuro longínquo significará um caminho para a humanidade.

Creio que é a esse grupo que você se refere, prezado K.

São pessoas que vêem ao longe a nova base de vida: o campo da ressurreição. Elas dominaram a necessidade de mudança constante.

Nelas existe o amor de Cristo. Através de sua atitude de vida, que tudo renova, elas estendem as novas correntes etéricas por toda a terra, elevando o éter de fogo. Diante delas está o novo objetivo de vida: o novo campo de vida.

Um abraço cordial e até breve,

A.

LIVROS PUBLICADOS PELA

EDITORA ROSACRUZ

OBRAS DE J. VAN RIJCKENBORGH	• O advento do novo homem • A arquignosis egípcia – em 4 volumes • Christianopolis • Confessio da Fraternidade da Rosacruz • Dei Gloria Intacta • Fama Fraternitatis RC: O chamado da Fraternidade da Rosacruz • Filosofia elementar da Rosacruz moderna • Um novo chamado • O Nuctemeron de Apolônio de Tiana • As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz v.I e II
CATHAROSE DE PETRI	• Cartas • A Rosacruz Áurea • O selo da renovação • Sete vozes falam • Transfiguração
CATHAROSE DE PETRI E J. VAN RIJCKENBORGH	• O caminho universal • A Gnosis universal • A grande revolução • O novo sinal • Reveille!
MIKHAIL NAIMY	• O livro de Mirdad
KARL VON ECKARTSHAUSEN	• Algumas palavras do mais profundo do ser
OUTROS TÍTULOS	• O evangelho dos doze santos • Trabalho a serviço da humanidade
LIVROS PARA A MOCIDADE	• Histórias do roseiral • A luz sobre a montanha de cristal
REVISTA PENTAGRAMA	Uma edição bimestral que se propõe a atrair a atenção dos leitores para o desenvolvimento da humanidade

EDITORA ROSACRUZ
Caixa Postal 39 – 13.240 000 – Jarinu – SP – Brasil
Tel (11) 4016.4234; fax 4016.3405
www.editorarosacruz.com.br
info@editorarosacruz.com.br